

JAMILLE MILITÃO DE SOUZA

**GRAUS DE EXPLICITAÇÃO EM REESCRITA DE PRODUÇÃO TEXTUAL:
ANÁLISE, COM BASE NA TEORIA DA RELEVÂNCIA, DOS EFEITOS
DA INTERVENÇÃO ORAL DOCENTE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

Universidade do Sul de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Rauen.

TUBARÃO, 2006

JAMILLE MILITÃO DE SOUZA

**GRAUS DE EXPLICITAÇÃO EM REESCRITA DE PRODUÇÃO TEXTUAL:
ANÁLISE, COM BASE NA TEORIA DA RELEVANCIA DOS EFEITOS
DA INTERVENÇÃO ORAL DOCENTE**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão – SC, dia de mês de 2006.

Prof. Dr. Fábio José Rauen

Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Avaliador 01

Universidade de Local

Prof. Avaliador 02

Universidade de Local

A minha mãe, Zenaide, que com certeza foi minha primeira mestra, alfabetizadora, incentivadora e grande amiga.

Aos alunos do Terceirão 2005 do Colégio Coopeimb pela cooperação e respeito na realização de toda a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e presença constante nas horas incertas.

Ao orientador, Prof. Dr. Fábio José Rauén, pela paciência, dedicação, sabedoria e humildade em propiciar abertura para novos conhecimentos e em especial a Teoria da Relevância.

A meus pais, Ademar e Zenaide, pelo afeto e pela compreensão em todos os momentos.

A minhas irmãs, Mariana e Daniela, por serem meu ombro amigo nas horas de desabafo e transmitirem alegria e otimismo quando tanto precisava.

A coordenação e professores do Colégio Coopeimb, pela aceitação e incentivo na concretização da pesquisa.

“Há homens que, da sua ciência, têm a cabeça cheia; há sábios de todos os tipos; mas eu, sem ser muito experiente, digo que, melhor que aprender muito, é aprender coisas boas.”

(Versos da parte II de Martín Fierro, obra épica gauchesca do escritor argentino José Hernández Pueyrredón).

RESUMO

Esta pesquisa analisou, com base na Teoria da Relevância, os efeitos da intervenção oral docente nos graus de explicitação da reescrita de uma produção textual de alunos da 3ª série do ensino médio do Colégio Coopeimb de Imbituba, SC. Os resultados da pesquisa demonstraram a acuidade dos três níveis representacionais – forma lógica, explicatura e implicatura – de Sperber e Wilson (1986, 1995 [2001]) e Carston (1988) para a descrição empírica e explicação adequada dos processos ostensivo-inferenciais envolvidos na interpretação e produção textual. Com base no instrumento de análise de dados e na metodologia adotada por Rauen (2005), foi possível observar que, na reescrita da produção textual, os enunciados foram mais explícitos e influenciados pelas marcas da intervenção docente, pelos ambientes cognitivos ativados nas fases anteriores, e por informações inéditas advindas da elaboração do segundo texto.

Palavras-chave: cognição, teoria da relevância, reescrita.

ABSTRACT

This research has analyzed the degrees of explicitness in textual production rewriting, based on the Relevance Theory, about the effect of the teachers' oral intervention, which was carried out with 3rd grade High School students from "Colégio Coopeimb", Imbituba (SC). The collected data demonstrated the efficiency of the use of the three representational levels: logic form, explicature and implicature by Sperber & Wilson (1986, 1995 [2001]) and Carston (1988) in empiric description and adequate explanation of the ostensive-inferential processes evolved in textual interpretation and production. Based on the data analysis instrument and on the methodology adopted by Rauen (2005), this research could describe and detect that in the final text version rewriting, the enunciates were more explicit and influenced by intervention marks and by cognitive environments activated in previous phases, referent to the base text, to the first text and to the unprecedented information obtained from the second text elaboration.

Keywords: cognition, Relevance Theory, rewriting.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTO TEÓRICO	13
2.1	<u>DO MODELO DE CÓDIGO À ABORDAGEM GRICEANA</u>	14
2.1.1	<u>Grice e seu modelo inferencial</u>	15
2.1.2	<u>Contexto e conhecimento mútuo</u>	19
2.1.3	<u>Ambiente cognitivo e manifestabilidade mútua</u>	20
2.2	<u>TEORIA DA RELEVÂNCIA</u>	22
2.2.1	<u>Comunicação ostensivo-inferencial</u>	25
2.2.2	<u>Mecanismo dedutivo</u>	31
2.2.3	<u>Implicações analíticas e sintéticas</u>	36
2.2.4	<u>Relevância: esforços, efeitos e princípio</u>	38
2.2.5	<u>Níveis representacionais</u>	45
2.3	<u>RELEVÂNCIA E GRAUS DE EXPLICITACAO</u>	49
2.3.1	<u>Comunicação verbal</u>	49
2.3.2	<u>Relevância e textualidade</u>	51
2.3.3	<u>Graus de explicitação</u>	52
3	METODOLOGIA	55
3.1	<u>HIPÓTESES</u>	55
3.2	<u>PROCEDIMENTOS DA COLETA DOS DADOS</u>	57
3.3	<u>PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS</u>	60
4	ANÁLISE DOS DADOS	65
4.1	<u>ANÁLISE DO TEXTO DE BASE</u>	65
4.2	<u>PRODUÇÕES TEXTUAIS DO ALUNO 01</u>	68
4.2.1	<u>Primeira produção textual</u>	69
4.2.2	<u>Intervenção oral docente</u>	78
4.2.3	<u>Segunda produção textual</u>	85
4.2.4	<u>Considerações</u>	93
4.3	<u>RECORTES DOS DEMAIS TEXTOS</u>	96
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>110</u>
	<u>ANEXO A – PRODUÇÕES TEXTUAIS</u>	<u>113</u>
	<u>ANEXO B – INSTRUMENTO DE PESQUISA</u>	<u>131</u>

1 INTRODUÇÃO

A escrita, antes privilégio de determinados grupos sociais, universalizou-se e tornou-se um ativo social indispensável para a própria sobrevivência no mundo moderno. Em função disso, cabe à escola preparar os jovens para o trato com a produção e recepção dos diversos gêneros de escrita. Para docentes do ensino médio que se preocupam com o domínio dessas competências, processos de produção e recepção de sentidos, de coerência e de coesão textuais, de compreensão e interpretação, tornam-se evidentes nessa fase escolar.

Uma das queixas mais recorrentes entre os docentes é a de que os alunos apresentam dificuldades de expressar suas idéias por escrito, escrevendo textos que deixam implícitos vários elementos essenciais para a sua compreensão. Um dos recursos disponíveis para trabalhar esse problema é a prática de reescrita mediada pela intervenção oral ou escrita do docente. Nesse caso, depois da análise do texto, o docente entrevista ou escreve para o aluno de modo a fornecer alternativas que melhorem a qualidade do texto. Todavia, a prática da reescrita dificilmente acontece na escola. A apreciação do docente tem caráter de julgamento, muitas vezes focado na ortografia e na gramática. Portanto, as dificuldades de transpor e de adaptar o conteúdo do registro oral para o registro escrito permanecem inalteradas.

De acordo com Marcuschi (2004), o fato de se falar ou escrever bem não é ter a competência de adequar-se às regras da língua, mas usá-la adequadamente para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Nesse sentido, a Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986, 1995) pode ser uma alternativa viável para trabalhar essas questões,

visto que ela se ancora numa perspectiva cognitiva dos processos de comunicação verbal, que contempla tanto processos de codificação e decodificação como os de inferência.

Segundo Sperber e Wilson (1986, 2001[1995]), a interpretação não pode se restringir apenas a uma dimensão de decodificação ou a uma dimensão inferencial. Portanto,

a comunicação verbal envolve dois tipos de processos de comunicação: um baseado em codificação e decodificação e o outro em ostensão e inferência. Enquanto que o processo de codificação e decodificação não é autônomo, o ostensivo inferencial é. As informações codificadas são úteis apenas em função do processo inferencial, pois comunicam, através dos sinais gráficos ou acústicos, representações semânticas que serão a fonte de hipóteses e evidências para o processo de inferência, o qual se dá através de regras de inferência que se aplicam a qualquer informação conceitualmente representada. (GEDRAT, 1996, p. 57)

Assim, pode-se dizer que as duas dimensões são complementares e desempenham um papel importante no processo de interpretação. No caso da interpretação de textos, a inferência opera a partir da decodificação. ¹Como destacam Silveira e Feltes (1999, p. 77), a interpretação de um texto é algo altamente dependente do contexto cognitivo, no sentido de que este intervém para recuperar adequadamente, através de processos inferenciais, a intenção pretendida pelo autor.

O problema em questão é que o texto do aluno é escrito de tal forma que muitos dos elementos que são fundamentais para a decodificação do leitor não estão explícitos. O custo de processamento do leitor aumenta, na medida em que dele se exige uma competência maior para preencher a proposição dos enunciados escritos. Quando o enunciado é mais explícito, a tarefa do leitor é mais simples, aumentando a relevância do enunciado em função da queda do esforço de processamento.

Na escola, o leitor privilegiado da produção do texto é o professor, cuja função, em tese, é a de otimizar a relevância dos escritos dos alunos. Diante de textos lacunares, entre

¹ Estudos de Blass (*apud* Silveira e Feltes, 1999, p. 64) destacam que a coesão e a coerência não são condições necessárias e nem suficientes para a textualidade. Para ela, relações de relevância estão subjacentes aos julgamentos de boa formação do texto.

tanto, não cabem a ele as desculpas de um leitor comum. Infelizmente, muitas das vezes, os docentes se limitam a atestar problemas de ordem gramatical e deixam de lado a questão essencial de que a função mesma de um texto é a sua compreensão. Apesar das constantes reclamações sobre as limitações dos alunos sobre a aptidão para escrever textos, argumentar idéias, tornar as produções melhor elaboradas, o que se tem feito para que esta realidade seja reparada? Que metodologias estão sendo utilizadas para gerarem efeitos promissores?

Marcuschi (2004) menciona a retextualização como um processo de passagem ou transformação do texto falado para o texto escrito. Nos mais variados eventos lingüísticos presentes no cotidiano dos indivíduos, é possível imaginar atividades de retextualização, reformulação, reescrita e transformação de textos onde os mesmos estejam envolvidos. Seja a pessoa que conta para outra o que leu no jornal ou revista, o aluno que faz anotações escritas da exposição do professor, alguém escrevendo uma carta relatando sobre o livro que leu ou o filme que assistiu, vemos marcas de conteúdos orais e escritos, processos interligados e praticados comumente no dia-a-dia.

Ampliando essa noção de retextualização e enfocando-a na perspectiva da Teoria da Relevância, a metodologia utilizada neste trabalho consiste na elaboração de uma produção textual por alunos da 3ª série do ensino médio. Essas produções voltarão para os seus produtores, mediadas pela intervenção oral do docente, propondo-se a reescrita do texto recebido numa próxima etapa. Nesse sentido, questiona-se, neste trabalho, como ocorrem os graus de explicitação em reescrita de produção textual? O texto reescrito ficará mais elaborado do que o primeiro texto? A intervenção oral docente gera efeitos sobre a reescrita?

Para dar conta dessas questões, esta pesquisa, a partir do primeiro texto, pretende fazer uso dos três níveis representacionais hipotetizados por Sperber e Wilson (1986, 2001[1995]) e desenvolvidos por Carston (1988), quais sejam: a) o nível da forma lógica (dependente da decodificação); b) o nível da explicatura (enriquecimento da forma lógica por

meio de processos pragmáticos de complementação); e, c) o nível da implicatura (elaboração de suposições derivadas da combinação das informações explicadas com o conhecimento enciclopédico do ouvinte/leitor).

Com base nessa metodologia, o **objetivo** desta pesquisa é analisar, com base na Teoria da Relevância, os efeitos da intervenção oral docente nos graus de explicitação da reescrita de uma produção textual de alunos da 3ª série do ensino médio do Colégio Coopeimb de Imbituba, SC. Em outros termos, com base na Teoria da Relevância, e evidenciando a reescrita de produção textual, pretende-se verificar como ocorrem e de onde provêm os graus de explicitação que porventura estarão presentes no texto reescrito pelos alunos.

Para dar conta desse objetivo, esta dissertação foi organizada em mais quatro capítulos. No segundo capítulo, apresentam-se os fundamentos da Teoria da Relevância, desde a questão da decodificação até as considerações de Blass, e Silveira e Feltes sobre a textualidade. No terceiro capítulo, discute-se a metodologia utilizada na pesquisa. No quarto capítulo, faz-se a análise dos dados da pesquisa, utilizando os conceitos e os níveis de forma lógica, explicatura e implicatura e embasado na Teoria da Relevância. Finalmente, no quinto capítulo, apresentam-se as considerações finais.

2 FUNDAMENTO TEÓRICO

Conforme Wilson (2004), a pragmática estuda o uso em vez da estrutura da linguagem. Cabe a ela, estudar como propriedades lingüísticas e fatores contextuais interagem na interpretação de enunciados, ou seja, como a estrutura fonológica, sintática e semântica da sentença enunciada combina-se com fatos sobre o falante, audiência, tempo e lugar do enunciado para gerar uma interpretação particular de um enunciado contexto. Para a autora, o propósito da pragmática é explicar como é preenchido o hiato entre o significado da sentença e o significado do falante.

Entre as muitas possibilidades de abordar a interpretação, a Teoria da Relevância é concebida como uma teoria cognitiva da comunicação. Conforme Silveira e Feltes, seu mérito é ser um amálgama dos pontos fortes de teorias de codificação e decodificação e de teorias inferenciais, descrevendo e explicando, do ponto de vista do destinatário, desde os processos de decodificação lingüística até a produção de inferências.

Este capítulo apresenta as teorias que dão suporte a abordagem teórica da relevância, os elementos essenciais dessa abordagem e algumas aplicações da teoria no campo da textualidade.

2.1 DO MODELO DE CÓDIGO À ABORDAGEM GRICEANA

As teorias hegemônicas de comunicação, desde Aristóteles até a semiótica moderna se baseavam num único modelo de comunicação: o modelo de código ou semiótico. Segundo este modelo, a comunicação é conseguida através da codificação e decodificação das mensagens. Assim,

um código, é um sistema que faz a ligação entre cada mensagem e o sinal que a representa, conferindo a dois mecanismos de processamento de informações o poder de comunicar. Uma mensagem é uma representação que se encontra no interior destes mecanismos de comunicação. Um sinal é uma modificação do ambiente exterior, modificação essa que pode ser produzida por um dos mecanismos e reconhecida pelo outro (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 29).

A Teoria de Código por si mesma não dá conta de explicar a comunicação humana, como se percebe no seguinte exemplo típico de uma sala de aula.

(1)

(a) Professor: Trouxeram as maquetes para o trabalho?

(b) Aluno: O Bruno não veio hoje professora.

Poderíamos inferir que:

(2) Se o Bruno não veio, então os alunos não trouxeram as maquetes.

Conforme Silveira e Feltes (2002, p. 18), a base explicativa do Modelo de Código é a de que a mente se comporta como um recipiente de idéias. Quando o falante toma a palavra, ele transmite por um canal essas idéias – processo de codificação. Cabe ao ouvinte, desempacotar essas idéias, num mero processo de decodificação. Contudo, a funcionalidade da comunicação humana pode se concretizar inferencialmente. Assim, o pensamento comunicado não se reduz àquilo que os sinais representam.

O processo de inferência é bem diferente do processo de decodificação. Na decodificação, toma-se um sinal como input e produz-se, como output, uma mensagem associada

com o sinal através de um código subjacente, que deve ser mutuamente conhecido pelos participantes do ato comunicativo. Na inferência, toma-se um conjunto de premissas como input e produz-se como output um conjunto de conclusões que se segue logicamente de, ou, pelo menos são garantidas por aquelas premissas.

Como explicar a compreensão de mensagens através da mera decodificação de sinais? Tem-se questionado o modelo de código para a comunicação porque não há como explicar a compreensão das sentenças em seu contexto de uso com esse modelo. Seria necessário para isso acrescentar um nível pragmático extra de decodificação ao nível lingüístico fornecido pela gramática. Assim, uma das principais motivações da Teoria da Relevância é de contribuir para uma compreensão dos fenômenos culturais a partir da compreensão desse fator fundamental que é a comunicação humana. Sperber e Wilson engajaram-se em diversos domínios que não têm uma ambição especificamente antropológica, mas têm a ver com as necessidades do domínio que se chama hoje de “Pragmática” – no qual se procura estudar com o conhecimento da linguagem e o conhecimento do contexto integrado na compreensão dos enunciados.

2.1.1 Grice e seu modelo inferencial

A pragmática moderna tem seu início com Paul Grice (1957), quando este, procura apresentar uma alternativa ao modelo semiótico. O modelo inferencial de Grice constitui um ponto de partida para uma nova abordagem do processo comunicacional. Segundo esse modelo, a comunicação é conseguida através da produção e da interpretação das evidências. Para Grice, existe um hiato (espaço) entre a construção lingüística do enunciado pelo falante e

a sua compreensão pelo ouvinte. Esse espaço é preenchido, portanto, não por decodificação, mas por inferência.

Dois idéias centrais transpassam o trabalho de Grice: a) nós não captamos o código, mas a intenção, ou seja, a comunicação pode ser alcançada pelo reconhecimento de certas intenções; e b) as pessoas agem por convenções, a comunicação é também uma atividade cooperativa.

Conforme Grice, a comunicação não é somente uma atividade racional e propositiva, mas também cooperativa. Sua suposição pode ser observada na formulação proposta por meio do Princípio Cooperativo (PC):

Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado (GRICE, 1982, p. 86).

Para haver comunicação, é necessário existir um acordo entre os interlocutores, uma suposição de que o outro deseja cooperar durante o ato comunicativo, foi o que Grice denominou de Princípio Cooperativo. Esse princípio está ligado a quatro categorias denominadas máximas, que, obedecidas, caracterizam uma comunicação bem sucedida. Vejamos as máximas conversacionais que ele propôs:

A máxima de qualidade diz respeito a falar somente o que se acredita ser verdadeiro: “Não diga o que você acredita ser falso!” e “Não afirme aquilo para o qual você não tenha evidência adequada!”

A máxima de quantidade refere-se à contribuição do locutor para com o receptor, visando ambos a um bom entendimento da mensagem, ou seja, a informação em quantidade suficiente: “Faça sua contribuição tão informativa quanto é requerido!” e “Não faça sua contribuição mais informativa que o requerido!”.

A máxima de relevância, ou relação, diz respeito àquilo que é falado e é importante para aquele momento: “Seja relevante!”.

A máxima de modo, dividida em mais quatro sub-máximas, refere-se à objetividade e à clareza do conteúdo comunicado: “Evite obscuridade de expressão!”, “Evite ambigüidade!”, “Seja breve!” e “Seja bem ordenado!”.

Assim, Grice defende que, na conversação, essas máximas constituem o acordo, as diretrizes básicas com finalidades cooperativas que direcionam o uso mais eficiente da língua. É o Princípio de Cooperação na comunicação. Em outras palavras, por meio do Princípio de Cooperação, o interlocutor é capaz de detectar “significados” de natureza inferencial num ato comunicativo, além dos “significados” explicitados pelo falante. Ao significado implícito, Grice denomina implicaturas e as classifica em três casos: a conversacional particularizada, a generalizada e a convencional.

Na **implicatura conversacional particularizada** a interpretação depende da situação comunicativa na qual está inserida. Um mesmo enunciado pode ser diferentemente interpretado quando variam as situações comunicativas em que este se inscreve. Exemplo:

(3)

(a) *Você assistiu ao Fantástico ontem?*

(b) *O que você acha?*

O enunciado acima será contextualizado de duas maneiras distintas, a fim de abstrair dois significados de natureza inferencial diferentes para o diálogo acima. Consideremos as duas situações:

- a) o diálogo acima é de uma professora com um de seus alunos. Os dois estão dirigindo-se à sala de aula, e ela lhe faz a pergunta (A). No entanto, a mesma, havia pedido aos alunos que fizessem anotações da reportagem que mais lhe chamasse atenção no Fantástico. A professora interpretaria a fala do aluno como uma afirmação, que realmente havia feito a lição;

- b) Mas também poderia ser que ela perguntasse sem ter pedido esta atividade e o aluno a quem ela pergunta detesta assistir jornais e, no entanto a professora sabe disso. A professora, desta vez, interpretaria como sendo uma resposta de negação, de que ele (o aluno) não teria assistido ao Fantástico.

Na seqüência, ilustra-se a **implicatura conversacional generalizada**, onde a interpretação depende de pistas lingüísticas. Veja-se o exemplo:

(4) *Algum aluno da 5ª série é hiperativo!*

Por fim, na **implicatura convencional** o significado lingüístico das palavras constituintes do enunciado contribui direta e decisivamente para a interpretação adequada do mesmo. Vejamos os exemplos referente a fala (4).

(4a) *É hiperativo, mas muito inteligente!*

Imediatamente se infere do exemplo acima:

- (a) [Outros] alunos hiperativos [da 5ª série ou da escola] não são inteligentes.
 (b) Hiperativos não são inteligentes.

Um indivíduo que obedecesse ao Princípio Cooperativo, estaria respeitando e não violando nenhuma dessas máximas, ou seja, a conversação deveria ser perfeita e não apresentar falhas.

O modelo inferencial de Grice vai constituir um ponto de partida para uma nova abordagem do processo comunicacional. Através do processo inferencial, seria possível explicar, então, como os enunciados podem comunicar o que tradicionalmente se tem chamado conteúdo explícito e implícito das mensagens. Para Grice, há uma conexão essencial entre o Princípio Cooperativo e as máximas, de um lado, e as implicaturas, de outro.

Nesta seção, foram retomados os pressupostos de Grice, o Princípio Cooperativo e suas máximas e as implicaturas. Reconhecendo os méritos de Grice, a Teoria da Relevância concentra seu estudo essencialmente na Relevância, que passa a uma posição mais expressiva

do que apenas o reconhecimento da intenção comunicativa pelo ouvinte, sobre as informações partilhadas entre falantes e ouvintes.

2.1.2 Contexto e conhecimento mútuo

Na proposta de Sperber e Wilson, o contexto está ligado com os ambientes cognitivos. O contexto vai sendo construído no decorrer do processo comunicacional. Então,

Um contexto é uma construção psicológica formada por um subconjunto das suposições que o ouvinte tem do mundo (SPERBER e Wilson, 2001 [1995], p. 45-46)

O contexto é, fundamentalmente, um subconjunto de suposições do ouvinte sobre o mundo, adquirido no decorrer da vida e renovado a cada processamento de informação. Ele afeta, e mesmo determina, a sua compreensão do mundo. O contexto, então, pode incluir informação por intermédio do ambiente físico, das suposições armazenadas na memória de curto prazo do ouvinte e das suposições armazenadas na enciclopédia mental.

Daí se supõe que o contexto não é todo garantido de antemão, mas vai se renovando no processo de comunicação. Assim, Sperber e Wilson (2001 [1995], p. 76) afirmam que o contexto faz muito mais do que extrair as interpretações não apropriadas: é ele que fornece premissas sem as quais a implicatura não pode ser de modo algum inferida.

Sperber e Wilson defendem a condição de ambientes cognitivos mutuamente manifestos, em vez do conhecimento mútuo no processo comunicativo. O conhecimento mútuo implica uma certeza relativa à mutualidade de conhecimento entre os falantes, especificamente sobre suposições contextuais envolvidas na enunciação. E como esta certeza não pode ser garantida, a hipótese desta manifestabilidade mútua não pode ser sustentada. Um esquema para possíveis checagens dessas informações seria este:

F sabe que P
O sabe que P
F sabe que (ii)
O sabe que (i)
F sabe que (iv)
O sabe que (iii)
e, assim, indefinidamente.

Silveira e Feltes (1999, p. 27) dizem que, esse procedimento não dá garantias de que poderia ser bem-sucedido, além de tomar um tempo que excederia a rapidez efetiva dos processos de produção e compreensão de um enunciado. A aplicabilidade de um conhecimento mútuo na interpretação, mesmo por meio de esquemas de checagens, revela algumas restrições, como: não garante que a comunicação será bem-sucedida; leva um tempo que excederia a rapidez do processamento de produção e compreensão de um enunciado; as pessoas poderiam olhar para a mesma coisa e, poderem identificá-las de maneiras diferentes, sem reconhecer ou compreender os mesmos fatos; e, embora possível definir os contextos potenciais restringidos pelo conhecimento mútuo, restaria ainda a incógnita sobre como o contexto real é selecionado ou atualizado.

2.1.3 Ambiente cognitivo e manifestabilidade mútua

Durante o processo de comunicação, algumas suposições tornam-se mais ou menos manifestas para falantes e ouvintes. O conjunto destas suposições manifestas em graus diversos constitui a que Sperber e Wilson chamam de ambiente cognitivo. Esse ambiente cognitivo de um indivíduo é definido como

Um conjunto de fatores que lhe são manifestos. [...] conjunto de todos os fatores que ele tem a capacidade de apreender ou inferir: todos os fatores que lhe são manifestos (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 80)

Assim, este ambiente cognitivo é função do ambiente físico e das capacidades cognitivas. Pode-se dizer, então, que indivíduos que partilham do mesmo ambiente físico, nem sempre irão partilhar do mesmo ambiente cognitivo, que, por consequência, podem ser diferentes. Um fenômeno, quando notado, aciona algumas suposições sobre ele, que serão normalmente mais acessíveis do que outras. Contudo,

Um fato é manifesto a um indivíduo em dada altura se, e apenas se, ele for capaz nessa altura de o representar mentalmente e de aceitar a sua representação como verdadeira ou provavelmente verdadeira (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 79)

Quando a pessoa comunica, ela tem a intenção de alterar o ambiente cognitivo da pessoa a quem está se dirigindo. Pelo fato de acreditarem que as pessoas não compartilham todos os fatos que lhes são manifestos, ou ambientes cognitivos totais, Sperber e Wilson substituem a noção de conhecimento mútuo, empiricamente inadequada, e a de informação compartilhada, conceitualmente vaga, pelas noções de ambiente cognitivo mútuo e de manifestabilidade mútua, numa abordagem psicológica mais plausível. O ambiente cognitivo mútuo é diferente de conhecimento mútuo, pois neste, toda a suposição manifesta é mutuamente manifesta, e a manifestabilidade mútua é, nesse sentido, relativa a toda a suposição manifesta no ambiente cognitivo que é compartilhado por falante e ouvinte.

Partindo dessa discussão, Sperber e Wilson (2001 [1995], p. 89) afirmam que os seres humanos são mecanismos eficientes no processamento de informações. Essa eficiência é definida em relação a metas, que podem ser absolutas (questão de chegar a ela com o mínimo possível de dispêndio) e a eficiência quanto a metas relativas (conseguir um equilíbrio entre o grau de realização e o do custo).

A respeito da eficiência do mecanismo humano sobre o processamento das informações, consideram que

parece que a meta da cognição humana é o melhoramento do conhecimento que o indivíduo tem do mundo. Isso significa o acrescentamento de mais informações, informações que sejam mais corretas, mais facilmente recuperáveis e mais desenvolvidas em áreas de uma preocupação maior para o indivíduo. O processamento de informações é uma tarefa permanente de uma vida inteira. Os recursos totais do indivíduo para o processamento de informações são, se não praticamente fixos, pelo menos não muito flexíveis. Assim, a eficiência cognitiva a longo prazo é constituída pelo melhoramento, tanto quanto possível do conhecimento que uma pessoa tem do mundo, dados os recursos disponíveis (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 91)

No processamento das informações, pode-se conseguir uma maior contribuição para as metas cognitivas com um mínimo de gasto neste processo. Nesse processamento de informações, haverá:

- c) informações que são antigas, que já se encontram presentes na representação de mundo que um indivíduo possui. Tais informações não valem a pena qualquer esforço de processamento;
- d) informações novas, mas completamente desligadas de qualquer coisa que venha a fazer parte das representações do mundo do indivíduo;
- e) informações novas, mas que se encontram ligadas às informações antigas.

Quando há um maior efeito de multiplicação, proveniente do processamento de informações novas, maior é a relevância. Uma informação nova será relevante para um indivíduo se estiver estritamente relacionada a melhoramentos ou benefícios acrescentados a sua representação de mundo.

2.2 TEORIA DA RELEVÂNCIA

Tomando por base o modelo inferencial de Grice (1975) Sperber e Wilson (1986, 1995) desenvolvem uma teoria da comunicação particularmente voltada para a compreensão

de enunciados, a Teoria da Relevância. Foi por meio da tentativa de preencher o hiato no quadro teórico de Grice que a Teoria da Relevância começou a ganhar destaque e procurou explicar estas ocorrências. Grice deixou a máxima de Relação (ser relevante) relativamente mal desenvolvida. Conforme podemos observar no exemplo a seguir:

(5)

(a) *Que horas você volta?*

(b) *O Fantástico é hoje.*

Por meio da Teoria da Relevância, Sperber e Wilson questionaram a abordagem de Grice no que se refere: à necessidade de um princípio de cooperação e das máximas; à função da violação das máximas na interpretação dos enunciados; aos enunciados figurados que desviam as máximas, principalmente a máxima de qualidade; ao destaque nos processos pragmáticos que colaboram para as implicaturas antes que para o conteúdo explícito e condicionado a verdade; e ao tratamento dos enunciados.

A Teoria da Relevância começou simplesmente como uma tentativa de dar resposta a algumas destas questões levantadas pela abordagem de Grice, mas acabou por ficar com um aspecto muito diferente. O aspecto distinto entre a teoria de Grice e a de Sperber e Wilson é que as *implicaturas conversacionais* de Grice são as *implicaturas* de Sperber e Wilson e as *convencionais* de Grice, as *explicaturas* de Sperber e Wilson. Com isso,

a principal fonte de críticas à análise de Grice é o fato de ela definir a comunicação demasiado vagamente, mas o de explicar a comunicação com demasiada pobreza (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 70).

Sperber e Wilson partem da concepção de comunicação de Grice, na qual o ouvinte calcula as intenções do falante por meio de inferências, acrescentam a essa concepção a parte cognitiva e a reinterpretam à luz da Teoria da Relevância. A Teoria da Relevância descreve os fenômenos de compreensão de mensagens em geral operados pela mente, e não especificamente das mensagens verbais.

Antes de avançar na concepção de comunicação ostensivo-inferencial, trata-se de esclarecer, primeiramente, o termo relevância. De acordo com Sperber e Wilson:

Não estamos a tentar definir a palavra vulgar portuguesa relevância. A relevância é um termo pouco claro, utilizado de um modo diferente por pessoas diferentes, ou pelas mesmas pessoas em tempos diferentes (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 190).

O termo *relevância* é definido pelos autores como um conceito teórico útil, onde as pessoas possuem intuições de relevância, ou seja, elas conseguem fazer a distinção entre uma informação relevante de outra irrelevante e, em alguns casos, uma informação mais relevante de outra considerada menos relevante.

A Teoria da Relevância está fundamentada em dois princípios gerais: o princípio cognitivo e o princípio comunicativo. Estes princípios foram revisados e alterados do princípio de relevância da edição de 1995, que está presente no posfácio desta edição do livro *Relevância: comunicação & cognição*. São eles:

Princípio Cognitivo de Relevância: A cognição humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância.

Princípio Comunicativo da Relevância: Todo enunciado (ou ato de comunicação inferencial) comunica uma presunção de sua própria relevância ótima (SPERBER e WILSON, 2005, p. 35).

É bom deixar claro que a Teoria da Relevância não tem máxima e, conseqüentemente, nenhuma violação de máxima. Ela sugere um procedimento concreto de compreensão (o guiado pela relevância), que pode ser mecanicamente aplicado para gerar uma melhor hipótese sobre o significado do falante.

Na seção seguinte, será visto o processo interpretativo da comunicação ostensivo-inferencial.

2.2.1 Comunicação ostensivo-inferencial

O modelo de comunicação proposto pelos autores defende a existência de duas propriedades da comunicação humana: ser ostensiva, da parte do comunicador, e ser inferencial, da parte do ouvinte. O papel desempenhado pela ostensão é o de conseguir que se torne muito mais manifesta uma informação.

Quando um sinal codificado, ou qualquer outro pedaço de comportamento arbitrário, é utilizado ostensivamente, a evidência exibida recai diretamente sobre a intenção do indivíduo, e só indiretamente sobre o nível básico de informações que ele tenciona tornar manifesto (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 99).

A comunicação por ostensão consiste em tornar manifesto (ou mais manifesto), intenção de fazer manifesta uma determinada informação a um receptor. Os autores definem a comunicação inferencial ostensiva da seguinte forma:

A pessoa que comunica produz um estímulo que torna mutuamente manifesto à pessoa que comunica e aos receptores que a pessoa que comunica tenciona, por meio desse estímulo, tornar manifesto ou mais manifesto aos receptores um conjunto de suposições (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 112).

Um ato de ostensão transmite em si próprio uma garantia de relevância e, de que este fato torna manifesta a intenção que se encontra por trás da ostensão – o princípio de relevância.

Intenção informativa e intenção comunicativa

É sabido que no estudo da Teoria da Relevância, o falante não somente pretenda transmitir certa mensagem, mas pretenda que seu ouvinte reconheça essa intenção.

Sabendo que a comunicação ostensivo-inferencial compreende o fato de tornar manifesto a um ouvinte a intenção de a informação se tornar manifesta, a mesma, poderá ser descrita em termos de uma *intenção informativa* e *intenção comunicativa*.

A intenção informativa visa modificar o ambiente cognitivo do ouvinte, aqui, bem entendido, diferente de modificar o pensamento. Os pragmaticistas tratam a intenção informativa da pessoa que comunica como uma intenção de induzir num receptor certas atitudes para com certas proposições. Os autores definem essa intenção:

Uma pessoa que comunica produz um estímulo com a *intenção informativa*: tornar manifesto ou mais manifesto ao receptor um conjunto de suposições (SPERBER; WILSON, 2001 [1995], p. 105).

Se comunicar por ostensão é produzir certo estímulo com o objetivo de realizar uma intenção informativa, além disso, terá a

Intenção comunicativa: tornar mutuamente manifesto ao receptor e à pessoa que comunica que a pessoa que comunica tem uma intenção informativa. (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 109)

Em outras palavras, a intenção comunicativa é manifesta por meio de um estímulo ostensivo, tem a intenção de que o ouvinte reconheça a intenção informativa. A intenção será efetivamente comunicativa se a informativa for elevada, melhor dizendo, a forma como se elabora, como é transmitida a intenção comunicativa é que conduz a intenção informativa.

Para compreender a ocorrência dos pressupostos teóricos sobre a intenção informativa e a comunicativa, observa-se no seguinte exemplo:

(6) *Professor: Esta aula de matemática será muito importante para você, não deixe de comparecer amanhã.*

Aluno: Só se eu estiver muito doente ou louco, capaz professor!

Em (6a), são reconhecidas potenciais intenções do professor:

- a) produzir no aluno a crença de que a aula de matemática será muito importante para ele, portanto, não deverá deixar de comparecer amanhã no momento da enunciação;
- b) aluno reconhecer sua intenção (a);
- c) o reconhecimento do aluno da sua intenção (a) funcionar como parte da crença do professor.

Nesse caso, enquanto a intenção (a) é informativa, (b) constitui-se como a intenção comunicativa, ou seja, a intenção de que a intenção informativa seja reconhecida.

Inferências não-demonstrativas

O modelo de comunicação por ostensão de Sperber e Wilson é primordialmente inferencial e está associado à ciência cognitiva. Os autores descrevem esse processo como não-demonstrativo, pois, a comunicação pode falhar: o ouvinte pode não decodificar ou não deduzir a intenção comunicativa do falante. Podendo, no entanto, construir uma suposição.

Nós não temos como demonstrar todas as suposições que estão em nossa mente. Temos uma suposição mostrável. E qualquer informação representada conceitualmente e que esteja disponível ao receptor poderá ser utilizada como premissa no processo inferencial.

Assim

a inferência é o processo pelo qual uma suposição é aceite como verdadeira ou provavelmente verdadeira pela força da verdade ou da verdade provável de outras suposições (SPERBER; WILSON, 2001 [1995], p. 119).

Os autores utilizam-se do pressuposto teórico de Fodor (1983), que postula que, enquanto os processos locais – *inputs* perceptuais ou periféricos – são livres de contexto e sensíveis à informação contextual de algum domínio específico, os globais têm acesso a toda informação conceitual armazenada na memória. Sperber e Wilson afirmam que

a inferência não demonstrativa, tal como é desempenhada espontaneamente pelos seres humanos, poderá ser menos um processo do que uma forma de conjectura (hipótese) devidamente constrangida (guiada) (2001 [1995], p. 120-121, grifos da pesquisadora).

Sperber e Wilson, mesmo reconhecendo que a riqueza de informação acessível ao indivíduo e a natureza dos processos de inferência constituam os principais obstáculos para investigar os processos cognitivos centrais, mantém que a compreensão inferencial envolve mecanismos não-especializados e que os processos realizados nessa compreensão são não-demonstrativos, o que contribui, de modo singular, para explicar o seu modelo de comunicação inferencial fundamentado na pragmática cognitiva.

Suposições factuais (força das suposições)

De acordo com Sperber e Wilson, os seres humanos são capazes de incorporar suposições, e também pensar sobre elas e sobre outras representações, através da linguagem do pensamento, então, a representação geral do mundo é um estoque de *suposições factuais*, umas básicas (a própria crença enquanto possibilidade de acreditar antes de acreditar), outras expressando atitudes encaixadas em representações proposicionais (Eu acredito no fato) ou não-proposicional (Acredito que P).

Assim, para Sperber e Wilson,

as suposições factuais são o domínio por excelência dos processos inferenciais não demonstrativos e espontâneos. Cada suposição factual adquirida de novo é combinada com um armazém de suposições existentes para passar pelos processos inferenciais cuja finalidade, como temos sugerido, é modificar e aperfeiçoar a representação total do mundo do indivíduo (2001 [1995], p. 128-129)

As suposições factuais são, assim, tratadas com maior ou menor confiança. A força de uma suposição está relacionada à propriedade de sua acessibilidade, naquilo que é mais acessível e fácil de recordar. E também em termos do conceito lógico de confirmação. Sperber e Wilson sugerem que, em nossas inferências espontâneas,

as suposições factuais são adquiridas a partir de quatro fontes: da percepção, da decodificação lingüística, das suposições e esquemas de suposições armazenados na memória, e da dedução (2001 [1995], p. 137).

A força das suposições tem a ver com a fonte dos inputs, que pode ser da:

- a) **percepção** – quando os mecanismos perceptuais atribuem um estímulo sensorio uma identificação conceptual;
- b) **decodificação lingüística** – em que, através dos mecanismos de *input* lingüístico, é atribuída uma forma lógica a um tipo particular de estímulo sensorio;
- c) **suposições ou esquemas de suposições estocados na memória** – quando esquemas de suposições, isto é, formas lógicas, que estão contidas na memória conceptual humana ao lado de um amplo repertório de suposições, podem ser completadas para fornecer formas proposicionais no formato apropriado para suposições factuais; e
- d) **deduções** – quando as suposições disponíveis correspondem a um certo esquema, e esquemas relacionados são usados para derivar suposições adicionais como **conclusões de um processo dedutivo** (SILVEIRA, 1996, p. 29)

Abaixo, explicitam-se alguns exemplos para demonstrar os conceitos relatados.

Com relação a força de uma suposição comparável à de sua acessibilidade, exponho o exemplo:

(7) *Brasilia é a capital do Brasil.*

(8) *Tallin é a capital da Estônia.*

Assim, (7) é mais acessível do que (8).

Para exemplificar as quatro fontes das suposições factuais, observe o exemplo, numa situação, em que a mulher está aguardando o marido chegar do banco, ao se aproximar ela ouve-o dizer:

(9) *Teremos problemas neste mês.*

Ela o vê cabisbaixo e com papéis na mão, pode preencher com algumas suposições potenciais o hiato entre a representação semântica da sentença e o pensamento realmente comunicado pelo enunciado:

(9)

(a) *teremos problemas (financeiros) neste mês (suposição retirada da memória enciclopédica, através do input lingüístico).*

(b) *meu marido está segurando papéis e cabisbaixo (suposição através do input visual).*

(c) *Se meu marido está cabisbaixo e segurando alguns papéis, ele está com problemas (suposição construída a partir das suposições anteriores).*

(d) *Meu marido quer alertar-me que teremos problemas financeiros neste mês (conclusão por dedução).*

As entradas no processo comunicativo

Para Sperber e Wilson, os conceitos são objetos psicológicos considerados em um nível abstrato. Cada conceito é constituído por uma etiqueta, ou endereço, que desempenha duas funções complementares e diferentes.

As informações armazenadas dentro da memória dividem-se em três tipos distintos: lógico, enciclopédico e lexical.

a) Entrada lógica - constituída por um conjunto finito, pequeno e constante de regras dedutivas que se aplica às formas lógicas das quais são constituintes, são de caráter computacional.

b) Entrada enciclopédica - consiste nas informações sobre a extensão ou denotação do conceito – objetos, eventos e/ou propriedades que o instanciam, são de

caráter representacional e variam ao longo do tempo e de indivíduo para indivíduo.

- c) Entrada lexical - consiste de informações lingüísticas sobre a contraparte em linguagem natural do conceito – informação sintática e fonológica, de caráter representacional.

2.2.2 Mecanismo dedutivo

No processo interpretativo da Teoria da Relevância, a mente passa por um mecanismo dedutivo para dele derivar conclusões implicadas. Esse mecanismo hipotetizado pelos autores explica os componentes lógico-cognitivos que constituem a base essencialmente inferencial da comunicação humana. Assim, Sperber e Wilson (1986, 1995[2001]) buscaram explicar por meio desse mecanismo os componentes lógicos cognitivos que constituem a base da natureza inferencial da comunicação humana.

O mecanismo dedutivo humano é um sistema que explica o conteúdo de qualquer conjunto de suposições submetidos a ele, o que constitui um aspecto importante para o tratamento das inferências práticas nessa abordagem cognitiva, pois o intuito com a Teoria da Relevância é verificar as hipóteses interpretativas construídas para a compreensão de enunciados no processo comunicativo. Ele é, na verdade, computacional, limitado em suas operações não somente pelas regras dedutivas que aplica, exclusivamente interpretativas, mas também pelo modo como as aplica. Assim,

uma função central do mecanismo dedutivo é, portanto, a de fazer a derivação, espontânea, automática e inconscientemente, das implicações contextuais de quaisquer informações apresentadas de novo dentro de um contexto de informações antigas. Em igualdade de condições, quanto maior for o número de implicações contextuais,

mais essa nova informação irá melhorar a existente representação do mundo do indivíduo (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 174).

No processo comunicativo, o processamento dedutivo de informação toma como input o conjunto de suposições acessível ao ouvinte (informações contextuais) e sistematicamente dele deduz todas as conclusões possíveis. Veja o exemplo a seguir:

(10)

O aluno não está preocupado se sua nota em Educação Física for baixa.

Sua nota em Educação Física será baixa.

Então o aluno não está preocupado.

As regras dedutivas pertencem a duas classes distintas, chamadas de analíticas e sintéticas. Uma regra analítica toma como *input* uma só suposição de uma coordenada, por exemplo, a eliminação do “e”. Uma regra sintética toma como *input* duas suposições separadas, por exemplo, a regra *modus ponendo ponens*, que toma uma suposição condicional e seu antecedente como *inputs*.

Sperber e Wilson defendem a existência apenas de regras de eliminação do tipo *modus ponendo ponens* e eliminação conjuntivo (e) e disjuntivo (ou). Elas produzem conclusões não-triviais que esclarecem como se dá o processo de transição das premissas às conclusões.

A professora num diálogo com seu aluno explicita a seguinte fala:

(11) *Mas você é como um bicho preguiça.*

De acordo com a Teoria da Relevância, essa conclusão foi alcançada por meio da regra (12):

(12)

Input: (i) $P \rightarrow Q$

(ii) P

Output: Q

Em (10), dada uma relação de implicação entre duas proposições, quando a primeira é afirmada P, segue-se necessariamente a segunda Q. A regra de eliminação da implicação, demonstrada em (10), *modus ponendo ponens*, toma como *input* o conjunto de premissas formado por P e Q e como *output* o conseqüente do condicional $P \rightarrow Q$, ou seja, Q, qual faz parte do conjunto de premissas iniciais. Veja (11):

(11)

Se o aluno não está preocupado com a nota baixa em Educação Física, ele é como um bicho preguiça.

O aluno não está preocupado com a nota baixa em Educação Física.

O aluno é como um bicho preguiça.

No caso (11), dada uma relação de implicação entre as proposições *O aluno não está preocupado com a nota baixa em Educação Física* e *ele é como um bicho preguiça*, quando a primeira é afirmada, segue-se necessariamente a segunda. Assim, lembrando-se do animal bicho preguiça, e de que o aluno não se preocupa com a nota baixa, e vendo que ele não quer praticar esportes, a professora pode ter concluído que ele é como um bicho preguiça por meio da regra dedutiva *modus ponendo ponens*.

Modus ponendo ponens

Entrada de dados (Input): (i) P
(ii) (Se P então Q)

Resultado (Output): Q

Em (13), expõem-se a eliminação do ‘e’, a partir da regra:

(13)

Input: P e Q

Output: P

Eliminando-se a conjunção “e”, em (13), que liga as duas proposições coordenadas, cada uma das proposições isoladamente é verdadeira. Assim em (14):

(14)

O aluno é como um bicho preguiça e não se preocupa com a nota baixa.

O aluno é como um bicho preguiça.

Por meio da regra de eliminação, a professora pode supor ambas as suposições e, mesmo separadas, consistem em verdades para a professora.

Segundo os autores, uma vez que as regras de eliminação apresentam um caráter interpretativo, a mente se utiliza delas na compreensão dos atos comunicativos. Submetido as regras, analisado e explicado num cálculo dedutivo, o conteúdo das premissas, vai além das propriedades formais das suposições.

Portanto, ao enunciar (15c), do diálogo (15),

(15)

P: [...] Hoje nossa aula será na quadra e iremos praticar atletismo.

Aluno: Não quero fazer nada!

P: Mas você é como um bicho preguiça.

É possível que a professora tenha acessado as potenciais suposições armazenadas na memória:

P₁: O aluno não se preocupa em fazer aula de Educação Física quando está na escola.

P₂: Ele não gosta de nenhum tipo de esporte.

P₃: O aluno tem preguiça de fazer as coisas até mesmo em sala de aula.

E concluído

P₄ → Conclusão Implícada: O aluno é como um bicho preguiça.

O raciocínio mais simplificado, (1), que acessa o conjunto de suposições (P₁₋₄), conduz à conclusão por dedução (P₄):

P₅ – Se o aluno não se preocupa com a nota baixa, e ele não participa das aulas, (suposição retirada da memória enciclopédica e por meio do input lingüístico).

P₆ – Se o aluno não quer fazer nada, e o bicho preguiça também é assim, (suposição retirada da memória enciclopédica).

P₇: Se o aluno é preguiçoso, e o bicho preguiça também o é, (suposição retirada da memória enciclopédica).

P₈ – Então, o aluno é como um bicho preguiça (suposição por inferência).

P₉ → Premissa implicada: O aluno é como um bicho preguiça (suposição por inferência).

E, dependendo de outras suposições acessíveis, o professor ainda pode derivar:

P₁₀ → Conclusão implicada (adicional): O aluno é uma pessoa sedentária [como o bicho preguiça] (por inferência)

Nesse caso, a professora teria motivos (P₁₋₄) para associar o aluno ao bicho preguiça.

A regra de *modus tollendo ponens* toma como *input* um par de premissas: uma, a disjunção, e a outra, a negação do disjuncto; revela como *output* o outro disjuncto, eliminando a ocorrência do conceito ‘ou’:

(16)

(a)

Entrada de dados (Input): (i) (P ou Q)
(ii) (não P)

Resultado (Output): Q

(b)

Entrada de dados (Input): (i) (P ou Q)
(ii) (não Q)

Resultado (Output): P

Exemplo do *modus tollendo ponens*:

(17) *Ou ele é patrão ou ele é empregado.*

As conclusões por dedução aconteceram porque o mecanismo dedutivo é equipado por um conjunto de regras que se aplica às formas lógicas das quais são constituintes e porque permite derivar conclusões de premissas construídas no curso do processamento. É bem visível, que o modelo cognitivo da Teoria da Relevância é essencialmente dedutivo.

2.2.3 Implicações analíticas e sintéticas

O argumento de Sperber e Wilson acerca do esforço de processamento é o de que uma informação nova tende a ser relevante para um indivíduo se estiver relacionada a melhoramentos ou benefícios, que são acrescentados a sua representação de mundo, constituída de suposições organizadas em sua memória enciclopédia.

Com isso, Sperber e Wilson (2001 [1995], p. 168) procuram ressaltar que estes melhoramentos podem ser investigados por meio das operações do mecanismo dedutivo, por meio do acesso as regras dedutivas nas entradas lógicas, que podem ser: analíticas, quando tomam apenas uma única suposição como input (a regra de eliminação ‘e’, por exemplo) e sintéticas, quando tomam duas suposições separadas como input (é o caso da regra de *modus ponendo ponens*).

Assim sendo, recorre-se aos exemplos:

(18)

*A foto está no álbum.**O álbum está na caixa.**A caixa está no armário.*

(19)

*A foto está na caixa.**A foto está no armário.**O álbum está no armário*

(20) Regra de inclusão:

Entrada de dados (Input): (i) (X – está – dentro – de – Y)

(ii) (Y – está – dentro de – Z)

Resultado (Output): (X – está – dentro de – Z)

Para Sperber e Wilson,

todos nós possuímos centenas de milhar de suposições que se encontram armazenadas em nossas memórias, donde se poderiam computar centenas de milhar de implicações sintéticas se fosse possível de algum modo reuni-las dentro da memória do nosso mecanismo dedutivo (2001 [1995], p. (171)

A preocupação de Sperber e Wilson em sua teoria é com o efeito da informação nova (input lingüístico) sobre a informação velha (representação enciclopédica). Portanto, o sistema dedutivo atuará na busca do efeito cognitivo. Os autores caracterizam uma dedução baseada na união de premissas {P} – informação nova – e {C} – informação já existente – como a contextualização de {P} no contexto {C}, chamando as conclusões novas não deriváveis de {P} ou {C} sozinhas de implicações contextuais:

Um conjunto de suposições {P} implica contextualmente uma suposição Q no contexto {C} se, e apenas se: a união de {P} e {C} implica não trivialmente, {P} não implica não trivialmente Q, e {C} não implica não trivialmente Q (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 173).

Dessa forma, a implicação contextual é considerada uma síntese da velha e da nova informação, um resultado da interação das duas, a contextualização de {P} em {C}. Conforme Sperber e Wilson (2001 [1995], p. 174) quanto maior for o número das implicações contextuais, mais essa nova informação irá melhorar a existente representação do mundo do indivíduo.

2.2.4 Relevância: esforços, efeitos e princípio

A Teoria da Relevância tem em vista que, em igualdade de condições, quanto maiores são os efeitos cognitivos obtidos do processamento de um input, maior é sua relevância. Assim também, quanto menores são os esforços de processamento requerido, maior é a relevância. Desse modo, Sperber e Wilson (2001 [1995]) salientam que quanto maiores são os efeitos cognitivos, maior é a relevância; e quanto menor for o esforço de processamento, maior é a relevância.

Um enunciado será otimamente relevante quando este é suficiente merecedor de ser processado e, mais do que isso é o estímulo mais relevante que o falante se dispôs ou foi capaz de produzir.

Mais formalmente, os autores procuram definir relevância como uma propriedade potencial dos inputs para os processos cognitivos, sejam esses estímulos externos (sons, ações, enunciados) ou representações internas (pensamentos, memórias, conclusões de inferências).

Cabe ressaltar que, para um ato comunicativo ter êxito, é necessário que atraia a atenção do ouvinte, melhor dizendo, um ato de comunicação ostensiva comunica automaticamente a presunção de sua própria relevância ótima:

o conjunto de suposições {I}, que o comunicador pretende tornar manifesto ao destinatário, é relevante o suficiente para merecer que o destinatário processe o estímulo ostensivo.

o estímulo ostensivo é o mais relevante que o comunicador poderia ter utilizado para comunicar {I} (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 250).

Por meio do estudo da comunicação inferencial ostensiva, pode-se dizer que uma pessoa que comunica ostensivamente comunica que o estímulo que ela está utilizando é relevante para quem o recebe. Este ato caracteriza-se como uma *presunção de relevância*.

Para que se almeje uma *presunção de relevância* ótima, os autores indicam o procedimento de compreensão que deve ser guiado pela relevância, onde deve-se seguir um caminho de menor esforço na computação de efeitos cognitivos, considerando as interpretações em ordem de acessibilidade e parar somente quando sua expectativa de relevância for satisfeita.

Isso gera algumas conseqüências para a Teoria da Relevância, pois o falante que objetiva relevância ótima tentaria (e aqui ressalto no sentido de que deveria) fazer pelo menos duas coisas: a) alcançar suficientes efeitos cognitivos para valer a pena seu processamento; e b) evitar causar no ouvinte algum desperdício de esforço para alcançar esses efeitos.

Efeito contextual

É necessário haver algum tipo de efeito contextual dentro de um contexto para se ter relevância. Esta seria não apenas uma condição necessária, mas também suficiente. O grande equívoco de grande parte das teorias anteriores é que o contexto já estava pronto. No estudo da Teoria da Relevância esse contexto vai sendo construído no decorrer do processo. As pessoas não chegam ao processamento de informações novas de “mente vazia”; têm uma espécie de armazém de memórias de curto prazo.

O efeito contextual consiste no tipo de resultado que um estímulo recentemente recebido tem de produzir, já interagindo com algumas das suposições pré-existentes no sistema cognitivo, para poder ser considerado relevante para o sistema.

Nesse sentido, uma suposição só será relevante se houver efeitos contextuais, que podem ocorrer por meio de três modos diferentes:

- a) por implicação contextual;
- b) pelo fortalecimento (ou enfraquecimento) de suposições; e
- c) pela eliminação de suposições contraditórias.

No primeiro caso, a implicação contextual consiste no resultado de informações que resultam (derivam) da combinação de informações velhas C (já existentes) com as informações novas p. Sperber e Wilson lembram que

as implicações contextuais são efeitos contextuais, sendo o resultado de uma interação crucial entre informações novas e antigas que servem de premissas numa implicação sintética (2001 [1995], p. 175).

Veja o exemplo do primeiro caso:

(21)

Joana: *Você deseja ir ao show do Roberto Carlos?*

Marta: *Não é do meu costume.*

As suposições (S) candidatas à interpretação do enunciado de Marta poderiam ser:

S₁: *Marta não gosta das músicas do Roberto Carlos.*

S₂: *Marta não frequenta, não costuma ir a show.*

O segundo tipo de efeito contextual consiste em fortalecimentos ou enfraquecimentos de suposições. Contudo, as suposições não são obtidas, necessariamente, de uma suposição nova derivada, podem apenas reforçar (ou enfraquecer) uma informação já existente.

As suposições podem ser obtidas por quatro formas, que podem aparecer imbricadas. São elas:

- a) por input perceptual;
- b) por input lingüístico;
- c) pela ativação de suposições estocadas na memória, ou esquemas de suposições;
- d) por deduções, que derivam suposições adicionais.

O exemplo referente às suposições citadas acima foi explicado na seção sobre Suposições factuais. Naquele exemplo, numa situação, em que a mulher está aguardando o marido chegar do banco, ao se aproximar ela ouve o marido dizer: *(9) Teremos problemas neste mês*. Vendo-o cabisbaixo e com papéis na mão, ela pode preencher com algumas suposições potenciais o hiato entre a representação semântica da sentença e o pensamento realmente comunicado pelo enunciado, a relembrar: *(a) teremos problemas (financeiros) neste mês (suposição retirada da memória enciclopédica, através do input lingüístico); (b) meu marido está segurando papéis e cabisbaixo (suposição através do input visual); (c) Se meu marido está cabisbaixo e segurando alguns papéis, ele está com problemas (suposição construída a partir das suposições anteriores); e (d) Meu marido quer alertar-me que teremos problemas financeiros neste mês (conclusão por dedução).*

O terceiro efeito contextual pode ocorrer pela eliminação de suposições contraditórias. Neste caso, entre duas suposições contraditórias, a mais fraca, ou seja, aquela para a qual se tem menos evidência, é eliminada. É possível a seguinte situação:

Quando Joana se aproxima da colega Marta, ela a vê folheando uma revista de cantores internacionais. Dentre as duas suposições inferidas por Joana em (S_1 e S_2), a segunda suposição será mais fraca e, portanto, eliminada.

Sperber e Wilson (2001 [1995], p. 193) ressaltam que existe três tipos de caso em que podem faltar efeitos contextuais a uma suposição e ela não ser relevante dentro de um contexto. São eles:

- a) quando não faz nenhuma ligação com as informações presentes no contexto;
- b) quando a suposição já está presente no contexto;
- c) quando a suposição é incompatível com o contexto.

Utiliza-se, adaptando os exemplos de Sperber e Wilson (2001 [1995], p. 191) para ilustrar os itens acima:

(22) *O dia 22 de abril de 1500 foi um dia de sol no Brasil.*

(23) *O leitor está agora a ler um projeto de dissertação.*

(24) *O leitor não está agora a ler um projeto de dissertação..*

Assim, o fato de ter um efeito contextual dentro de um contexto é uma condição necessária para a relevância.

Sperber e Wilson (2001 [1995], p. 220) salientam que

a escolha de um contexto para os processos inferenciais em geral, e para a compreensão em especial, é em parte determinada em qualquer dado momento pelos conteúdos da memória do mecanismo dedutivo, pelos conteúdos do armazém das finalidades gerais das memórias de curto prazo, e pelos conteúdos da enciclopédia e pelas informações que podem ser imediatamente tiradas do ambiente físico.

Pode-se dizer que a seleção de um contexto é determinada pela busca de relevância, procurando satisfazer um maior efeito cognitivo, com menor esforço de processamento. A intenção de alcançar efeitos cognitivos baseia-se numa relação entre efeitos contextuais e esforço de processamento implicando, assim, diferentes graus de relevância. Os autores introduzem a definição de:

Relevância para um indivíduo - Definição classificatória (A) e comparativa (B): uma suposição é relevante para um indivíduo num dado momento se, e apenas se, for relevante num ou mais dos contextos acessíveis a esse indivíduo nesse momento.

Condição de extensão 1: uma suposição é relevante para um indivíduo quando, depois de ser processada otimamente, são em grande número os efeitos contextuais conseguidos.

Condição de extensão 2: uma suposição é relevante para um indivíduo quando é requerido um esforço pequeno para a processar otimamente (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 224-225).

Princípio de Relevância

Na seqüência dos estudos sobre a Teoria da Relevância, defina-se o conceito de princípio de relevância:

O princípio da relevância é todo ato de comunicação ostensiva que comunica a presunção da sua própria relevância ótima (SPERBER; WILSON, 2001 [1995], p. 242).

Conforme já citado na seção referente à introdução à Teoria da Relevância, o princípio de relevância fora revisado e alterou-se para formar dois princípios gerais, assim apresentados:

Princípio Cognitivo de Relevância: A cognição humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância.

Princípio Comunicativo da Relevância: Todo enunciado (ou ato de comunicação inferencial) comunica uma presunção de sua própria relevância ótima (SPERBER e WILSON, 2005, p. 35).

Este princípio aplica-se somente à comunicação ostensiva. Daí afirmarmos que o fato de o princípio da relevância ser muito mais explícito do que o princípio cooperativo e as máximas de Grice, é que a Teoria da Relevância diferencia-se desta última abordagem, além de outros fatores. O princípio da relevância tem como finalidade a explicação da comunicação ostensiva como um todo, tanto a comunicação explícita como a implícita (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 249).

Estímulos ostensivos

Embora fenômenos ou estímulos possam aplicar-se a qualquer aspecto da comunicação, os estímulos em que Sperber e Wilson estão realmente interessados são aqueles que atingem os efeitos cognitivos mais sutis, através da manifestabilidade mútua de uma intenção. Certos fatos, desencadeados por um estímulo, podem se tornar manifestos ou mais manifestos e, conseqüentemente, podem ser representados mentalmente como suposições fortes ou mais fortes. Um fenômeno pode tornar manifesto um número muito grande de suposições. Veja:

Alguém está chegando próximo a seu escritório e no corredor já sente um cheiro de perfume masculino.

O indivíduo formará decerto as suposições (25) e (26):

(25) Alguém está no escritório.

(26) Esse perfume é estranho, deve ser algum visitante.

Será menos provável que ele faça a suposição (27-29), apesar de ela se ter tornado manifesta também:

(27) Existem novos lançamentos de perfumes masculinos.

(28) Na loja O Boticário há promoção de perfumes masculinos.

(29) Ah, meu vidro de perfume já está no final.

Sperber e Wilson (2001 [1995], p. 235), atrelaram a noção de relevância juntamente aos fenômenos de um modo claro e direto:

Relevância de um fenômeno (classificativa) - Um fenômeno é relevante para um indivíduo se, e apenas se, uma ou mais das suposições que ele torna manifestas ao indivíduo é relevante para este.

Relevância de um fenômeno (comparativa) - Condição de extensão 1: um fenômeno é relevante para um indivíduo na medida em que forem grandes os efeitos contextu-

ais conseguidos quando é processado otimamente. Condição de extensão 2: um fenômeno é relevante para um indivíduo na medida em que for otimamente pequeno o esforço requerido para o processar.

Nesta perspectiva, os estímulos utilizados na comunicação ostensiva pretendem:

- a) atrair a atenção;
- b) focar nas intenções da pessoa que comunica; e
- c) revelar as intenções de quem comunica.

E, assim, um estímulo ostensivo deve vir com a garantia de que é relevante.

2.2.5 Níveis representacionais

A proposta de Sperber e Wilson pretende, mais especificamente, descrever e explicar os níveis de compreensão desde a forma lógica, lexical e gramaticalmente determinada, até a forma proposicional da implicatura (obtida por meio de inferências).

Nesse processo, conforme Sperber e Wilson (1986, 1995) e Carston (1988), três níveis representacionais são hipotetizados:

- a) nível da forma lógica, na dependência da decodificação;
- b) nível da explicatura, em que a forma lógica é desenvolvida através de processos inferenciais de natureza pragmática; e
- c) nível da implicatura, que parte da explicatura para a construção de inferências pragmáticas.

Forma lógica

Conforme os autores, no ato comunicativo, uma das funções dos sistemas de entrada (perceptual, lingüístico) consiste em transformar as representações sensoriais em repre-

sentações conceituais, a fim de que todas passem a ter o mesmo formato, independentemente da modalidade sensorial de que derivam.

Uma forma lógica, então,

Uma forma lógica é uma fórmula bem formada, um conjunto estruturado de constituintes que passa pelas operações lógicas formais determinadas pela sua estrutura (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 125)

A forma lógica conserva o valor da verdade, permitindo implicações e contradições, nas relações entre diversas outras representações mentais.

A forma lógica ainda é classificada, segundo os autores, como proposicional e não-proposicional. Veja:

Forma lógica proposicional: semanticamente completa.

(30) O aluno João veio até à escola correndo.

Forma lógica não-proposicional: semanticamente incompleta.

(31) Ele veio até aqui correndo.

No processo comunicativo, a mente é capaz de, ao receber uma informação em nível não-proposicional, enriquecê-la inferencialmente por meio da desambiguação e atribuição de referência, ou com base na informação contextual, quando desenvolve esquemas de suposição organizados na memória enciclopédica, e transformá-la em forma lógica proposicional. Observa-se o exemplo (32), que ilustra a fala de uma amiga de João, chegando na sala de aula depois dele, e a mesma se dirige à professora:

(32) Ele veio até aqui correndo.

Assim, se a professora ouve a amiga de João enunciar (32) num dado momento, o enunciado se decodificará com a forma lógica não proposicional da oração (33), que pode

completar-se para produzir a forma proposicional (34), que pode, por sua vez, integrar-se no esquema de suposição de (35) para produzir a suposição (36):

(33) Ele veio até aqui correndo. (forma lógica não-proposicional).

(34) O aluno João veio até a escola correndo. (forma lógica proposicional).

(35) A amiga de João afirma à professora que _____ veio até _____ correndo (esquema de suposição).

(36) A amiga de João afirma à professora que o aluno João veio até à escola correndo (recuperação do referente por meio da explicatura, forma lógica proposicional).

Os exemplos (33-36) ilustram claramente o posicionamento teórico de Sperber e Wilson de que a combinação de características conceituais contextualmente inferidas e linguisticamente decodificadas constitui a explicatura do enunciado. E esta pode ser inferida do contexto, da forma proposicional do enunciado e da atitude proposicional expressa pelo falante.

Explicatura e Implicatura

Partindo do termo implicatura, de Grice (1975), Sperber e Wilson (1986, 2001) e Carston (1988) chegam a um nível pragmático da comunicação humana, que se situa entre a decodificação lingüística e a implicação contextual: a explicatura.

Assim, uma suposição comunicada explicitamente define-se como uma explicatura. E qualquer suposição comunicada implicitamente, uma implicatura.

Uma explicatura é uma combinação de traços conceituais lingüisticamente codificados e contextualmente inferidos. Quanto menor for a contribuição relativa dos traços contextuais, mais explícita será a explicatura, e assim, inversamente. Explícito se refere ao conjunto de suposições decodificado, e implícito ao que é inferido.

O reconhecimento do modo lingüisticamente determinado de expressar algo, acompanhado do contexto e da forma proposicional se dão no nível da explicatura por meio de inferências.

Uma implicatura é uma suposição ou implicação contextual que um falante, com a intenção de que o seu enunciado seja manifestamente relevante, tenha manifestamente a intenção de tornar manifesta ao ouvinte.

Os autores fazem a distinção de duas espécies de implicaturas: as premissas implicadas e as conclusões implicadas. Veja o exemplo (37)⁸ em que ocorre a seguinte situação:

(37) A criança X está com a sua latinha de merenda no canto do pátio afastada dos colegas na hora do recreio, o inspetor se aproxima da criança olhando fixamente para a sua latinha.

A criança percebe o olhar fixo do inspetor (I), fecha rapidamente a sua latinha (vazia) e olha para o inspetor.

Ao perceber a atitude da criança, o inspetor pode ter acessado o conjunto (I₁₋₃) de suposições:

I₁: A criança fechou a latinha (de merenda) ‘descaradamente’ (por input visual).

I₂: fechar a lata significa ‘não oferecer, não mostrar o que há dentro’.

I₃ → Conclusão Implicada: Logo, a criança quer dizer que [latinha de merenda] ‘não pode ser vista’ (neste momento).

Enquanto as premissas são reconhecidas como implicaturas porque são manifestamente mais facilmente acessíveis, e levam a uma interpretação consistente com o princípio da relevância, as conclusões implicadas são deduzidas das explicaturas do enunciado e do contexto. Premissas e conclusões implicadas, portanto, são identificáveis como parte da primeira interpretação inferível consistente com o princípio da relevância.

⁸ o exemplo faz parte de um texto infantil “Latinha de merenda”, sofrendo algumas adaptações para ser explicado nas suposições referente a teoria.

Exemplifica-se, na seqüência, os três níveis representacionais, forma lógica, explicatura e implicatura, com base no diálogo de uma professora com o aluno:

(38) Professora (Ana): Você conseguiu fazer a tarefa?

Aluno (Paulo): Meu pai me ajudou.

Nível da forma lógica:

Alguém ajudou alguém a fazer algo (alguma coisa).

Nível da explicatura:

O pai [do aluno Paulo] me [o filho Paulo] ajudou [pai] [ajudou a fazer a tarefa que a professora havia passado/pedido].

Nível da implicatura:

Se o pai de Paulo o ajudou a fazer a tarefa, então <possivelmente> ele conseguir fazer a tarefa que a professora havia passado/pedido.

2.3 RELEVÂNCIA E GRAUS DE EXPLICITAÇÃO

2.3.1 Comunicação verbal

Para a Teoria da Relevância a linguagem é elemento essencial para processar informações e gerar comunicação. Por isso, admite-se dizer que linguagem e comunicação estão interligadas. De acordo com Sperber e Wilson (2001 [1995]), para que a comunicação ostens-

siva seja possível, os mecanismos comunicativos devem ter uma linguagem interna mais rica e capacidades inferenciais mais poderosas do que o necessário para a comunicação codificada.

Em outras palavras, os seres humanos têm uma linguagem interna suficientemente rica para a comunicação ostensivo-inferencial. Considera-se que a comunicação verbal envolve dois tipos de processos comunicativos: um baseado na codificação e decodificação e, outro na ostensão e inferência. Os autores afirmam que

a comunicação verbal propriamente dita começa quando a pessoa falante é reconhecida não apenas por estar a falar, nem mesmo apenas por estar a comunicar através da fala, mas por estar a dizer alguma coisa a alguém (SPERBER; WILSON, 2001 [1995], p. 269)

A comunicação não verbal é classificada como vaga, capaz de ser compreendida em diferentes modos. Embora muitos enunciados possam ser inteiramente vagos, a comunicação verbal é capaz de alcançar um grau muito maior de explicitação do que a comunicação não verbal. Comparam-se os casos de comunicação verbal (39b) e não verbal (39a) nos exemplos seguintes:

(39)

O aluno aponta para o lixo e mostra seu lápis ao professor.

O aluno diz 'professora, vou apontar meu lápis.'

Identificar o significado do falante é uma questão de identificar a combinação pretendida de explicaturas, implicaturas e suposições contextuais. Se a comunicação não verbal é menos explícita e precisa do que a comunicação verbal, então, para o estudo a que me proponho, a Teoria da Relevância e, mais especificamente, os graus de explicitação em reescrita de produção textual, o tipo de comunicação mais apropriado é a comunicação verbal, por ser mais forte e possível de compreensão teórica guiado pela relevância.

2.3.2 Relevância e textualidade

Blass (1990), contribuindo para a aplicação da Teoria da Relevância na análise e interpretação de texto, discute a noção tradicional de coesão e coerência e propõe uma nova abordagem da textualidade. Para a autora, as relações de relevância estão subjacentes aos julgamentos de boa formação do texto, e aos mecanismos de coesão e de coerência não dão conta de explicar um enunciado.

Silveira e Feltes (1999, p. 77) afirmam que:

Não basta ter uma noção cognitiva de contexto: é preciso explicar como ele é construído, como as suposições das quais derivará a interpretação são escolhidas dentre um conjunto, por hipótese infinito, de suposições possíveis.

Nesta perspectiva, é através do princípio de relevância que o leitor ou o escritor seleciona e restringe o conjunto de suposições a serem utilizadas pelo leitor ou escritor quando lê ou escreve e interpreta um texto. Portanto, a textualidade, como julgamento de boa formação textual, e, a *fortiore*, como condição para a interpretação, constrói-se no processamento verbal com informação contextual. A conectividade formal ou semântica das estruturas linguístico-textuais não é fator fundamental neste processo; apenas dados de natureza lógico-conceitual para se fazer inferências na interpretação.

Seguindo a perspectiva de Sperber e Wilson, Blass admite que, a representação semântica de uma sentença é recuperada por um processo, de decodificação lingüística e assim, é enriquecido pelo critério de consistência com o princípio de relevância, por meio de informação contextual acessível.

Para Blass (apud Silveira e Feltes, 1999, p. 100)

os fatores contextuais não são úteis apenas para preencher hiatos entre decodificação da sentença e compreensão do enunciado no texto. Na verdade, todo enunciado é processado num contexto selecionado por razões de relevância; e o papel do con-

texto na compreensão é mais fundamental do que o simplesmente “preenchimento de hiatos” pode sugerir.

Pode-se, em linhas gerais, dizer que a textualidade, não se restringe a tão somente uma seqüência lingüística em texto, de processos como a coerência e a coesão; que os mecanismos encontrados na relevância também facilitam neste processo, na interpretação, na informação e na construção de sentido.

2.3.3 Graus de explicitação

Na seção referente a explicatura e implicatura, demonstrou-se como Sperber e Wilson definem estes termos e por meio de exemplos, sua análise em enunciados. A definição de explicatura e explicitação para Sperber e Wilson são dadas como

Uma explicatura é uma combinação de traços conceptuais lingüisticamente codificados e contextualmente inferidos. Quanto mais pequena for a contribuição relativa dos traços contextuais, mais explícita será a explicatura, e inversamente. A explicitação assim entendida, é ao mesmo tempo classificativa e comparativa: uma suposição comunicada ou é uma explicatura ou é uma implicatura, mas uma explicatura é explícita em maior ou menor grau (SPERBER e WILSON, 2001 [1995], p. 274).

Melhor argumentando a perspectiva dos autores, a explicitação de um enunciado, de um conteúdo, pode ter variações, ou seja, podemos encontrar situações em que será mais explícito e assim, melhor compreendido e, casos em que o processo inverso aconteça.

A perspectiva teórica guiada pela relevância, desse modo, capta a intuição, de um lado, de que a decodificação é necessária para a comunicação explícita, e, de outro lado, de que quanto mais plenamente o significado do falante é codificado, mais explícito ele será. Veja-se através do exemplo abaixo:

(40)

Mãe: Você fez a prova hoje filho?

Filho: É claro.

Graus de explicitação em (40b):

1	É claro						
2	Sim, é claro						
3	Sim, é claro	que	fiz				
4	Sim, é claro	que	eu	fiz			
5	Sim, é claro	que	eu	fiz	a prova		
6	Sim, é claro	que	eu	fiz	a prova	hoje	

As explicaturas são identificadas pelo uso do procedimento de compreensão guiado pela relevância para enriquecer um significado decodificado da sentença a um ponto onde ela se combina com um contexto para gerar os efeitos cognitivos esperados.

O movimento da comunicação implícita para a explícita, altera a força da comunicação. E, de certa forma, as implicaturas não são somente questão de economia (em termos lingüísticos), mas que elas afetam o resultado da comunicação, ou seja, você deixa (ou espera) que o ouvinte complete aquilo que você disse de forma implícita. Confira em alguns casos:

(41)

Você vai assistir ao clássico Fla x Flu?

Eu não assisto a este tipo de jogo.

As inferências poderiam ser:

- O falante não assiste a clássicos do futebol.
- O falante não assiste a jogos de times cariocas.
- O falante não assiste a jogos de futebol.

(42)¹⁰

Criança: Moça, o que é isso na sua barriga?

¹⁰ Exemplo extraído de um programa da Rede Globo, Zorra Total, de maio de 2005.

Moça: É o meu filhinho!

Criança: Você gosta dele?

Moça: Claro!

Criança: Então, por que você engoliu ele?

Por implicatura poderia se inferir a seguinte conclusão:

Se você engoliu o seu filho então você não gosta dele.

Pode-se perceber que, quando não existe expectativa de relevância por parte do falante o enunciado não produz implicaturas. Deve haver expectativas manifestas sobre como o enunciado será relevante para o ouvinte.

Segundo Silveira e Feltes (1999, p. 62), o grau de explicitude, tem papel fundamental no processo comunicativo, pois a decisão do falante sobre ser mais ou menos explícito depende do acesso que ele tem às fontes contextuais do ouvinte. Reforça-se, por meio dos exemplos citados acima, a posição teórica de Sperber e Wilson de que a combinação de características conceituais contextualmente inferidas e linguisticamente decodificadas constitui a explicatura do enunciado, a qual pode ser inferida do contexto, da forma proposicional do enunciado e da atitude proposicional expressa pelo falante.

Descreve-se no capítulo seguinte a metodologia a ser utilizada.

3 METODOLOGIA

Este capítulo foi dividido em três seções. Na primeira seção, apresentam-se as hipóteses da pesquisa. Nas duas seções seguintes, são apresentados os procedimentos de coleta e de análise dos dados.

3.1 HIPÓTESES

O presente estudo de caso faz parte do Projeto “Teoria da Relevância: práticas de leitura e produção textual em contexto escolar” do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Unisul. Como parte desse projeto, esta pesquisa, do ponto de vista operacional, defende a hipótese de que os níveis representacionais: forma lógica, explicatura e implicatura, com base na Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986, 1995) e Carston (1988), permitem uma descrição empírica e uma explicação adequada dos processos ostensivo-inferenciais envolvidos na reescrita de produção textual, mediada pela intervenção docente.²

Esta pesquisa, em particular, contempla três tarefas. A primeira tarefa concerne à

² A hipótese operacional tem sido corroborada em pesquisas recentes do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem: Coral (2003), Godoi (2004), Matiolla (2004), Rauen (2005), Pavei (2005), Santos (2005), Silva (2003), Vandresen (2005) e Zapelini (2005).

leitura de um texto-base para a produção de um texto por parte dos alunos. Esse texto foi objeto de avaliação do docente, no sentido de analisar possíveis eventos dos graus de conteúdo explícito e implícito. A avaliação serviu de suporte para uma intervenção oral, segunda tarefa, e, após a intervenção, o aluno reescreveu o texto, o que definiu a terceira tarefa.

Em função desse desenho metodológico, esta pesquisa propôs duas hipóteses de trabalho. A primeira hipótese é a de que, em função da mediação do docente (segunda tarefa), os enunciados lingüísticos da reescrita da produção textual (terceira tarefa) serão caracterizados por maior explicitação dos conceitos das suposições a eles vinculados.

A segunda hipótese de trabalho é a de que seria possível detectar nos enunciados lingüísticos da reescrita da produção textual (terceira tarefa), além de dados de suposições do próprio texto de base (tema): dados de suposições decorrentes da primeira tarefa, dados de suposições decorrentes da interação verbal docente/discente por ocasião da intervenção docente (segunda tarefa) e, dados de suposições inéditas decorrentes da terceira tarefa.

No que diz respeito à primeira hipótese, a pesquisa defende que a intervenção docente é capaz de influenciar as escolhas dos elementos lingüísticos dos enunciados da reescrita, de tal modo que os alunos passam a estar mais atentos aos recursos lingüísticos que explicitam os conceitos das suposições envolvidas nesses enunciados. Em outros termos, os enunciados da reescrita estarão mais próximos da explicatura das suposições que os fundamenta, do que os enunciados da primeira versão.

No que se refere à segunda hipótese, esta pesquisa fundamenta-se no trabalho de Rauén (2005), a partir de *corpus* coletado por Godoi (2004). Nessa pesquisa, alunos de Administração resumiram um texto sem consulta, para, posteriormente, fazer a mesma tarefa, mediante consulta. Os resultados revelaram marcas do texto de base, do primeiro resumo e elementos inéditos decorrentes da segunda tarefa. Em função disso, a pesquisa defende que é possível encontrar pistas de todas as fases do processo de escrita na segunda versão, desde

aquelas já contempladas na primeira versão, passando por aquelas que emergem em função da interação oral docente/discente, até aquelas inéditas em função do processo mesmo da segunda escrita.

3.2 PROCEDIMENTOS DA COLETA DOS DADOS

Nesta seção, apresentam-se os detalhes da coleta dos dados, em especial, os procedimentos de seleção dos sujeitos, os de obtenção dos textos e os de interação docente/discente.

No que diz respeito aos sujeitos da pesquisa, foram selecionados todos os vinte alunos da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Coopeimb (Cooperativa Educacional de Imbituba) do município de Imbituba, SC.³

Como se disse, a coleta de dados, propriamente dita, executou-se em três fases. Na primeira fase, como parte das atividades cotidianas de sala de aula de Sociologia,⁴ na qual esta pesquisadora atua como docente, foi solicitada a elaboração de uma produção textual aos sujeitos. Para essa produção, elaborou-se um instrumento próprio, contendo, além dos dados de identificação do aluno e do tema da produção textual, espaço de trinta linhas para a produção do texto encimado por linha destinada ao título (ver anexo).

Na turma que compõe este estudo de caso, a disciplina de Sociologia possui 2 horas semanais: a terceira aula vespertina das terças-feiras e a quarta aula matutina das sextas-feiras. Essa tarefa realizou-se na aula de sexta-feira, dia 9 de setembro de 2005, reservando 45

³ Para viabilização da pesquisa serão obtidos: autorização oficial para realização da pesquisa junto à Unidade de Ensino; e “Consentimento Livre e Esclarecido” aos pais ou responsáveis pelos alunos (vide anexo).

⁴ A disciplina de Sociologia na Unidade-caso direciona-se em especial para discussões sobre temas atuais. Faz parte das atividades normas dessa disciplina a proposição de temas para produção de textos.

minutos para sua realização. Conforme os regulamentos da escola, não foi permitida a saída da sala de aula para o aluno que terminasse a tarefa antes.

Em função da série escolhida, o tema da produção insere-se no contexto de preparação para o Vestibular. Para esta pesquisa, devido ao recente destaque aos problemas de corrupção, envolvendo congressistas brasileiros (CPI dos Correios, CPI do Mensalão), optou-se pela proposição de um tema do Vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina. O tema consiste numa seleção de Richard Attenbouroug de “As palavras de Gandhi” e destaca a contingência do “abuso” em instituições, no caso a democracia. Gandhi contrapõe a solução de se evitar a democracia com a de minimizar o abuso, defendendo a segunda solução.

Veja-se o texto:

Não há instituição humana que não tenha os seus perigos. Quanto maior a instituição, maiores as chances de abusos. A democracia é uma grande instituição e por isso mesmo está sujeita a ser consideravelmente abusada. Mas o remédio não é evitar a democracia e sim reduzir ao mínimo a possibilidade de abuso (As palavras de Gandhi, texto selecionado por Richard Attenbouroug, *apud* PACHECO, 1988).⁵

A opção por esse texto, além da possibilidade da emergência de suposições implícitas que o conectem com a situação política do Brasil em 2005, tem a ver com a suposta inexistência de itens lexicais diversos do ambiente cognitivo dos alunos, que gerassem dificuldades maiores de compreensão.

Por outro lado, o texto apresenta certas implicaturas que podem ser detectadas pelos alunos, entre outras, o fato de que “abusos são perigos” ou “democracia é uma instituição humana” (oposta a natural). A já mencionada defesa do investimento na democracia pressupõe a percepção da opção contrária, o que pode conectar com experiências ditatoriais humanas (nazi-fascismo, ditaduras de esquerda, ditaduras religiosas, etc.). A própria remissão a Gandhi pode ser usada nesse debate.

⁵ O texto compõe um conjunto de Propostas de redação a partir de textos não-literários, amostrados por Pacheco (1988, p. 84).

A segunda fase da pesquisa consistiu na realização de uma interação verbal docente/discente. Antes dessa fase, as produções textuais foram avaliadas pela pesquisadora. Nessa tarefa prévia, os textos foram fotocopiados. As anotações da avaliação foram feitas apenas nessa cópia, de modo que, na interação, a discussão foi feita oralmente mediante o instrumento de coleta original (não marcado). Somente o docente teve acesso, e neste caso, somente pontualmente, à cópia com suas anotações. Além disso, foi vedada a aposição de qualquer marca na versão original.

Cabe reconhecer aqui que essa decisão não reflete o trabalho virtual de intervenção de um professor que, provavelmente, devolveria o texto original marcado e também acrescentaria mais marcas na interação. Contudo, essas marcas poderiam ser um objeto de direcionamento muito explícito e, no extremo, a própria reescrita dos enunciados pelo docente e não pelo aluno. Nessa interação, o propósito do docente (reitere-se, aqui, esta pesquisadora) é o de aperfeiçoar o desempenho do aluno, apontando elementos de melhoria da produção textual e não reescrever o texto.

Do ponto de vista da coleta dos dados, esta atividade individual necessitou ser gravada e, posteriormente, transcrita, com o objetivo de detectar as prováveis suposições envolvidas. Para viabilizá-la ocupou-se, na sala de Sociologia, o período vespertino de segunda-feira, dia 19 de setembro de 2005, contando com apoio dos docentes das disciplinas de espanhol e de artes, no sentido de dispensar os alunos para a tarefa.

Cabe, aqui, reconhecer que o papel duplo de pesquisadora e docente da disciplina pode trazer vantagens e desvantagens que limitarão ou condicionarão os resultados. Se por um lado, a intervenção por outro docente, que não a pesquisadora, favorece certo distanciamento com relação aos objetivos da análise, por outro, essa intervenção poderia ser feita de tal maneira que a ênfase fosse unicamente às questões gramaticais, o que desviaria totalmente do foco dessa pesquisa. Com base nisso, haverá um comprometimento de, na medida do possí-

vel, não direcionar a escrita, mas tornar explícita ao aluno a necessidade de preencher as suposições implícitas possivelmente encontradas na primeira tarefa. Além disso, não se quer aqui avaliar a intervenção por si mesma, mas uma intervenção focada nessas questões. De qualquer modo, mesmo que a mediação promova uma interferência tão acentuada, isso será um dado qualitativamente mensurável nesse desenho experimental, como se verá adiante.

Imediatamente após a intervenção docente, os alunos elaboraram a reescrita de sua produção, que diz respeito a terceira e última fase da coleta de dados. Para essa tarefa destinou-se uma segunda sala onde esteve presente um monitor. Nessa segunda sala, o aluno recebeu um novo instrumento de coleta de dados em branco e, de posse do texto da primeira tarefa, elaborou a segunda versão.

De posse dos produtos de cada fase, partiu-se para a análise de dados, cujos procedimentos serão explicitados na próxima seção.

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

O primeiro passo da análise de dados consistiu na digitação dos dados coletados em cada uma das tarefas. No que se refere à intervenção oral, a tarefa pressupõe a transcrição dos dados gravados em áudio.

Cada aluno recebeu, para identificação, um código de “01” a “20”. Além disso, cada fase foi identificada pelos códigos “01”, “02” e “03”, conforme sua ordem de ocorrência. Portanto, a codificação ficou assim compreendida:

“0501” – Aluno “05”, tarefa “01” (produção textual anterior à intervenção);

“0502” – Aluno “05”, tarefa “02” (interação verbal docente/discente);

“0503” – Aluno “05”, tarefa “03” (produção textual posterior à intervenção).

Na transcrição da interação verbal, os enunciados do docente foram designados pela letra “D”, e os de cada aluno, pela letra “E”. Nos dois casos, esse código será seguido pelo número de ordem dos enunciados.

Uma vez digitados os dados, a próxima fase a que foram submetidos, consistiu na aplicação dos conceitos de forma lógica, explicatura e implicatura em cada enunciado. Aqui, cabe dizer que essa fase foi antecedida pela análise dos enunciados do tema da produção textual, aplicando-se a mesma metodologia. Além disso, cabe dizer que o produto dessa fase implicou a avaliação da hipótese operacional.

Em outras palavras, cada enunciado do tema, das duas produções textuais e da interação verbal docente/discente submeteu-se a três procedimentos:

- a) encaixe do enunciado dentro de sua respectiva forma lógica;
- b) elaboração da explicatura do enunciado lingüístico (caso necessário); e
- c) elaboração das implicaturas do enunciado lingüístico (caso pertinente).

Uma vez analisado cada enunciado em particular, iniciou-se a próxima fase que incidiu na avaliação da influência da fase de intervenção docente na segunda produção. Para essa tarefa, adotou-se a metodologia de Rauen (2005) com base em Sperber e Wilson (1986, 1995).

Para a teoria da relevância, o contexto cognitivo para a interpretação de um enunciado não se concebe como variável fixa, mas construída no processo comunicacional. Em cada tarefa, como a que se desenha nessa pesquisa, o aluno dispõe de um conjunto de contextos parcialmente ordenados.

Cada contexto, exceto o inicial, contém um ou mais contextos menores e cada contexto (exceto os contextos máximos) está contido em um ou mais contextos maiores. [...] essa relação formal tem uma contraparte psicológica: ordem de inclusão corresponde à ordem de acessibilidade (SPERBER e WILSON, 1995, p. 142).

Rauen (2005, p. 38-39) aplica essa concepção na análise de resumos, o primeiro elaborado sem consulta e o segundo com consulta ao texto de base. Naquela oportunidade, atribuiu aos resumos a qualificação de palimpsésticos, ou seja, os enunciados posteriores na cadeia de ações são influenciados pelas cadeias de ações prévias e se constituem como camadas que se agregam uma as outras. Seguindo essa mesma lógica, nesta pesquisa, a segunda produção textual acrescenta uma camada a mais aos produtos anteriores, especialmente, ao texto anterior e à interação verbal.

A primeira produção textual foi precedida e mediada pela leitura do tema (texto de base). Basicamente, trata-se da contextualização dos enunciados do tema no conjunto de suposições que compõe o ambiente cognitivo inicial de cada aluno. Veja-se

$$E_1 = f(E_0.A_0.t_1)$$

Na formulação, quer-se comunicar que os enunciados do texto da primeira produção textual (E_1) são uma função (f) da contextualização dos enunciados do texto de tema (E_0) no ambiente cognitivo do aluno (A_0) no tempo da elaboração dessa primeira produção (t_1).

Com base nessa formulação, é teoricamente possível detectar marcas dos enunciados do tema (E_0) e de contextualização dos enunciados do tema no ambiente cognitivo do aluno por ocasião de sua primeira produção textual (E_1).

Entregues as produções textuais, elas foram avaliadas pelo docente. Nesse caso, a avaliação do docente (D_2) é também função da contextualização dos enunciados da primeira produção dos alunos (E_1) no ambiente cognitivo do docente (D_1) no tempo dessa avaliação (t_2).

$$D_2 = f(E_1.D_1.t_2).$$

Com base nessa avaliação, o docente gera um processo de interação verbal que modifica o ambiente cognitivo do aluno.

$$A_3 = f(ED_2.A_2(A_1(E_0.A_0.t_1)).t_3).$$

Nesta formulação, quer-se dizer que o ambiente cognitivo do aluno (A_3) no tempo da interação verbal (t_3) é uma função da ambientação dos enunciados orais do docente (ED_2), que são decorrentes de sua avaliação (do docente), no ambiente cognitivo do aluno (A_2). Obviamente que o ambiente cognitivo do aluno entre a primeira tarefa e o início da interação não é mais o mesmo, de modo que não pode ser expresso na formulação como (A_1), mas como (A_2). Todavia, esse novo ambiente contém, pelo menos parcialmente, o ambiente cognitivo da elaboração dos enunciados da primeira produção (A_1) que, por sua vez, decorre da ambientação dos enunciados do tema (E_0) contextualizados no ambiente cognitivo de partida (A_0).⁶

Com base nessa interação, o aluno é solicitado a elaborar a reescrita de sua primeira produção. Veja-se

$$E_2 = f(E_0.A_4(A_3(A_2(A_1(E_0.A_0.t_1))))).t_4).$$

Nesse caso, os enunciados da reescrita (E_2) são uma função da contextualização dos enunciados do tema (E_0), no ambiente cognitivo do aluno (A_4) no tempo da elaboração da reescrita (t_4). O ambiente cognitivo do aluno nessa tarefa é função de seu ambiente cognitivo no decorrer da interação (A_3), que contém, pelo menos parcialmente, o ambiente cognitivo que antecedeu a interação com o docente e sucedeu a elaboração do primeiro texto (A_2), que é contém, pelo menos parcialmente, o ambiente cognitivo da elaboração dos enunciados da primeira versão (A_1) que, por fim, decorre da ambientação dos enunciados do tema (E_0) contextualizados no ambiente cognitivo de partida (A_0).

Por hipótese, podem-se encontrar nos enunciados do segundo texto:

a) marcas dos enunciados do tema,

$$E_2 = f(E_0.A_4(A_3(A_2(A_1(E_0.A_0.t_1))))).t_4);$$

⁶ Aqui se reconhece que a formulação é muito simplificada, uma vez que a cada turno da interação verbal, esses ambientes cognitivos são incrementados.

- b) marcas do ambiente cognitivo do aluno que emergem quando da elaboração do segundo texto, mas que não decorrem das fases anteriores e são, portanto, inéditas;

$$E_2 = f(E_0.A_4(A_3(A_2(A_1(E_0.A_0.t_1))))).t_4);$$

- c) marcas que decorrem da interação docente/discente e podem ser prospectadas da transcrição desses enunciados,

$$E_2 = f(E_0.A_4(A_3(A_2(A_1(E_0.A_0.t_1))))).t_4);$$

- d) marcas do ambiente cognitivo da elaboração do primeiro texto, e que podem ser prospectadas por aqueles enunciados,

$$E_2 = f(E_0.A_4(A_3(A_2(A_1(E_0.A_0.t_1))))).t_4).$$

Vale frisar que alguns elementos dessa formulação não são prospectáveis diretamente. O ambiente cognitivo que sucede a elaboração do primeiro texto e antecede à interação (A_2) acaba por ser assimilado ao ambiente que se constrói na interação (A_3). O mesmo se pode dizer do ambiente cognitivo de origem (A_0), que é assimilado pelo ambiente da primeira produção textual (A_1). Além disso, as proposições dos enunciados do tema (E_0) no tempo da elaboração do segundo texto (t_4) não são cognitivamente os mesmos daqueles encontrados na primeira tarefa, sendo discutível dizer que as marcas desses enunciados, mesmo quando repetidas, sejam as mesmas.

Uma vez conhecidas as formulações, a segunda hipótese de trabalho se corroborará na medida em que forem detectadas as mais diversas marcas de processamento nos enunciados do segundo texto. No que se refere à primeira hipótese, a influência da interação será medida, além da verificação dos graus de explicitação dos conceitos por itens lexicais no segundo texto, pelas marcas da interação presentes nessa reescrita.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Coletados os dados, foram analisadas as produções textuais dos 20 (vinte) alunos envolvidos no estudo de caso. Em virtude da semelhança de ocorrências e marcas encontradas nas produções textuais, nesta dissertação, apresentam-se e analisam-se as produções textuais do aluno 01, bem como sua interação verbal com a docente.

Para dar conta da análise, este capítulo subdivide-se em três seções. Na primeira seção, analisa-se o texto de base utilizado para a realização da produção textual pelo aluno. Na segunda seção, apresentam-se: a primeira produção textual do aluno, a intervenção oral docente e o texto reescrito, com ênfase na análise das marcas de cada etapa em sua composição. Na última seção, faz-se, por meio de recortes, um apanhado das demais produções.

4.1 ANÁLISE DO TEXTO DE BASE

O texto de base, apresentado de forma impressa aos alunos, corresponde a um tema para redação de vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Trata-se de um texto selecionado por Richard Attenbouroug e intitulado “As palavras de Gandhi”. Reveja-se o texto.

Não há instituição humana que não tenha os seus perigos. Quanto maior a instituição, maiores as chances de abusos. A democracia é uma grande instituição e por isso mesmo está sujeita a ser consideravelmente abusada. Mas o remédio não é evitar a democracia e sim reduzir ao mínimo a possibilidade de abuso.

Para compreender os processos de interpretação desempenhados pelos alunos, analisou-se o texto de base depreendendo sua explicatura. Veja-se o resultado:

Não há instituição humana que [instituição humana] não tenha os seus [da instituição humana] perigos. Quanto maior \emptyset [for] a instituição \emptyset [humana], maiores \emptyset [serão] as chances de abusos \emptyset [na/da instituição humana]. A democracia é uma grande instituição \emptyset [humana] e por isso mesmo [pela democracia ser uma grande instituição humana] \emptyset [a democracia] está sujeita a ser consideravelmente abusada \emptyset [pelas pessoas]. Mas o remédio \emptyset [para a instituição humana não ser abusada pelas pessoas] não é evitar a democracia \emptyset [como instituição humana] e [mas] sim \emptyset [o remédio é] reduzir ao mínimo a possibilidade de abuso \emptyset [na/da instituição humana].

No primeiro enunciado,

Não há instituição humana que [instituição humana] não tenha os seus [da instituição humana] perigos,

do ponto de vista da explicatura, é necessário atribuir referente aos itens lexicais ‘que’, [instituição humana], e ‘seus’, [da instituição humana].

Para interpretar o primeiro enunciado, é preciso que o leitor acione suposições referentes ao conceito de instituição humana. As interpretações podem variar conforme as entradas enciclopédicas acionadas com base na seqüência lexical ‘instituição humana’. Conforme o conceito acionado para essa seqüência, assim o leitor guiará sua interpretação. No primeiro enunciado, Gandhi pondera que não há instituição isenta de perigos. Desse modo, a relação entre as entradas lexicais: ‘instituição humana’ e ‘perigo’ tem de ser processada pelo aluno.

No segundo enunciado,

Quanto maior \emptyset [for] a instituição \emptyset [humana], maiores \emptyset [serão] as chances de abusos \emptyset [na/da instituição humana],

o leitor precisa preencher a elipse do verbo ‘ser’ após os itens lexicais ‘maior’ e ‘maiores’, bem como preencher a elipse de ‘humana’ após a entrada lexical ‘instituição’ e ‘da/na instituição humana’, como complemento da entrada lexical ‘abusos’.

Para interpretar o segundo enunciado, o leitor precisa ativar entradas enciclopédicas com base na entrada lexical ‘maior’. Aqui, permite-se pensar na possibilidade de ‘grandes instituições’, onde possivelmente o efeito contextual tende a enfraquecer/eliminar as suposições referentes a ‘pequenas instituições’.

Na explicatura do terceiro enunciado:

A democracia é uma grande instituição Ø [humana] e por isso mesmo [pela democracia ser uma grande instituição humana] Ø [a democracia] está sujeita a ser consideravelmente abusada Ø [pelas pessoas],

exige-se que o leitor preencha as elipses de ‘humana’ após ‘instituição’, ‘a democracia’, como sujeito do verbo ‘estar’ e ‘pelas pessoas’ como complemento da entrada lexical ‘abusada’.

O enunciado torna acessível ao leitor a que instituição o texto está se referindo. A relevância é guiada no sentido de destacar, do conceito maior de instituição, o conceito de democracia. A força desse destaque se dá, justamente, pela entrada lexical ‘democracia’.

No quarto enunciado:

Mas o remédio Ø [para a instituição humana não ser abusada pelas pessoas] não é evitar a democracia Ø [como instituição humana] e [mas] sim Ø [o remédio é] reduzir ao mínimo a possibilidade de abuso Ø [na/da instituição humana],

exige-se do leitor maior esforço no preenchimento de elipses. Há de se estabelecer o complemento de finalidade para a entrada lexical ‘remédio’, algo como remédio ‘para a instituição humana não ser abusada pelas pessoas’. A entrada lexical ‘democracia’, precisa ser modalizada enquanto ‘instituição humana’. O sujeito para a entrada lexical ‘reduzir’, provavelmente deve ser: ‘o remédio é’, dado o paralelismo sintático com o início do enunciado. Mais uma vez a entrada lexical ‘abuso’ pode ser preenchida por ‘na/da instituição humana’. Outro aspecto que exige esforço de processamento é a interpretação da entrada lexical ‘e’, como ‘mas’.

O enunciado quatro marca o argumento do texto. Repare-se que esse enunciado deixa entrever a suposição de que uma das alternativas aos abusos da democracia é optar por regimes não democráticos.

S_1 – O remédio para a instituição humana não ser abusada pelas pessoas não é evitar a democracia.

S_2 – Se o remédio para a instituição humana não ser abusada pelas pessoas não é evitar a democracia então existe quem proponha que evitar a democracia é um remédio para a instituição humana não ser abusada.

S_3 – Existe quem proponha que evitar a democracia é um remédio para a instituição humana não ser abusada.

Em síntese, o argumento do texto é marcado pela defesa da democracia, apesar da possibilidade dela, enquanto instituição humana passível de ser abusada, ser efetivamente abusada. Dado que isso é inevitável, o remédio é minimizar os abusos.

Vejamos, agora, como o texto de base é ambientado no contexto cognitivo dos alunos que compõem o estudo, em especial o aluno 01.

4.2 PRODUÇÕES TEXTUAIS DO ALUNO 01

Esta seção subdivide-se em quatro subseções. Na primeira subseção mostra-se a análise feita da primeira produção textual do aluno 01. A segunda subseção apresenta-se a transcrição da intervenção oral docente e a análise feita em cada resposta obtida. Na terceira subseção, faz-se a análise do texto reescrito e as possíveis marcas dos processos anteriores. Na quarta subseção fazem-se algumas considerações sobre os resultados da análise.

4.2.1 Primeira produção textual

O aluno 01 elaborou o seguinte texto:

[Parágrafo 1] É realmente crítica a forma com que as pessoas assumem os cargos públicos hoje no Brasil. Se levarmos em conta desde a antiguidade isso vem ocorrendo, com os grandes senhores feudais garantindo os feudos e cada vez mais maltratando seus escravos, porém toda essa manipulação tem dominado as pessoas, e a ganância cada vez mais em alta. Nas últimas eleições para a presidência, votamos convictos de que algo iria mudar com o presidente Lula no poder, e, realmente mudou! Um grande escândalo envolvendo todo o partido veio à tona. Será que tal fato deveria realmente ter acontecido? Será que foi bom?

[Parágrafo 2] Não cabe a nós julgar ninguém, porém temos que lutar por melhorias e garantir o nosso país de amanhã. Muitas coisas já mudaram, umas para melhor, e outras para pior. Muitas pessoas evitam esse assunto, são completamente erradas, estão concordando com o que está acontecendo. Com todo esse escândalo do Mensalão, foi aberta uma porta para se observar quanta coisa está errada, e se continuar nesse caminho talvez podemos mudar muita coisa.

[Parágrafo 3] Falar de fatos que envolvem política, políticos, população querendo melhoria é extremamente complicado, porque envolvem muitas controvérsias, porém, se quisermos mudar algo, é desse jeito que devemos mudar, com críticas, com escândalos, e tentando mudar aquele ditado “quanto mais tem mais quer.”

Essa produção textual gera a seguinte explicatura:

[Parágrafo 1] É realmente crítica a forma com que [a forma crítica] as pessoas assumem os cargos públicos hoje no Brasil. Se Ø [nós] levarmos em conta Ø [a forma com que as pessoas assumem os cargos públicos] desde a Antiguidade isso Ø [a forma como se assume cargos públicos] vem ocorrendo, com os grandes senhores feudais garantindo os feudos e cada vez mais Ø [os senhores feudais] maltratando seus [dos senhores feudais] escravos, porém toda essa manipulação Ø [dos grandes senhores feudais] tem dominado as pessoas, e a ganância Ø [das pessoas] Ø [está] cada vez mais em alta. Nas últimas eleições para a presidência Ø [do Brasil], Ø [nós] votamos convictos de que algo iria mudar Ø [no Brasil] com o presidente Lula no poder, e, realmente Ø [algo] mudou Ø [com o presidente Lula no poder]! Ø [o que mudou com o presidente Lula no poder] Ø [foi] Ø [que] Um grande escândalo envolvendo todo o partido Ø [do presidente Lula] veio à tona. Será que tal fato [Lula assumir o poder/um grande escândalo envolvendo todo o partido do presidente Lula] deveria realmente ter acontecido? Será que Ø [Lula assumir o poder/um grande escândalo envolvendo todo o partido do presidente Lula] foi bom?

[Parágrafo 2] Não cabe a nós julgar ninguém, porém Ø [nós] temos que lutar por melhorias Ø [para o Brasil] e Ø [nós temos que] garantir o nosso país de amanhã. Muitas coisas já mudaram Ø [no Brasil], umas Ø [coisas] para melhor, e outras Ø [coisas] para pior. Muitas pessoas evitam esse assunto Ø [o escândalo do partido do presidente Lula], Ø [as pessoas que evitam o escândalo do partido do presidente Lula] são completamente erradas, Ø [as pessoas que evitam o escândalo do partido do presidente Lula] estão concordando com o que [o] está acontecendo Ø [no Brasil]. Com todo esse escândalo do Mensalão, foi aberta uma porta para se observar quanta coisa está errada Ø [no Brasil], e [então] se continuar nesse caminho talvez Ø [nós] podemos mudar muita coisa Ø [no Brasil].

[Parágrafo 3] Falar de fatos que Ø [fatos] envolvem política, políticos, população querendo melhoria Ø [para o Brasil] é extremamente complicado Ø [no Brasil], por-

que envolvem muitas opiniões, muitas controvérsias, porém se Ø [nós] quisermos mudar algo Ø [no Brasil], é desse [com muitas opiniões, muitas controvérsias] jeito que [jeito] Ø [nós] devemos mudar, com críticas, com escândalos, e Ø [então] tentando mudar aquele ditado Ø [que diz] “quanto mais Ø [a pessoa] tem mais Ø [a pessoa] quer Ø [ter]”.

Considerando a produção textual do aluno como produto elaborado a partir do texto de base, percebe-se certo distanciamento com relação a própria abordagem presente no texto de base e que, o aluno sob um outro ponto de vista apresenta diferentes enfoques. Pode-se estar questionando quais implicaturas foram acionadas pelo aluno que o levaram a construir esta referida produção textual. Estaria ele ambientado em que contexto cognitivo? Que fatos, enunciados e entradas lexicais teriam sido ativadas de sua memória enciclopédica, lingüística e lexical?

Sabendo que no texto de base têm-se marcas muito visíveis dos termos ‘instituição humana’, ‘democracia’ e ‘abusos’, pode-se observar se os mesmos estarão sendo discutidos pelo aluno em sua primeira produção textual. Pela leitura feita da produção textual, supõe-se que o aluno utilizou-se da entrada lexical ‘democracia’ para se referir ao governo do ‘presidente Lula’ e ao ‘presidencialismo’, regime de governo vivido no Brasil.

No texto de base Gandhi, argumenta-se sobre as ‘chances de abusos’ que a ‘democracia’ pode sofrer. O aluno parece tê-las ambientado no seu texto, porém relacionando ‘abuso’ com as ‘formas de opressão’.

No primeiro enunciado da produção textual do aluno ‘*É realmente crítica a forma com que as pessoas assumem os cargos públicos hoje no Brasil*’, o aluno conecta os possíveis abusos à instituição democrática com abusos vivenciados, pelo menos pelos relatos da mídia, no Brasil. Se democracia pode ser abusada, ela á abusada por aqueles que assumem cargos públicos, mormente os políticos. Essa conexão decorre de um raciocínio inferencial, provavelmente como se segue:

S₁ – Democracia pode ser abusada;

S₂ – Quem assume cargos públicos hoje no Brasil, abusa da democracia;

S₃ – Se S₁ e S₂, então S₄;

S₄ – É realmente crítica a forma com que as pessoas assumem os cargos públicos hoje no Brasil.

No segundo enunciado ‘*Se levarmos em conta desde a antiguidade isso vem ocorrendo, com os grandes senhores feudais garantindo os feudos e cada vez mais maltratando seus escravos, porém toda essa manipulação tem dominado as pessoas, e a ganância cada vez mais em alta*’, o aluno pretendeu ilustrar que esse comportamento é histórico. Há, contudo, sérios equívocos entre o que ele pretende argumentar e o efeito dessa ilustração.

Antiguidade ou Idade Antiga, segundo a divisão histórica relativa aos períodos ou idades, compreende o período do aparecimento da escrita (mais ou menos 4000 a.C.) até o século V (queda de Roma, em 476). Conforme Silva (1994) é o período histórico iniciado com as mais antigas civilizações e que se estende até a queda do Império Romano do Ocidente (séc. V). Abrangendo a Antiguidade Egípcia, onde desenvolveu-se no antigo Egito o modo de produção asiático, no qual todas as terras pertenciam ao Estado, que se apropriava do excedente produzido pelos camponeses e, a Antiguidade Clássica, tratando das questões do mundo grego e do mundo romano. No mesmo enunciado, o aluno atribui os termos ‘senhores feudais’ e ‘feudos’ ao período da antiguidade. Sabe-se, contudo, que o feudalismo pertence ao período da Idade Média, caracterizando-se como um sistema de relações servis de produção, composta de uma sociedade hierarquizada.

Por que o aluno conectou esses períodos históricos? Estaria o aluno querendo deixar implícito que nos diferentes períodos históricos também ou sempre houve abuso de autoridade, de poder? Quis ele demonstrar as diferentes formas de opressão?

Na seqüência do mesmo enunciado o aluno descreve ‘*com os grandes senhores feudais garantindo os feudos e cada vez mais maltratando seus **escravos**, porém toda essa manipulação tem dominado as pessoas, e a ganância cada vez mais em alta*’. **O aluno erra** ao

conectar escravos com feudos, dado que no Feudalismo não tínhamos o regime de escravidão e sim de servidão. A escravidão ocorreu na Idade Antiga e também na história do Brasil, mais precisamente, na Idade Moderna, com a vinda dos negros africanos para trabalharem nas colônias portuguesas.

O enunciado do aluno apresenta, portanto, informações confusas, que conectam equivocadamente períodos históricos e regimes de opressão diferentes, além do que, salvo o aspecto de ilustração, tem uma conexão discutível com o primeiro enunciado.

Como, tradicionalmente, não se atribui ao Brasil qualquer história antiga ou feudal, a não ser indiretamente pela história de seus colonizadores europeus, parece que a única conexão viável entre os enunciados decorre de inferências fracas derivadas do processamento da entrada lexical ‘abusos’, de modo a destacar ‘formas de opressão’ sofrida pelas pessoas no decorrer da história em diferentes épocas.

No terceiro enunciado *‘Nas últimas eleições para a presidência, votamos convictos de que algo iria mudar com o presidente Lula no poder, e, realmente mudou’*, vê-se nitidamente que o aluno salta do ambiente cognitivo da revisão histórica para suas vivências mais concretas, em especial, as ‘eleições’ para a ‘presidência’ e o período no qual o país se identificou com as promessas do então candidato Luís Inácio Lula da Silva. O aluno está restringindo o contexto mais amplo da entrada lexical ‘democracia’ para o contexto mais próximo e restrito das promessas de campanha nas eleições presidenciais de 2002.

Em 2002, as eleições presidenciais foram disputadas por candidatos da situação e da oposição. Presidia o governo federal neste período Fernando Henrique Cardoso, presidente reeleito pelo povo, com um mandato de quatro anos. O candidato aliado ao então presidente FHC nas eleições de 2002 era José Serra, concorrendo com outros candidatos como Ciro Gomes, Anthony Garotinho e o candidato de esquerda do partido dos trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva.

O Partido dos Trabalhadores caminhava a quase vinte anos em busca da conquista do poder presidencial. Lula havia concorrido em pelo menos, quatro eleições passadas e, em nenhuma delas obteve a vitória. O partido se colocava como aliado da classe trabalhadora, objetivando mudanças ‘radicais’ para a sociedade brasileira, entre elas, a má distribuição de renda, o desemprego, a corrupção, a fome. O ano de 2002 ficou marcado para o Brasil e para a própria história do PT e de Lula. No segundo turno eleitoral Lula obteve a vitória sobre o candidato Serra.

O quarto enunciado ‘*Um grande escândalo envolvendo todo o partido veio à tona*’, comprova a restrição já mencionada de democracia para as promessas de governo. Para interpretá-lo, o leitor precisa conectar o enunciado com os escândalos que emergiram na mídia em 2005.

Com apenas dois anos de governo, o partido do presidente Lula, o PT, envolveu-se em grandes escândalos. Um dos primeiros escândalos a atingir a mídia foi o caso de corrupção nos Correios, envolvendo o deputado Roberto Jefferson do PTB e o empresário Marcos Valério. Em seguida, um outro escândalo ocorrido em 2005 de grande repercussão, teve seu início com a denúncia de que os deputados aliados ao governo Lula e ao PT recebiam mensalmente propinas para votarem assuntos de interesse do governo. Daí a denominação de Mensalão para o escândalo.

Considerando o quarto enunciado em comparação com o final do terceiro, percebe-se a frustração do aluno com as promessas de governo na campanha presidencial. O final do terceiro enunciado revela uma atitude dissociativa característica da ironia.

Wilson (2004) destaca que, de acordo com a Teoria da Relevância, o que é perdido das perspectivas de ironia clássica e griceana é o fato de que o falante está indiretamente citando ou aludindo um pensamento ou um enunciado que ela tacitamente atribui a outrem, e do qual ele quer fazer graça ou dissociar-se de algum modo. Os enunciados irônicos caem

juntos com outros usos de linguagem para representar, reportar ou interpretar os pensamentos ou os enunciados de outros e transmitir a atitude do falante aos pensamentos atribuídos.

O destaque de Wilson (2004) para a ironia verbal é que ela envolve a expressão de uma atitude tacitamente dissociativa (torta, zombeteira, amarga, selvagem, sarcástica, etc.) a um enunciado ou pensamento tacitamente atribuído. No caso, o aluno não se associa aos que endossariam mudanças positivas com a eleição de Lula. Pelo contrário, ele demonstra que o que caracteriza essas mudanças são os escândalos políticos. No caso a relevância tem de ser buscada com acréscimo de esforço cognitivo, dado que é compensado com efeitos adicionais.

Para obter esse efeito, é necessário que o leitor mobilize seus conhecimentos sobre os escândalos envolvendo o Partido dos Trabalhadores, o ‘partido Ø [do presidente Lula]’, em 2005. Só assim se pode interpretar adequadamente o item lexical ‘escândalo’.

No quinto e no sexto enunciado ‘*Será que tal fato realmente deveria ter acontecido? Será que foi bom?*’, o aluno apresenta indagações acerca da reflexão feita nos enunciados anteriores.

O problema desses enunciados decorre do item lexical ‘tal’ em ‘tal fato’. Há, pelo menos dois candidatos textuais que preenchem a referência para esse item lexical. A primeira conecta ‘tal’ com o fato de Lula ter assumido a presidência da república e, nesse caso, o aluno está questionando o possível engodo das eleições; a segunda conecta ‘tal’ com os escândalos de 2005 e, nesse caso alternativo, o aluno questiona a pertinência de se expor esse escândalo.

O leitor, acionando o mecanismo de compreensão guiado pela relevância, escolherá a primeira interpretação consistente com o princípio de relevância. A questão crucial é a de que o professor pode ser levado a interpretar de uma forma e o aluno ter pretendido que ele interpretasse de outra.

Blass (*apud* Silveira e Feltes, 1999, p. 78) ao reinterpretar a textualidade pela Relevância, segue a perspectiva de Sperber e Wilson, onde a representação semântica de uma

sentença (ou enunciado) é recuperada por um processo, via de regra automático e inconsciente, de decodificação lingüística e enriquecido, pelo critério de consciência com o Princípio de Relevância, através de informação contextualmente acessível. A natureza dessa operação explica, por exemplo, por que se procura construir a coerência de um texto antes de julgá-lo, de imediato, incoerente.

As marcas de coesão e de coerência, segundo Blass, seriam mais bem interpretadas como restrições semânticas sobre a Relevância, ao indicar em que direção a Relevância deve ser procurada (SILVEIRA e FELTES, 1999, p. 64).

O item lexical ‘tal’ também apresenta desambiguação. Conforme Wilson (2004) a desambiguação tende a ser um processo pragmático inferencial onde um dos significados (ou sentidos) decodificados é selecionado e incorporado dentro de uma hipótese sobre o significado explícito do falante. Na desambiguação, o conjunto de sentidos possíveis é determinado pela gramática, e o objetivo do ouvinte é escolher a melhor hipótese sobre o sentido que o falante pretendeu transmitir.

Assim, pode-se dizer que a desambiguação é alcançada pelo uso do procedimento de compreensão guiado pela relevância, com a consequência de que a primeira interpretação satisfatória é a única interpretação satisfatória. Wilson (2004) ressalta que dois fatores cruciais seriam a acessibilidade de possíveis sentidos da expressão ambígua e a acessibilidade de possíveis contextos nos quais a interpretação resultante satisfaria a expectativa de relevância do ouvinte.

No segundo parágrafo, o primeiro enunciado ‘*Não cabe a nós julgar ninguém, porém temos que lutar por melhorias e garantir o nosso país de amanhã*’, embora a interpretação de que o aluno questiona a opção eleitoral ainda se mantenha, é mais provável que a interpretação de que ele questiona o escândalo seja a que ele pretende que o leitor recupere.

O texto passa a assumir um teor confuso entre o imobilismo e o engajamento. ‘Não cabe a nós julgar ninguém’ se conecta com uma concepção alienada que se contrapõe ao fato de que ‘temos que lutar por melhorias e garantir o nosso país de amanhã’. Afinal, como lutar sem julgar os políticos, pelo menos, pelo voto.

No segundo enunciado ‘*Muitas coisas já mudaram, umas para melhor, e outras para pior*’, observa-se o caráter vago, que gera uma infinidade de implicaturas fracas. Que coisas seriam estas a que o aluno está se referindo? O que melhorou e o que piorou? Observa-se que o enunciado carece de complementação.

No terceiro enunciado ‘*Muitas pessoas evitam esse assunto, são completamente erradas, estão concordando com tudo o que está acontecendo*’, exige-se na explicatura preenchimento de material elíptico em ‘assunto’, sendo no caso ‘o escândalo do partido do presidente Lula’ e ainda, preencher a elipse ‘as pessoas que evitam o escândalo do partido do presidente Lula’, como sujeito do verbo ‘estar’.

Nesse enunciado é preciso responder quem são essas ‘muitas pessoas’ que ‘são completamente erradas’. Esse enunciado contradiz a opinião anterior do aluno, para quem, não se deve julgar ninguém e reforça a confusão já mencionada anteriormente.

O quarto enunciado ‘*Com todo esse escândalo do Mensalão foi aberta uma porta para se observar quanta coisa está errada, e se continuar nesse caminho talvez podemos mudar muita coisa*’, deixa marcado explicitamente a que escândalo o aluno está se referindo. No caso do leitor para quem a interpretação mais relevante teria sido de que o aluno estava questionando o fato de Lula ter sido eleito, o enunciado em questão é uma evidência para a eliminação dessa suposição. Conforme Silveira e Feltes (1999, p. 43) a eliminação consiste num tipo de efeito contextual que ocorre quando, entre duas suposições contraditórias, a mais fraca, ou seja, aquela para a qual se tem menos evidências, é eliminada.

O item lexical ‘Mensalão’ reforça o argumento de que o aluno inferiu das entradas lexicais ‘abusos’ e ‘democracia’ os fatos acontecidos em 2005 no Brasil, como era de se esperar. Como destacam Sperber e Wilson (2001 [1995], p. 119) a inferência é o processo pelo qual uma suposição é aceita como verdadeira ou provavelmente verdadeira pela força da verdade ou da verdade provável de outras suposições.

A inferência, provavelmente, se conforma ao que se segue:

S₁ – Democracia pode ser abusada;

S₂ – Quem assume cargos públicos hoje no Brasil, abusa da democracia;

S₃ – Se S₁ e S₂, então S₄;

S₄ – É realmente crítica a forma com que as pessoas assumem os cargos públicos hoje no Brasil.

S₅ – O Partido do presidente Lula assumiu cargos públicos no Brasil;

S₆ – Em 2005, houve o escândalo do Mensalão.

S₇ – Se S₅ e S₆, então S₈;

S₈ – O Partido do presidente Lula abusou da democracia.

No terceiro parágrafo, pode-se observar que na primeira parte do primeiro enunciado ‘*Falar de fatos que envolvem política, políticos, população querendo melhoria é extremamente complicado, porque envolvem muitas opiniões, muitas controvérsias*’, o aluno valoriza os percalços de se avaliar o processo político. Essa primeira parte ambienta a segunda quando o aluno escreve que: ‘*porém, se quisermos mudar algo, é desse jeito que devemos mudar, com críticas, com escândalos, e tentando mudar aquele ditado “quanto mais tem mais quer”*’.

Repara-se que finalizando já o seu texto, o aluno frisa mais uma vez sobre o fato de mudanças no Brasil, procurando reforçar que estas mudanças serão possíveis se tiverem críticas, escândalos, muitas controvérsias e opiniões. Ou seja, é difícil.

Explorando esta sua idéia de mudar algo, de mudanças no Brasil, o aluno menciona o ditado ‘quanto mais tem mais quer’. Para melhor interpretação preenchem-se as elipses de ‘que diz’ após ‘ditado’, ‘a pessoa’, como complemento de ‘mais’ e ‘ter’ após ‘quer’. Possi-

velmente a citação deste ditado popular bem conhecido fora ativada de sua memória enciclopédica para designar no texto o que pode ser mudado para que escândalos de políticos, casos de opressão, formas de abuso de poder, sejam práticas menos freqüentes no Brasil.

Pela análise de cada enunciado da produção textual do aluno, tem-se muito claro quais marcas, quais elementos do texto de base o aluno utilizou, o que ele interpretou e conseguiu inferir. Assim, as abordagens de cada enunciado que compõem o texto do aluno 01 estiveram bem próximas do seu contexto real, das situações que ele já havia lido, escutado e entendido. Para um aluno que não tivesse o conhecimento das situações vividas na política brasileira, estas idéias passariam muito longe, assim como para uma pessoa de um outro país.

4.2.2 Intervenção oral docente

Após executar a produção textual com os alunos, as mesmas foram submetidas à análise por parte do docente. Seguido disso, realizou-se a intervenção oral, que consistiu na mediação entre o docente (neste caso, o próprio pesquisador) e os alunos. Apresentam-se na seqüência os questionamentos realizados com o aluno 01 e as respostas obtidas.

Questão 1:

D - Por que é crítica a forma como se assume cargos públicos hoje no Brasil?

E - Devido a forma como acontece a nossa democracia e as nossas eleições que é uma sujeira só. Assumir um cargo político é muito fácil, eles só pensam em dinheiro, sem terem compromisso com a população.

Questão 2:

D - Que motivo, por que votamos convictos dessa mudança com o presidente Lula no poder?

E - Bom, pelo fato de ele ser uma pessoa como nós. Ele tem uma história e características bem próximas das pessoas comuns. Ele era analfabeto, com condições ruins, e foi um homem que lutou muito para mudar as coisas. Também porque o discurso dele era sobre os corruptos, ele iria acabar com isso. Mas foi exatamente o contrário.

Questão 3:

D – Quando você escreveu ‘Muitas coisas já mudaram, umas para melhor, e outras para pior’. Quais coisas você estaria se referindo? Por quê?

E – Acho que a mudança maior que aconteceu foi a descoberta do Mensalão, e depois todo esse desvio e a corrupção presente em vários locais. Por um lado foi triste e ruim, pois a gente não sabe que consequência e efeito isso terá e trará, mas por outro, foi um salto positivo, desmascarar esses políticos corruptos.

Questão 4:

D – Quando você comenta: ‘Muitas pessoas evitam esse assunto, são completamente erradas, estão concordando com o que está acontecendo. Por que acontece isso?’

E – Porque o povo é ignorante. E também muitas vezes pensa que este assunto não vai atingi-lo e não diz respeito a ele. Existem pessoas que mal sabem o porquê destes acontecimentos.

Questão 5:

D - No seu texto você diz que ‘Com todo esse escândalo do Mensalão, foi aberta uma porta para se observar quanta coisa está errada, e se continuar nesse caminho talvez podemos mudar muita coisa. O que podemos mudar? Dê exemplos?’

E – A idéia e a mentalidade das pessoas. Uma preocupação maior na hora de votar e uma conscientização. Pois um exemplo é o nosso presidente Lula, assumiu o poder e praticamente se comportou como os outros presidentes.

Questão 6:

D – O que você quis expressar na relação feita entre o ditado e os fatos relacionados à política e a complicação existente?

E – Nós sabemos que nosso mundo é extremamente capitalista, só pensa em adquirir, ter. É muito difícil tirar essa idéia que já é uma marca presente na sociedade. Porém, estes escândalos, estes fatos políticos, mostram que a busca ilegal pelo ter, pode vir contra aquele que trapaceou, que se corrompeu. Por isso, é importante não se calar diante dos fatos, os abusos sempre existirão, mas nós podemos tentar reduzi-los, como cita Gandhi no seu comentário.

Passa-se agora para a explicatura da transcrição dos dados provenientes da intervenção oral docente e a análise sob o olhar da Teoria da Relevância. Em cada questão será feita a explicatura e concomitante análise. Veja-se a primeira questão.

D – Por que é crítica a forma como se assume cargos públicos no Brasil?

E – Devido a forma como acontece a nossa democracia e as nossas eleições que é Ø [a nossa democracia e as nossas eleições] uma sujeira só. Assumir um cargo [público] político é muito fácil, eles [os políticos] só pensam em dinheiro, sem terem compromisso com a população.

A questão: ‘Por que é crítica a forma como se assume cargos públicos no Brasil?’, decorre do primeiro enunciado do texto do aluno. O aluno responde que a forma que se assume os cargos públicos é crítica em virtude de como acontece ‘a nossa democracia e as nossas eleições’.

No texto do aluno, em nenhum momento é mencionado o item lexical ‘democracia’. Por meio da intervenção, tornou-se possível para o aluno expressar suas idéias e, ao mesmo tempo, aproximá-las do texto de base. O aluno ao definir a democracia e as eleições no Brasil como ‘uma sujeira só’ abre espaço para inferências sobre a crítica do governo Lula. Uma sujeira só, no sentido metafórico, é uma ampliação que permite englobar espaços onde há bagunça, não existe clareza, honestidade e dignidade.

Wilson (2004) chama de alargamento as variedades de aproximação, hipérbole e metáfora, onde uma palavra é usada para transmitir um sentido mais geral do que o sentido codificado. A aproximação é um tipo mínimo de alargamento, envolvendo uma ligeira extensão do sentido linguisticamente codificado, enquanto a hipérbole e a metáfora podem ser vistas como variedades mais radicais de alargamento.

No segundo enunciado, ‘Assumir um cargo político é muito fácil’, na forma lógica, apresenta-se a complementação com o item lexical ‘político’, quando, no texto do aluno a complementação se dava por ‘público’. Isso leva a confirmar uma nova restrição, a que concede que cargos públicos são preenchidos por políticos.

Ressalte-se que o aluno tende a deixar claro por meio de sua resposta que os políticos ‘só pensam em dinheiro’, o que permite conectar com a idéia já relatada no seu texto quando coloca ‘quanto mais tem mais quer’.

Passa-se para a segunda questão.

D - Que motivo, por que votamos convictos dessa mudança com o presidente Lula no poder?

E - Bom, pelo fato de ele [presidente Lula] ser uma pessoa como nós. Ele [o presidente Lula] tem uma história e características bem próximas das pessoas comuns.

Ele [o presidente Lula] era analfabeto, com condições ruins, e foi Ø [o presidente Lula] um homem que lutou muito para mudar as coisas. Também porque o discurso dele [do presidente Lula] era sobre os corruptos, ele [o presidente Lula] iria acabar com isso Ø [com a corrupção]. Mas foi exatamente o contrário Ø [que aconteceu, que ele fez].

O segundo questionamento pretende que o aluno a justifique sua colocação no terceiro enunciado do primeiro parágrafo de seu texto.

Nas últimas eleições para a presidência, votamos convictos de que algo iria mudar com o presidente Lula no poder, e, realmente mudou!

Segundo o aluno, os eleitores votaram convictos de uma mudança com o presidente Lula no poder, ‘pelo fato de ele ser uma pessoa como nós’. Cabe aqui, atribuir referente ao item lexical ‘ele [o presidente Lula]’, que aparece também no segundo e terceiro enunciado da segunda resposta do aluno. Convém preencher no final do terceiro enunciado o material elíptico em ‘iria acabar com isso Ø [com a corrupção]’.

Marca sua resposta aparece o item lexical ‘corrupto’, que não havia sido destacado pelo aluno na sua produção textual. Veja-se que o aluno justifica o fato de nós votarmos convictos da mudança que haveria com a chegada do presidente Lula ao poder ao discurso do presidente Lula antes das eleições que visava o fim da própria corrupção.

A intervenção realizada permitiu ao aluno fazer toda uma retrospectiva e lembrar até mesmo das propostas de governo do presidente Lula em sua candidatura. Praticamente um único enunciado colocado pelo aluno no seu texto, desencadeou uma série de inferências e justificativas bem explícitas. Pode-se inferir que, em síntese, algo como ‘que a corrupção foi ainda maior e pior com a chegada do presidente Lula ao poder’.

Passa-se para a terceira questão.

D – Quando você escreveu ‘Muitas coisas já mudaram, umas para melhor, e outras para pior’. Quais coisas você estaria se referindo? Por quê?

E – Acho que a mudança maior que Ø [acho que a mudança maior] aconteceu foi a descoberta do Mensalão, e depois todo esse desvio Ø [de dinheiro] e a corrupção presente em vários locais. Por um lado Ø [a descoberta do Mensalão, da corrupção] foi triste e ruim, pois a gente não sabe que consequência e efeito isso Ø [a descoberta do Mensalão, da corrupção] terá e trará, mas por outro Ø [lado], foi Ø [a des-

coberta do Mensalão, da corrupção] um salto positivo, Ø [pois pode] desmascarar esses políticos corruptos.

É comum utilizarmos o termo ‘coisas’ na linguagem oral e também na escrita. Quando o aluno cita no texto ‘*Muitas coisas já mudaram, umas para melhor, e outras para pior*’, ele não especifica que coisas são estas. Por meio da intervenção, foi possível obter a interpretação do aluno para sua utilização desse item lexical. Pode-se notar que, a mudança que o aluno se refere e que aconteceu foi ‘a descoberta do Mensalão’ e ‘todo esse desvio e a corrupção presente em vários locais’. É necessário atribuir referente ao item lexical ‘desvio Ø [de dinheiro]’, onde se conclui que suas suposições e idéias foram estocadas da memória enciclopédica, bem como do ambiente cognitivo no qual ele estava inserido.

Com relação à descoberta do Mensalão, o aluno comenta ser um acontecimento que trouxe contribuições positivas e negativas, conforme se vê no seu segundo enunciado: ‘*Por um lado foi triste e ruim, pois a gente não sabe que consequência e efeito isso terá e trará*’. Na seqüência do mesmo enunciado, o aluno apresenta o que teria de positivo a partir destes acontecimentos, a saber: ‘*mas por outro, foi um salto positivo, desmascarar esses políticos corruptos*’. O escândalo do Mensalão já estava marcado lingüisticamente no texto do aluno. O que fica evidente na resposta do aluno é o que a descoberta do Mensalão trouxe de positivo e negativo.

Veja-se a quarta questão.

D – Quando você comenta: ‘Muitas pessoas evitam esse assunto, são completamente erradas, estão concordando com o que está acontecendo. Por que acontece isso?’

E – Porque o povo é ignorante. E também muitas vezes Ø [o povo] pensa que este assunto Ø [dos escândalos da corrupção] não vai atingi-lo e Ø [então] não diz respeito a ele [ao povo]. Existem pessoas que mal sabem o porquê destes acontecimentos Ø [os escândalos da corrupção].

Analisando a quarta questão da intervenção, o aluno justifica o fato de as pessoas evitarem assuntos como estes dos escândalos da corrupção e concordarem com o que acontece ao fato de o povo ser ignorante. Percebe-se que o conhecimento e as interpretações deste alu-

no vão além do que ele coloca na sua produção textual. Além disso, dizer que o povo é ignorante, tende a ativar muitas outras suposições entre as quais, por exemplo, de que este povo não é bem instruído politicamente, que o sistema de educação é precário, que as pessoas se deixam iludir e são persuadidas nos períodos de eleições e/ou fora deles’.

Nota-se que, na seqüência, o aluno diz ‘E também muitas vezes pensa que este assunto não vai atingi-lo e não diz respeito a ele. Existem pessoas que mal sabem o porquê destes acontecimentos’, o que vem reforçar o seu primeiro enunciado quando disse que o povo é ignorante. Isso permite inferir a possibilidade de que as pessoas desconhecem os seus direitos e deveres, que elas pensam que questões políticas só envolvem e afetam quem faz parte da política. Aqui há que se considerar embora todos façam parte da política, lato sensu, para boa parcela da população, os políticos eleitos pelo povo é que são os responsáveis e que fazem parte direta da política.

Passa-se à quinta questão.

D - No seu texto você diz que ‘Com todo esse escândalo do Mensalão, foi aberta uma porta para se observar quanta coisa está errada, e se continuar nesse caminho talvez podemos mudar muita coisa. O que podemos mudar? Dê exemplos?’

E – A idéia e a mentalidade das pessoas. Ø [Devemos ter] Uma preocupação maior na hora de votar e Ø [também] uma conscientização. Pois um exemplo Ø [dessa falta de mentalidade e conscientização] é Ø [com] o nosso presidente Lula, Ø [o presidente Lula] assumiu o poder e praticamente se comportou como os outros presidentes.

O aluno acredita que se devem mudar ‘a idéia e a mentalidade das pessoas’ Segundo ele, as pessoas devem ter uma preocupação maior na hora de votar. Emerge aqui o item lexical ‘conscientização’. Mais a frente, o aluno volta a restringir a relevância para a questão da eleição e do governo Lula na qualidade de ‘um exemplo’. Aqui aparece uma nova pista da indignação do aluno ‘assumiu o poder e praticamente se comportou como os outros presidentes’.

Passa-se para a sexta questão.

D – O que você quis expressar na relação feita entre o ditado e os fatos relacionados à política e a complicação existente?

E – Nós sabemos que nosso mundo é extremamente capitalista, só pensa em adquirir, ter. É muito difícil tirar essa idéia Ø [de mundo capitalista, que só pensa em adquirir, ter] que [essa idéia] já é uma marca presente na sociedade. Porém, estes escândalos Ø [do Mensalão, da corrupção], estes fatos políticos, mostram que a busca ilegal pelo ter, pode vir contra aquele que trapaceou, que se corrompeu. Por isso, é importante não se calar diante dos fatos Ø [políticos, dos escândalos], os abusos Ø [de poder] sempre existirão, mas nós podemos tentar reduzi-los, como cita Gandhi no seu Ø [do Gandhi] comentário Ø [referindo-se o aluno ao texto-base].

Na última questão formulada ao aluno indaga-se sobre o terceiro parágrafo de sua produção textual, da relação que é feita entre o ditado '*Quanto mais tem mais quer*' e os fatos sobre a política. Segundo ele, o ditado provém da própria forma de sistema que domina o mundo hoje, o capitalismo. O termo capitalismo nos abre um leque de suposições e considerações que tem uma aproximação bem nítida com o assunto tecido na produção textual do aluno.

O capitalismo, enquanto sistema veio firmar-se a partir da Guerra Fria, onde dois grandes blocos de países liderados pelos Estados Unidos (capitalista) e União Soviética (socialista), confrontavam-se para impor o seu sistema aos outros países que não pertenciam a nenhum destes blocos. Saindo vitoriosos os Estados Unidos, embora persistisse em alguns países o sistema socialista, começou a se expandir pelo mundo o capitalismo, onde na fase atual, globalizou o mundo, com o neoliberalismo.

Esta política capitalista trouxe muitas vantagens e desvantagens, e uma delas o aluno evidencia na sua resposta '*Nós sabemos que nosso mundo é extremamente capitalista, só pensa em adquirir, ter*'. Daí então, o fato de mencionar o ditado '*quanto mais tem mais quer*', ou seja, esta atitude já é própria do sistema que impera em nossa sociedade, como o próprio aluno cita ao dizer que '*É muito difícil tirar essa idéia que já é uma marca presente na sociedade*'.

Ao citar no terceiro enunciado '*estes escândalos*' o aluno omite quais escândalos estaria referindo-se. Sabe-se que é comum acontecer estas omissões na linguagem falada,

visto que para o aluno, parecem já serem conhecidos os escândalos que são tratados no seu texto. Assim, atribui-se referente ao item lexical ‘estes escândalos [do Mensalão, da corrupção]’, por serem destes que o aluno comenta e utiliza no seu texto e na própria intervenção.

Neste mesmo enunciado ‘*Porém, estes escândalos, estes fatos políticos, mostram que a busca ilegal pelo ter, pode vir contra aquele que trapaceou, que se corrompeu*’, pode-se observar a estreita ligação que o aluno faz com a corrupção quando se apropria da fala sobre a ‘busca ilegal pelo ter’. Isso remete ao entendimento das fraudes, dos desvios de dinheiro, da ascensão política, dos meios ilícitos que os homens utilizam para terem sempre mais.

No quarto enunciado, percebe-se que o resultado da contextualização do aluno provém dos estímulos verbais do texto de base, a justificativa de que ‘*os abusos sempre existiram, mas nós podemos tentar reduzi-los*’ é uma interpretação e suposição retirada da memória lingüística, contribuída pela citação de Gandhi, que é uma marca do texto de base. O aluno está ambientado cognitivamente nas idéias do texto de base e utiliza-as para reforçar sua justificativa, o que vem contribuir para fortalecer o que das etapas anteriores esteve influenciando no ambiente cognitivo do aluno.

Resta saber agora se, o texto reescrito terá marcas do texto de base, da primeira produção textual e da intervenção. É o que será visto na seção seguinte.

4.2.3 Segunda produção textual

Para analisar a segunda produção textual, além da elaboração da explicatura, procedeu-se a um cotejo entre essa última produção e as informações do texto de base, da primeira produção e da intervenção oral. Para demonstrar a influência de cada uma dessas etapas, a transcrição da segunda produção textual vem acompanhada dos seguintes destaques. Os dados

do texto de base foram marcados em caixa alta ou versalete; os dados da primeira produção textual foram marcados em negrito; os dados da intervenção oral docente foram marcados em negrito e itálico; e, por fim, as informações inéditas foram marcadas em estilo normal.

Veja-se o texto sem as marcações.

[parágrafo 01] É realmente crítica a forma com que as pessoas assumem os cargos públicos hoje no Brasil. Pois o nosso sistema democrático, as nossas eleições ainda acontecem na base do interesse financeiro e próprio. Interesse dos políticos em ganharem bem, sem terem comprometimento com as questões da sociedade e interesse dos eleitores em vender bem o seu voto, afinal eles têm idéia de que depois político não faz nada. Até porque nós eleitores e cidadão não cobramos nossos direitos e não exigimos deveres dos políticos.

[parágrafo 02] A imagem que o presidente Lula passou em suas campanhas, de um homem do povo, pobre, trabalhador e de que seu governo iria combater a corrupção nos fez votar convictos de que algo iria mudar com a sua chegada ao poder. Justamente mudou. De certa forma a corrupção veio à tona e agora procura-se combatê-la. São fatos e escândalos um atrás do outro e envolvendo pessoas ligadas ao governo Lula. Os casos de corrupção acabaram chegando ao extremo. Mensalão, máfia de desvios para o exterior, doleiros, madeireiros ilegais na Amazônia, fraude e corrupção no esporte, mostram que este foi o ano marcado pela corrupção.

[parágrafo 03] Com a descoberta do Mensalão, a mudança já começou, o fato de desmascarar esses políticos já foi o primeiro passo. Isso sim é democracia, colocar as coisas em dia, evitar futuros abusos. É triste para aqueles que apostaram no governo Lula, com a expectativa de melhorias. A decepção de seu governo envolvido nos casos de corrupção foi como o fim do próprio partido.

[parágrafo 04] Como cita Gandhi o remédio não é evitar a democracia e sim reduzir ao mínimo a possibilidade de abuso. Sabemos que os abusos sempre existirão, mas a democracia está aí para combatê-los e não se calar diante dos fatos. É extremamente complicado lidar com estes fatos que envolvem política e população, pois envolvem muitas controvérsias. Mas é preciso mudar, conscientizar o cidadão que ele faz a diferença. Esperamos que por meio desta fase crítica, nosso país caminhe para uma nova postura e direção positiva.

Veja-se a segunda produção textual com as marcações:

[parágrafo 01] É realmente crítica a forma com que as pessoas assumem os cargos públicos hoje no Brasil. Pois o *nosso sistema democrático*, as *nossas eleições* ainda acontecem na base do interesse financeiro e próprio. Interesse dos **políticos** em ganharem bem, *sem terem comprometimento* com as questões da *sociedade* e interesse dos eleitores em vender bem o seu voto, afinal eles têm idéia de que depois **político** não faz nada. Até porque nós eleitores e cidadão não cobramos nossos direitos e não exigimos deveres dos políticos.

[parágrafo 02] A imagem que o **presidente Lula** passou em suas campanhas, de um *homem* do povo, pobre, trabalhador e de que seu governo iria combater a *corrupção* nos fez votar convictos de que algo iria mudar com a sua chegada ao poder. Justamente mudou. De certa forma a *corrupção* veio à tona e agora procura-se combatê-la. **São fatos e escândalos um atrás do outro e envolvendo pessoas ligadas ao governo Lula**. Os casos de *corrupção* acabaram chegando ao extremo. Mensalão, máfia de desvios para o exterior, doleiros, madeireiros ilegais na Amazônia, fraude e corrupção no esporte, mostram que este foi o ano marcado pela *corrupção*.

[parágrafo 03] Com a *descoberta* do **Mensalão**, a mudança já começou, o fato de *desmascarar esses políticos* já foi o primeiro passo. Isso sim é **DEMOCRACIA**, colocar as coisas em dia, **EVITAR** futuros **ABUSOS**. É triste para aqueles que apostaram no governo **Lula**, com a expectativa de **melhorias**. A decepção de seu governo envolvido nos casos de corrupção foi como o fim do próprio **partido**.

[parágrafo 04] Como *cita Gandhi* **O REMÉDIO NÃO É EVITAR A DEMOCRACIA E SIM REDUZIR AO MÍNIMO A POSSIBILIDADE DE ABUSO**. Sabemos que os *abusos sempre existirão*, mas a *democracia* está aí para combatê-los e não se calar diante dos fatos. **É extremamente complicado lidar com estes fatos que envolvem política e população, pois envolvem muitas controvérsias**. Mas é preciso mudar, conscientizar o cidadão que ele faz a diferença. Esperamos que por meio desta fase **crítica**, nosso país caminhe para uma nova postura e direção positiva.

Por fim, veja-se a explicatura dessa produção textual sem as marcações.

[parágrafo 01] É realmente crítica a forma com que [a forma crítica] as pessoas assumem os cargos públicos hoje no Brasil. Pois o nosso [do Brasil] sistema democrático, as nossas [do Brasil] eleições ainda acontecem na base do interesse financeiro e próprio Ø [dos políticos e dos eleitores]. Interesse Ø [financeiro] dos políticos em Ø [os políticos] ganharem bem, sem Ø [os políticos] terem comprometimento com as questões da sociedade e interesse dos eleitores em Ø [os eleitores] vender[em] bem o seu Ø [dos eleitores] voto, afinal eles [os eleitores] têm idéia de que depois Ø [das eleições] político não faz nada Ø [para os eleitores]. Até porque nós eleitores e cidadãos[s] não cobramos nossos [dos eleitores e cidadãos] direitos e Ø [os eleitores e cidadãos] não exigimos deveres dos políticos.

[parágrafo 02] A imagem que Ø [a imagem] o presidente Lula passou em suas Ø [do presidente Lula] campanhas, Ø [era] Ø [a imagem] de um homem do povo Ø [brasileiro], pobre, trabalhador e Ø [era] Ø [a imagem] de que seu Ø [do presidente Lula] governo iria combater a corrupção Ø [no Brasil] nos [os eleitores] fez votar convictos de que algo Ø [no governo do Brasil] iria mudar com a sua Ø [do presidente Lula] chegada ao poder. Ø [a chegada do presidente Lula ao poder] Justamente mudou Ø [o governo do Brasil]. De certa forma a corrupção veio à tona e [então] agora procura-se [as pessoas] combatê-la [a corrupção]. São fatos e escândalos um Ø [fato e escândalo] atrás do outro Ø [fato e escândalo] e Ø [os fatos e escândalos] Ø [estão] envolvendo pessoas ligadas ao governo Lula. Os casos de corrupção acabaram chegando ao extremo. Mensalão, máfia de desvios Ø [de dinheiro] para o exterior, doleiros, madeireiros ilegais na Amazônia, fraude e corrupção no esporte, mostram que este Ø [ano de 2005] foi o ano [de 2005] marcado pela corrupção Ø [no Brasil].

[parágrafo 03] Com a descoberta do Mensalão, a mudança Ø [na democracia] já começou Ø [no Brasil], o fato de desmascarar esses políticos Ø [envolvidos nos escândalos] já foi o primeiro passo Ø [dessa mudança na democracia]. Isso Ø [desmascarar os políticos envolvidos nos escândalos] sim é democracia, Ø [democracia] Ø [é] colocar as coisas Ø [da democracia] em dia, Ø [democracia] Ø [é] evitar futuros abusos Ø [de poder]. É triste para aqueles que [aqueles] apostaram no governo Lula, com a expectativa de melhorias Ø [no governo do Brasil]. A decepção de seu Ø [do presidente Lula] governo envolvido nos casos de corrupção foi como o fim do próprio partido Ø [do presidente Lula].

[parágrafo 04] Como cita Gandhi o remédio Ø [para a instituição humana não ser abusada pelas pessoas] não é evitar a democracia [como instituição humana] e [mas] sim Ø [o remédio para a instituição humana não ser abusada pelas pessoas] Ø [é] reduzir ao mínimo a possibilidade de abuso Ø [na/da democracia]. Ø [Nós/as pessoas] Sabemos que os abusos Ø [na/da democracia] sempre existirão Ø [na democracia], mas a democracia está aí para combatê-los Ø [os abusos] e Ø [a democracia] não se calar diante dos fatos Ø [de corrupção]. É extremamente complicado Ø [para a democracia/ instituição] lidar com estes fatos Ø [de corrupção] que [fatos de corrupção] envolvem política e população, pois Ø [estes fatos de corrupção] envolvem

muitas controvérsias. Mas é preciso mudar, conscientizar o cidadão que ele [o cidadão] faz a diferença Ø [na democracia]. Ø [Nós/as pessoas] Esperamos que por meio desta fase crítica, nosso [do Brasil] país caminhe para uma nova postura Ø [política] e direção positiva.

Analise-se o texto.

O primeiro enunciado do texto ‘**É realmente crítica a forma como se assume cargos públicos hoje no Brasil**’, é uma transcrição do primeiro enunciado do primeiro texto.

Veja-se a fórmula.

$$E_2 = f(E_0.A_4(A_3(A_2(\mathbf{A}_1(E_0.A_0.t_1))))).t_4).$$

O segundo enunciado ‘Pois o *nosso sistema democrático*, as *nossas eleições* ainda acontecem na base do interesse financeiro e próprio’, é uma informação que não está presente no primeiro texto elaborado pelo aluno, mas como se pode notar, provém da contribuição da intervenção realizada entre a docente e o aluno (vide resposta da questão 1). Assim, confirma-se a hipótese de se encontrar nos enunciados do segundo texto marcas que decorrem da interação docente/discente e podem ser prospectadas da transcrição desses enunciados.

Veja-se a fórmula.

$$E_2 = f(E_0.A_4(\mathbf{A}_3(A_2(A_1(E_0.A_0.t_1))))).t_4).$$

No terceiro enunciado ‘Interesse dos **políticos** em ganharem bem, *sem terem comprometimento* com as questões da **sociedade** e interesse dos eleitores em vender bem o seu **voto**, afinal eles têm idéia de que depois **político** não faz nada’, o aluno desenvolve com mais clareza o que foi mencionado no enunciado anterior, sendo necessário preencher o material elíptico em ‘sem terem Ø [os políticos]’. Ainda no mesmo enunciado, atribui-se referente a ‘eles [os políticos]’ e preenche-se o material elíptico ‘depois Ø [das eleições]’.

Percebe-se que no segundo enunciado o aluno menciona o interesse financeiro e próprio, sem explicar que interesse é este e de quem é o interesse. Entretanto, não houve a necessidade de fazer implicaturas e inferências, pois o seu terceiro enunciado complementa e

explicita o ‘interesse’ que o aluno havia citado. A possibilidade de os primeiros enunciados estarem bem amarrados tornou-se possível ao aluno em virtude da acessibilidade de informações de que ele se utiliza na intervenção, fase em que foi útil para o aluno avaliar seu texto e compreender elementos que ficaram implícitos.

O quarto enunciado ‘Até porque nós eleitores e cidadão não cobramos nossos direitos e não exigimos deveres dos políticos’ é acrescentado de informação nova, que provavelmente é acionado no momento da elaboração da reescrita do texto. Aqui, há que se supor que, pelo fato de o aluno na intervenção e no seu texto reescrito, direcionar o seu argumento para as situações do sistema democrático e das eleições, do voto, do compromisso político, pode-se inferir que ele acionou idéias como ‘direitos e deveres dos cidadãos’.

Pode-se analisar que, através da reescrita, o aluno pôde expressar e deixar explícito os assuntos mais importantes, excluindo aqueles dos quais ele não achou conveniente e relevante para este novo contexto cognitivo. O que leva a dizer que ao processar um *input* dentro de um contexto de suposições cognitivas disponíveis a um indivíduo, esse *input* pode gerar certo efeito cognitivo através da modificação ou da reorganização dessas suposições.

Percebe-se então que, no primeiro parágrafo do texto da reescrita, houve alterações bastante notáveis, e a abordagem do aluno foi mais bem direcionada. Comprova isso a exclusão do segundo enunciado da primeira produção do aluno, quando ele escreve sobre o período da antiguidade, dos senhores feudais, da escravidão e da ganância. Seguramente, o aluno dispensou essas informações, talvez por que não houve nenhum questionamento sobre este enunciado na intervenção docente.

O primeiro enunciado do segundo parágrafo ‘A imagem que o *presidente Lula* passou em suas campanhas, de um *homem* do povo, pobre, trabalhador e de que seu governo iria combater a *corrupção* nos fez *votar convictos de que algo iria mudar com a sua chegada ao poder*’, decorre do ambiente cognitivo da interação docente/discente e da contribuição do

ambiente cognitivo da elaboração do primeiro texto. Esta citação é consequência da interação, visto que na segunda questão o aluno justifica o porquê de votarmos convictos de que haveria mudança com o presidente Lula no poder.

Na seqüência do mesmo enunciado, o aluno retoma marcas do ambiente cognitivo da elaboração do primeiro texto, conforme se observa nesta comparação: '[...] e de que seu governo iria acabar com a **corrupção** nos fez votar convictos de que algo iria mudar com a sua chegada ao poder. Justamente mudou'. Este enunciado foi recapitulado pelo aluno no segundo texto reescrito, de maneira diferente. Veja-se: 'Nas últimas eleições para a presidência, votamos convictos de que algo iria mudar com o presidente Lula no poder, e, realmente mudou!'. Houve marcas do ambiente cognitivo da elaboração do primeiro texto. Observe-se:

$$E_2 = f(E_0.A_4(A_3(A_2(A_1(E_0.A_0.t_1))))).t_4).$$

Ainda no terceiro enunciado do segundo parágrafo, 'De certa forma a **corrupção veio à tona** e agora se procura combatê-la', percebem-se marcas do ambiente cognitivo do aluno, que são decorrentes das informações já postas no primeiro texto.

No quarto e no quinto enunciado: '**São fatos e escândalos um atrás do outro e envolvendo pessoas ligadas ao governo Lula**. Os casos de **corrupção** acabaram chegando ao extremo. Mensalão, máfia de desvios para o exterior, doleiros, madeireiros ilegais na Amazônia, fraude e corrupção no esporte, mostram que este foi o ano marcado pela **corrupção**', vêm-se informações novas que não estiveram presentes no primeiro texto do aluno e nem na intervenção. De certa forma, na terceira questão da intervenção, o aluno responde 'Acho que a mudança maior que aconteceu foi a descoberta do Mensalão, e depois todo esse desvio e a corrupção presente em vários locais'. Pode-se inferir que, ao mencionar 'corrupção presente em vários locais', o aluno tenha deixado implícito que outros locais seriam estes e, portanto, na reescrita do texto, consegue-se visualizar a explicitação dos possíveis locais onde houve corrupção.

Pelo fato de ser este contexto da reescrita um outro momento e, assim, um novo ambiente cognitivo, diferente daquele que o aluno tinha quando realizou a primeira produção textual, pode trazer novas informações que acrescentaram na reformulação do seu texto. Aqui há que se deduzir, que por um período de dez dias após a realização da produção do primeiro texto, muitos fatos tenham acontecido, muitas informações e notícias tenham chegado ao conhecimento deste aluno que o fizeram citar ‘Mensalão, máfia de desvios para o exterior, doleiros, madeireiros ilegais na Amazônia, fraude e corrupção no esporte, mostram que este foi o ano marcado pela *corrupção*’.

Percebem-se, portanto, marcas do ambiente cognitivo do aluno que apareceu quando elaborou o segundo texto, mas que não decorreu das fases anteriores e são inéditas:

$$E_2 = f(E_0, \mathbf{A}_4(A_3(A_2(A_1(E_0, A_0, t_1))))).t_4).$$

Vale lembrar que, para melhor compreensão desses enunciados, é conveniente o preenchimento de material elíptico em ‘São fatos e escândalos um atrás do outro e Ø [os fatos e escândalos] Ø [estão] envolvendo pessoas ligadas ao governo Lula’ e também atribuir referente a ‘máfia de desvios Ø [de dinheiro]’.

O primeiro enunciado do terceiro parágrafo ‘Com a *descoberta do Mensalão*, a mudança já começou, o fato de *desmascarar esses políticos* já foi o primeiro passo’, é marca decorrente da intervenção docente/discente, como se vê na transcrição dos dados na terceira questão respondida pelo aluno. O texto reescrito pelo aluno apresenta enunciados mais explícitos que decorrem da intervenção oral.

O segundo enunciado, bem como os demais que compõem este parágrafo ‘Isso sim é **DEMOCRACIA**, colocar as coisas em dia, **EVITAR** futuros **ABUSOS**. É triste para aqueles que apostaram no governo **Lula**, com a expectativa de **melhorias**. A decepção de seu governo envolvido nos casos de corrupção foi como o fim do próprio **partido**’, são informações novas que apareceram no ambiente cognitivo do aluno no momento da realização deste segundo

texto. Acrescentam-se também, marcas linguisticamente enfatizadas do texto de base, como em ‘democracia’, ‘evitar abusos’.

É necessário, no segundo enunciado, preencher material elíptico em ‘Isso sim Ø [desmascarar os políticos] é democracia, colocar as coisas Ø [da democracia] em dia, evitar futuros abusos Ø [de poder, na democracia, na política].’ No quarto enunciado, preenche-se o material elíptico referente a ‘seu governo Ø [do presidente Lula]’ e em ‘fim do próprio partido Ø [do presidente Lula]’.

No quarto e último parágrafo do texto reescrito, o aluno inicia seu enunciado utilizando marcas do texto de base e que também está presente na transcrição da intervenção docente/discente, como se pode conferir na questão 6. Veja-se: ‘Como **cita Gandhi O REMÉDIO NÃO É EVITAR A DEMOCRACIA E SIM REDUZIR AO MÍNIMO A POSSIBILIDADE DE ABUSO**’. Apesar de o aluno utilizar a informação decorrente da intervenção oral, esta sua idéia é ativada pela leitura do texto de base, que marcou sua resposta na intervenção e se fortaleceu lingüisticamente no texto reescrito. Aqui se reconhece a influência do texto de base, por meio das marcas do enunciado citado pelo aluno, o que justifica a seguinte hipótese:

$$E_2 = f(\mathbf{E}_0.A_4(A_3(A_2(A_1(E_0.A_0.t_1))))).t_4).$$

O segundo enunciado ‘Sabemos que os **ABUSOS sempre existirão**, mas a **DEMOCRACIA** está aí para combatê-los e **não se calar diante dos fatos**’, também decorre da intervenção e torna-se necessário preencher o material elíptico em ‘abusos Ø [na instituição, na democracia]’ e em ‘a democracia está aí para combatê-los e Ø [a democracia] não se calar diante dos fatos’. Ressalta-se, novamente, a influência do texto de base, acionado pela memória enciclopédica do aluno, quando necessitou lê-lo para produzir o texto 01 e para mediar suas respostas frente aos questionamentos da docente.

No terceiro enunciado ‘**É extremamente complicado lidar com estes fatos que envolvem política e população, pois envolvem muitas controvérsias**’ provém das marcas

do ambiente cognitivo na elaboração do primeiro texto, porém reescrito com algumas alterações, mas conservando seu ponto de vista e significado.

Subseqüente, a quarta e a quinta sentença ‘Mas é preciso mudar, *conscientizar* o cidadão que ele faz a diferença. Esperamos que por meio desta fase crítica, nosso país caminhe para uma nova postura e direção positiva’, são informações decorrentes do ambiente cognitivo do aluno quando elaborou a segunda produção textual, diga-se então, informações novas, que não decorreram de nenhuma das fases anteriores, supostamente processadas no ambiente cognitivo (A_4). Isso permite detectar a hipótese de que informações novas poderiam ser encontradas no texto de reescrita do aluno:

$$E_2 = f(E_0.A_4(A_3(A_2(A_1(E_0.A_0.t_1))))).t_4).$$

Conhecidos os prováveis mecanismos realizados para a análise das três fases da coleta de dados, pôde-se verificar que as fontes de informações consideradas pelo aluno no segundo texto reescrito, depreenderam-se do seu ambiente cognitivo referente às informações e marcas do texto de base, do primeiro texto elaborado, da intervenção oral docente e até mesmo de informações consideradas totalmente novas. A análise desse texto, portanto, corrobora todas as hipóteses levantadas.

4.2.4 Considerações

Constatou-se que o aluno 01 conseguiu explicitar melhor seu pensamento e, assim, construir um texto mais lógico na sua segunda produção textual, que foi a etapa da reescrita. Sabe-se que isto só foi possível por meio dos processos realizados anteriormente, entre eles, a fase da intervenção oral do docente.

O aluno selecionado inferiu do texto de base a questão da democracia e os fatos que são notícias atuais na política brasileira. De acordo com a Teoria da Relevância, a primeira interpretação que é consistente com o princípio da relevância será tomada como certa. Então, para o aluno, o processamento de suas idéias foi acionado de sua memória enciclopédica e do seu ambiente cognitivo atual (tendo em vista que no período da realização da coleta de dados, o Brasil passava pela fase crítica dos casos de corrupção na política).

Na realização da intervenção oral percebe-se que o aluno faz inferências e interpreta com clareza o que ele próprio colocou no primeiro texto. Seria este um momento propício para ele próprio rever suas colocações e que sentido elas têm no seu texto, o que acarretaria na fase seguinte no fortalecimento de certas suposições e enunciados, exclusão de alguns ou até mesmo abertura para decorrer novas conclusões. Esta forma de trabalho aqui utilizada, pode ser comparada ao trabalho realizado nas universidades, através dos projetos, trabalho de conclusão de curso, dissertações. Onde o orientador e o acadêmico, realizam as intervenções, a reelaboração, até se obter o produto ‘revisado e melhorado’, diga-se de passagem.

Na comunicação oral, há um número razoável de itens lexicais implícitos. Embora haja uma preocupação maior na escrita, isso também ocorre, em especial com escritores em formação. Comparando-se o primeiro e o segundo texto, percebe-se que o aluno conseguiu explicitar melhor seus argumentos depois da intervenção docente. Além disso, todas as hipóteses levantadas puderam ser corroboradas, ou seja, foi possível detectar marcas do texto de base, do primeiro texto, da intervenção oral docente/discente e de informações inéditas que surgiram na elaboração do segundo texto.

Segundo Sperber e Wilson (1986,1995) as informações armazenadas dentro da memória estão divididas em três tipos diferentes: entrada lógica, enciclopédica e lexical. Pode-se observar que durante a realização das tarefas, o aluno operou com estas entradas, e de certa forma, algumas estiveram mais manifestas do que outras. Isso pode ser explicado pelo

fato de, um fenômeno afetar o ambiente cognitivo tornando certos fatores manifestos ou mais manifestos. Assim, nosso cérebro tende a funcionar como um filtro, isto é, os fenômenos que têm menos probabilidade de serem relevantes são eliminados, e aqueles que chamam a atenção são orientados pela relevância.

O estudo de caso em questão, portanto, demonstrou que os enunciados do primeiro texto apresentaram fracas marcações dos enunciados do texto de base, que a princípio seria a fonte de consulta e alicerce para o ambiente cognitivo do aluno, como previsto pela Teoria da Relevância. Por outro lado, no segundo texto, que foi o reescrito, potencializou-se a influência do texto de base. Embora os enunciados do texto reescrito tenham se enriquecido também pelos ambientes cognitivos da primeira produção textual, da intervenção oral e pela atribuição do ambiente cognitivo quando elaborou-se o texto, por meio de elementos inéditos. Segundo Sperber e Wilson (2005, p. 235),

a Teoria da Relevância trata a identificação do conteúdo explícito como igualmente inferencial e igualmente guiada pelo Princípio Comunicativo de Relevância, como a recuperação de implicaturas. O procedimento de compreensão à luz da relevância (“Siga o caminho de menor esforço no cômputo de efeitos cognitivos: teste hipóteses interpretativas em ordem de acessibilidade e pare quando suas expectativas de relevância são satisfeitas”) aplica-se da mesma maneira para resolver indeterminâncias linguísticas em ambos os níveis: explícito e implícito. O objetivo do ouvinte é construir uma hipótese sobre o significado do falante que satisfaça a presunção de relevância transmitida pelo enunciado.

Pode-se concluir que as escolhas do aluno quanto aos enunciados que apareceram no texto reescrito não foram executadas sem critério. A seleção, pelos enunciados do primeiro texto ou pelas informações vindas da intervenção, foi conseguida pelos prováveis efeitos contextuais e pelo menor esforço de processamento que o aluno realizou.

4.3 RECORTES DOS DEMAIS TEXTOS

Conhecida a produção textual do aluno 01, bem como todas as tarefas realizadas e a análise feita, mostrar-se-ão nesta seção fragmentos dos demais textos produzidos pelos alunos, aplicando-se na ocorrência dos eventos de implicatura e explicatura os conceitos referentes à Teoria da Relevância. Os textos completos dos alunos estarão disponíveis em anexo. Seguem-se recortes de quatro textos.

Primeiro recorte

O aluno 03, num dos primeiros enunciados de sua produção coloca o seguinte:

‘Levar uma vida correta, sem desvios de conduta hoje em dia é muito difícil. Todos querem tirar proveito de todos’.

O enunciado acima, gera a explicatura:

‘Levar uma vida correta, sem desvios de conduta hoje em dia é muito difícil. Todos Ø [os indivíduos] querem tirar proveito de todos Ø [os indivíduos]’.

Faz-se necessário o preenchimento de material elíptico em ‘todos’: ‘Todos Ø [os indivíduos] querem tirar proveito de todos Ø [os indivíduos]’. Para compreender melhor o que o aluno quis expressar neste trecho, ele foi submetido a questionamentos durante a fase da intervenção oral docente/discente. Veja-se:

Questão 2:

D – Quando escrevestes ‘levar uma vida correta sem desvios de conduta hoje em dia é muito difícil’. Por que é muito difícil?

E – Porque há vários caminhos menores que a pessoa pode seguir pra obter o mesmo resultado. Ou seja, tem muita gente que trabalha, faz um trabalho braçal, trabalha o dia inteiro pra conseguir é, o salário final do mês. E tem gente que trabalha bem pouco e consegue bem mais do que essa pessoa que trabalha o dia inteiro fazendo bastante esforço físico.

Questão 3:

D – Todos querem tirar proveito de todos. Que tipo de proveito todos querem tirar de todos?

E – Todo proveito que uma pessoa quer tirar sobre a outra é o lucro. Lucro desde o esforço físico. Da [...]. A pessoa que vai pagar quer que a pessoa que trabalhe, trabalhe mais, pra essa pessoa pagar menos, até trapacear, fazer uma trapaça de negócios. Todo mundo quer tirar proveito nas costas, à custa dos outros.

No seu segundo texto percebem-se com clareza as marcas provenientes da intervenção oral e o resgate das marcas que estavam no primeiro texto.

Veja-se parte do enunciado do segundo texto:

‘Levar uma vida correta sem desvios de conduta hoje em dia é muito difícil. Pois existem pessoas que procuram tirar proveito da situação e até mesmo dos outros. ***E geralmente esse proveito é o lucro.*** Isso acaba trazendo desigualdade, rivalidade, desonestidade e até corrupção, como aconteceu com os nossos políticos’.

Além de encontrarem-se marcas da primeira tarefa de produção textual e da intervenção, também são acionadas informações novas que complementam o enunciado do aluno, como na sentença *‘Isso acaba trazendo desigualdade, rivalidade, desonestidade e até corrupção, como aconteceu com os nossos políticos’*. Por certo, estas entradas foram ativadas de sua memória enciclopédica, contribuindo para aprimorar o contexto presente na sua produção textual através de enunciados mais explícitos.

Conforme Sperber e Wilson (2001 [1995], p. 274), quanto menor for a contribuição relativa dos traços contextuais, mais explícita será a explicatura, e inversamente. O conteúdo quando tende a ser mais explicitado gera efeitos de ganhos cognitivos, enriquecendo o significado das sentenças.

Percebe-se que o aluno 03 discute questões semelhantes ao aluno 01, tratando de termos como ‘políticos’, ‘corrupção’, ‘lucro’. Nota-se com clareza que, o aluno 03 obteve uma seqüência lógica acionada por sua memória enciclopédica, conforme situações vividas pela política brasileira.

Segundo recorte

Já o aluno 15 destaca a superexploração para com a natureza e os casos de contrabando ilegal de recursos naturais pelos políticos. Isso indica outro enfoque, onde se percebe a conexão com implicaturas mais fracas do texto de base. Intui-se que as idéias deste aluno foram provenientes de sua memória enciclopédica, visto que, a polêmica dos casos de corrupção atingiu também a área da Amazônia e o comércio ilegal de madeira, envolvendo deputados e membros do partido do presidente Lula. Vejam-se trechos de seu primeiro texto:

‘(enunciado 1) A idéia inicial seria proteger e preservar o que nos sobrou da natureza, mas como geralmente acontece o poder corrompe e a idéia inicial é facilmente esquecida.

(enunciado 5) Sonhar, lutar e persistir, é o melhor que podemos fazer, e será muito bom tirar um pouco da corrupção em que nosso mundo vive’.

Os enunciados geram a seguinte explicatura:

‘(enunciado 1) A idéia inicial seria proteger e preservar o que [o] nos [para os brasileiros] sobrou da natureza, mas como geralmente acontece Ø [no Brasil] o poder corrompe e a idéia inicial Ø [de proteger e preservar o que nos sobrou da natureza] é facilmente esquecida Ø [pelos políticos].

(enunciado 1) Sonhar, lutar e persistir, é o melhor que [o] Ø [nós] podemos fazer, e será muito bom tirar um pouco da corrupção em que nosso [das pessoas] mundo vive’.

Buscando compreender que idéia inicial seria esta mencionada pelo aluno e outros itens importantes citados no texto, os enunciados geraram os seguintes questionamentos:

Questão 1:

D – A idéia inicial que seria proteger e preservar o que nos sobrou da natureza. O que você está querendo dizer com o que sobrou da natureza? Do que se trata esse sobrou?

E – Bem é que antes né, tinha muito mais da natureza e agora tá acabando, e o que sobrou tem tanta gente querendo proteger e ao mesmo tempo quando eles chegam no poder eles não cumprem o que é... O... que... A... o... principal.... a idéia do começo.

Questão 2:

D – A idéia inicial que você está se referindo aqui no texto e depois cita que o poder corrompe e a idéia inicial é esquecida. Que idéia inicial é esta?

E – Ah, a idéia que as pessoas, os políticos tem do começo, de proteger a natureza.

Questão 5:

D – Você finaliza a idéia dizendo que existe muita corrupção no nosso mundo e então qual é a relação de corrupção com natureza?

E – Seria porque tem bastante dinheiro nisso tudo envolvido né, e tem bastante corrupção nisso também porque tudo que envolve dinheiro tem um pouco de corrupção também.

As respostas que foram obtidas na intervenção oral geraram aberturas para que o docente pudesse compreender o contexto que o aluno acionou e como ele conduziu o seu texto, que ponto significativo envolveu sua produção. Apesar de haver modificações na maioria dos textos submetidos à reescrita, este aluno conservou poucas idéias contidas no primeiro texto e praticamente elaborou um novo texto, com informações novas, que possivelmente tenham surgido do seu ambiente cognitivo no tempo de realização do segundo texto.

Veja-se todo o texto para melhor interpretação:

‘Um país é uma instituição e para essa instituição funcionar bem, tem que haver pessoas de bem, honestas e para atender as necessidades do povo. No nosso caso esse dirigente é o presidente, e a nossa instituição “democrática” é o Brasil. Brasil esse que têm fê de melhorar, de evoluir, de dar ao seu povo o que é merecido: dignidade.

O importante é cada um saber o seu limite, até onde você pode chegar sem prejudicar outras pessoas. Até mesmo o fato de **proteger e preservar o que nos sobrou da natureza** está sendo difícil de conseguir. Sabemos que, muitos só pensam em enriquecer através da exploração, mas a nossa luta e persistência tem que continuar.

As gerações futuras não podem sofrer diante da falta de caráter que tem nossa população. Administrar uma grande instituição é uma tarefa muito complicada, pois são pessoas com *idéias* diferentes, mas, os administradores se corromperam e esqueceram de bem administrar e é uma grave consequência para todos nós’.

Segundo as hipóteses para esta análise e as formulações adotadas conforme a metodologia de Rauen (2005) com base em Sperber e Wilson (1986, 1995), o contexto cognitivo deste aluno para a interpretação e a elaboração de todas as tarefas e, mais precisamente, a de elaborar o segundo texto, não se concebeu como uma variável fixa, mas foi sendo construído neste processo comunicacional. Assim, ele inclui novas interpretações e enunciados no seu texto reescrito correspondendo à acessibilidade do seu ambiente cognitivo (A_4) no tempo

de elaboração da reescrita (t_4). Portanto, as marcas do ambiente cognitivo do aluno que emergiram ao elaborar o segundo texto, não decorrentes das fases anteriores, são inéditas.

Veja-se:

$$E_2 = f(E_0, \mathbf{A}_4(A_3(A_2(A_1(E_0, A_0, t_1))))).t_4).$$

Terceiro recorte

No texto do aluno 12, os graus de explicitação foram contribuídos por influência da intervenção oral e de novas informações provenientes da memória enciclopédica deste aluno. Veja-se recorte do enunciado 1 do primeiro texto:

‘Hoje em dia os **ABUSOS** contra a **DEMOCRACIA** é enorme, ninguém tem mais respeito, fazem tudo para todos verem e sabem que não serão punidos pois a lei falha nesse fator’.

O enunciado do texto do aluno 12 gera a explicatura abaixo:

‘Hoje em dia os abusos Ø [de poder] contra a democracia é enorme, ninguém tem mais respeito Ø [com ninguém], Ø [os políticos] fazem tudo para todos verem e Ø [os políticos] sabem que [os políticos] não serão punidos pois a lei falha nesse fator’.

As informações do primeiro texto do aluno 12 trazem a marcação da entrada lexical ‘democracia’ e ‘abusos’, que possivelmente o aluno ambientou dos enunciados do texto de base (E_0) no ambiente cognitivo quando elaborou o seu primeiro texto. Contudo, a intervenção oral docente, interage com os enunciados do texto do aluno e esse processo de interação verbal tende a modificar o ambiente cognitivo do aluno, que pode contribuir para a alteração, a transformação de seu texto no ato de sua reescrita. Como se pode notar através das respostas obtidas na intervenção:

Questão 1:

D – Quais abusos você está se referindo propriamente no texto?

E – Ao abuso do político, do poder que ele tem, abuso na sua profissão, passa do limite.

Questão 2:

D – Mas por que você acha que estes abusos são enormes?

E – Pela falta de ética, de compromisso e de corrupção.

Questão 3:

D – Quem são as pessoas que você está se referindo na atribuição de “fazem”?

E – Aos políticos que estão no governo, aos ministros, deputados, esta gente toda do colarinho.

Agora, observe as marcas da intervenção oral e novas informações no texto reescrito pelo aluno, com base no seu primeiro:

‘**Hoje em dia está se cometendo muito abuso** por parte dos *políticos* na **DEMOCRACIA**, eles se acham donos do mundo e só porque chegaram num lugar de destaque, pensam que são os poderosos. É por isso que o **abuso** é cada vez mais enorme, pois eles *não têm ética*, e acabam sendo *corruptos*. Enquanto o pobre trabalha sol a sol, o rico carrega um montão de grana, até na cueca, como passou nos jornais. Pena que a lei no nosso país também é injusta, pois é muito difícil ver um rico ser preso e condenado’.

Pode-se concluir que, comparando-se os textos e os dados da intervenção, verifica-se que a influência da interação possibilita ao aluno explicitar melhor suas idéias no seu segundo texto.

Quarto recorte

O aluno 08 em sua produção textual enfatiza a corrupção e a ganância como causas e conseqüências do abuso do poder. Pode-se dizer que este aluno acionou do texto de base os itens lexicais ‘chances de abusos’ e, atribuindo-os assim, para as ocorrências retratadas em sua realidade. Como destacam os enunciados recortados do texto deste aluno:

(enunciado 1) Vivemos em um mundo extremamente materialista, onde o dinheiro e o poder predominam nas vidas de milhões de pessoas, onde encontram na corrupção uma forma mais fácil de obter poder econômico.

(enunciado 3) Muitos se revoltam com o abuso do poder, e com a crescente corrupção e ganância que vem tomando conta de nosso país e invade nossas casas todos os dias através de reportagens mostrando declaradamente o crescente número de corruptos em nosso país, pessoas que usam nossos dinheiros em favor próprio, ao invés de utilizá-los em favor da população necessitada, pobre, sem recursos econômicos.

Veja-se a explicatura dos enunciados:

(enunciado 1) Ø[nós] Vivemos em um mundo extremamente materialista, onde Ø [neste mundo extremamente materialista] o dinheiro e o poder predominam nas vidas de milhões de pessoas, onde Ø [as pessoas] encontram na corrupção uma forma mais fácil de obter poder econômico.

(enunciado 3) Muitos Ø [cidadãos] se revoltam com o abuso do poder, e Ø [muitos cidadãos se revoltam] com a crescente corrupção e ganância que vem tomando conta de nosso país Ø [o Brasil] e invade nossas casas todos os dias através de reportagens mostrando declaradamente o crescente número de corruptos em nosso país Ø [o Brasil], pessoas Ø [os corruptos] que usam nossos Ø [das pessoas] dinheiros em favor próprio Ø [dos políticos corruptos], ao invés de utilizá-los em favor da população necessitada, pobre, sem recursos econômicos.

Para compreender melhor os enunciados que o aluno escreveu, foram realizados questionamentos. Veja-se:

Questão 1:

D – Por que é através da corrupção que as pessoas encontram facilidades de poder econômico?

E – Pelo fato de que elas procuram o caminho mais fácil e rápido. Principalmente os políticos que convivem com milhões de reais, eles têm nas mãos o poder de desviar e tirar lucro nisso tudo. Como aconteceu no nosso país este ano.

Questão 3:

D – Quem se revolta com o abuso do poder e o que justifica esta revolta?

E – As pessoas é que se revoltam, eu me revolto, acho que todos os que votaram neste governo estão inconformados. É como uma mãe que educa bem o seu filho e depois ele se desvia pra outro caminho. E mais revoltados ficamos quando se vê que enquanto muitos nadam no dinheiro, bilhões nem vêem sombra dele.

Percebem-se no segundo texto do aluno as marcas da intervenção e do texto de base. Vejam-se trechos do texto do aluno 08:

Nosso mundo hoje convive com uma realidade bem problemática. O dinheiro e o poder são os instrumentos que as pessoas mais buscam para a sua vida, a qualquer

custo, pagando pelo preço de suas vidas muitas vezes. Aqueles que estão no poder e tem oportunidade de desviar dinheiro não pensam duas vezes, na democracia de países como o Brasil, as chances de abusos são grandes, pois não se tem uma fiscalização eficiente. Toda instituição humana tem os seus perigos, até cada pessoa pode estar sujeita a cometer abusos contra outra, em coisas pequenas, imagine tratando de casos maiores.

O aluno 08 retoma no seu segundo texto marcações que estavam no texto de base, sem que ele tenha comentado estas marcações na intervenção. Fica evidente na análise deste aluno e até de outros alunos que, o texto de base conseguiu estar mais presente na etapa da reescrita, o que indica que o aluno contextualizou o ambiente cognitivo do texto de base (A₁). Por hipótese, pode-se constatar que os alunos e, mais precisamente o aluno 08, alcançou maior compreensão do texto de base ao utilizá-lo com mais frequência nesta fase ou até mesmo pelo efeito cognitivo que ele gerou no contexto do ambiente cognitivo da reescrita (A₄).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação analisou, com base na Teoria da Relevância, os efeitos da intervenção oral docente nos graus de explicitação na reescrita de uma produção textual de alunos da 3ª série do ensino médio do Colégio Coopeimb de Imbituba, SC.

Para dar conta do objetivo desta dissertação, foi solicitado, a vinte alunos que elaborassem uma produção textual, sem determinação de linhas, a partir da leitura e interpretação de um texto de base. Esta atividade realizou-se em sala de aula, no dia 9 de setembro de 2005, no período matutino, na quarta aula. Posteriormente, houve, no dia 19 de setembro, no período vespertino, a partir das 13 horas, uma intervenção oral com a docente e, em seguida, os alunos reescreveram o texto.

O texto de base utilizado nas tarefas foi “As palavras de Gandhi”, selecionado por Richard Attenbourough. Esse texto foi retirado de um conjunto de propostas de redações a partir de textos não-literários, amostrados por Pacheco (1988, p. 84), sendo uma temática de redação de vestibular da UFSC, em função da série escolhida. O texto apresentado destaca a eventualidade do “abuso” em instituições, no caso a democracia. Gandhi revida a solução de se evitar a democracia com a de minimizar o abuso, defendendo a segunda solução.

Como, eventualmente, os temas das redações de vestibulares refletem assuntos da atualidade, optou-se por este texto devido ao destaque aos problemas de corrupção, envolvendo congressistas brasileiros (CPI dos Correios, CPI do Mensalão) no ano de 2005.

Coletados os dados, as produções foram digitadas, e a intervenção foi transcrita. Com base nesse *corpus*, foram aplicados os conceitos de forma lógica, explicatura e implicatura para explicar os processos de inferências necessários para a elaboração dos textos. Para dar conta da análise dos dados, foram definidos os seguintes procedimentos: a) o encaixe do enunciado dentro de sua respectiva forma lógica; b) a elaboração da explicatura do enunciado lingüístico; e c) a elaboração das implicaturas do enunciado lingüístico.

Uma vez analisado cada enunciado em particular, comparou-se o primeiro texto produzido pelo aluno e o segundo texto (reescrita), para verificar a influência da fase de intervenção docente na segunda produção. Para essa tarefa, adotou-se a metodologia de Rauen (2005) com base em Sperber e Wilson (1986, 1995).

No que diz respeito às análises podem-se tecer as seguintes conclusões. A hipótese operacional de que os conceitos de forma lógica, explicatura e implicatura, com base na Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986, 2001 [1995]) e Carston (1988), permitem uma descrição empírica e uma explicação adequada dos processos ostensivo-inferenciais envolvidos na reescrita de produção textual, por alunos de 3ª série do ensino médio, mediada pela intervenção docente, foi corroborada pelos dados.

Foi possível descrever e explicar: a) como os alunos consideram os insumos verbais dos enunciados do texto de base; b) como os alunos, com base na contextualização acima mencionada, derivaram possíveis implicaturas; e c) como os alunos, com base em muitas das possíveis implicaturas, conduziram suas interpretações.

A hipótese de trabalho de que em função da mediação do docente (segunda tarefa), os enunciados lingüísticos da reescrita da produção textual (terceira tarefa) serão caracterizados por maior explicitação, por meio de itens lexicais, dos conceitos das suposições a eles vinculados, foi parcialmente corroborada, uma vez que isso foi detectado em praticamente todos os textos dos alunos em diferentes intensidades.

A segunda hipótese de trabalho de que seria possível detectar nos enunciados lingüísticos da reescrita da produção textual (terceira tarefa), além de dados de suposições do próprio texto de base (tema): dados de suposições decorrentes da primeira tarefa, dados de suposições decorrentes da interação verbal docente (segunda tarefa) e dados de suposições inéditas (terceira tarefa), pode ser confirmada em todas as produções textuais reescritas, visto que na maioria delas, evidenciaram-se todas as marcas.

O estudo foi capaz de demonstrar, entretanto, que houve diferentes inferências nas duas atividades realizadas. Isso decorre do fato de que, ao realizar a produção do primeiro texto, o ambiente cognitivo do aluno definia-se apenas pela interação do texto de base com seu ambiente cognitivo prévio. No segundo texto, houve maiores efeitos em função da ampliação do ambiente cognitivo, que incluiu a primeira produção, o processo de intervenção oral e novas informações.

Decorrem desses resultados, pelo menos duas reflexões. No que se refere à reescrita do primeiro texto, vale constatar que os alunos, deixaram menos lacunas nesta fase de produção, explicitando melhor suas idéias. Indicaria assim, a confirmação da primeira hipótese de trabalho, que justifica a influência obtida pela intervenção oral docente. Isso ressalta o papel crucial da fase de intervenção, propiciando a seleção de contextos, fortalecendo as suposições e gerando melhor efeito contextual para a formulação do texto reescrito.

No que se refere ao segundo texto, pode-se ainda inferir que o contexto selecionado pelos alunos apresenta marcas explícitas do ambiente cognitivo do texto de base, do primeiro texto do aluno, da intervenção oral e de informações novas no momento da elaboração da reescrita. Pode-se dizer que o aluno, nesta última fase fez uma seleção dos enunciados a serem utilizados, encontrados nos contextos anteriores.

Segundo a Teoria da Relevância, a acessibilidade das informações varia. Pode ser que a entrada enciclopédica de um conceito se torne acessível quando aquele conceito aparece

numa suposição que já foi acessada. Assim, a escolha de um contexto para processos inferenciais em geral e para a compreensão é determinada, em algum dado momento, pelos conteúdos da memória do sistema dedutivo, pelos conteúdos da memória de curto prazo para propósitos gerais, pelos conteúdos da memória enciclopédia e pela informação que pode ser imediatamente retirada do ambiente físico. Vale lembrar que, por ser a reescrita uma fase próxima da intervenção, os conteúdos desta fase de intervenção puderam ser ativados em função da acessibilidade da memória de curto prazo.

A partir de toda essa série de possíveis contextos, a seleção de um contexto particular é determinada pela procura por relevância. Segundo os autores, ‘uma suposição é relevante num contexto à medida que seus efeitos contextuais neste contexto sejam grandes; uma suposição é relevante num contexto à medida que o esforço exigido para processá-lo neste contexto seja pequeno’ (GEDRAT, 1996, p. 46).

Sperber e Wilson defendem que as pessoas tendem a prestar atenção a fenômenos relevantes e a processá-los de forma a maximizar a relevância. Logo, eles acreditam que os indivíduos fazem estimativas da relevância ótima, o que afeta seu comportamento cognitivo. Alcançar relevância ótima envolve selecionar o melhor contexto possível no qual processar uma suposição: o contexto que permite o melhor equilíbrio possível de esforço contra efeito a ser alcançado. Assim, para professor e aluno, a produção reescrita, alcançou maiores efeitos contextuais, utilizando-se possivelmente, menores esforços de processamento, em virtude da explicitação dos enunciados e da seleção dos mesmos nos diferentes ambientes cognitivos.

Quando os alunos deixam vários itens lexicais implícitos, como aqueles encontrados no primeiro texto, exigem-se do professor um acréscimo de esforço cognitivo que, presumivelmente, seria compensado com ganhos cognitivos. Todavia, nem sempre isso acontece. Os professores, quando encontram textos com essas espécies de lacunas, rotulam o aluno, atribuindo defasagem na escrita, na formulação de enunciados, nos erros de concordância e

gramática, sem possibilitarem ferramentas para suprir estes problemas. Os resultados do segundo texto reforçam a importância de se tratar a escrita como algo a ser compreendido e não como mera tarefa escolar sem sentido.

Vale lembrar que durante a pesquisa e a análise da mesma, a pesquisadora precisou, dentro do possível, distanciar-se de suas crenças e culturas e do seu papel de docente desta turma ao analisar o processo interpretativo que envolveu cada produção dos referidos alunos. Dada as vaguezas e indeterminâncias inerentes à comunicação humana, nem sempre a intenção comunicativa do falante recuperada é a sua verdadeira intenção informativa pretendida. É possível detectar o viés comunicado pelos enunciados, ao passo que estes foram mediados pela intervenção que auxiliou nesta compreensão. Mesmo assim, poderia propor como sugestão, uma possível intervenção no último texto e até mesmo junto com o aluno comparar o primeiro e o segundo texto, para que ele próprio sentisse as diferenças e os efeitos alcançados.

Do ponto de vista de sua aplicabilidade, este trabalho pode ser utilizado para fins didáticos, em especial no seio de cursos em que há destaque para a comunicação e produção escrita, como Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Letras, Pedagogia, entre outros, como aqueles que possuem disciplinas voltadas para a produção e interpretação textual, que foi o enfoque aqui desenvolvido e que pode contribuir para novas visões sobre o processo interpretativo dos indivíduos, a linguagem escrita, a elaboração de textos diversos utilizados na área acadêmica.

O estudo da Teoria da Relevância não se esgota neste trabalho, especialmente na área da educação. Muitas são as possibilidades de explorar os conceitos da teoria associado a pesquisas em educação, em especial, em processos de ensino-aprendizagem, como: o processo avaliativo; as considerações sobre os métodos utilizados em sala de aula para comunicar o aluno; a interpretação de mapas, gráficos e leitura de imagens; a interação docente/discente

em sala de aula; na linguagem presente nas diferentes disciplinas curriculares, quais sejam elas; entre outros.

A partir disso, pode-se pensar que, se as hipóteses que se formulou foram corretas e se as conclusões se seguem, a tentativa de analisar a influência da intervenção oral docente na reescrita de produção textual pode ser considerada bem sucedida, uma vez que se cumpriu com o roteiro que se prometeu.

Entretanto, ainda há muito que se discutir em termos de relevância e muito por explicar em termos de reescrita e processos de ensino-aprendizagem da produção escrita. Isso pode ser uma tarefa para possíveis estudiosos, e modestamente, um passo de comprometimento da própria pesquisadora deste estudo em dar continuidade a este trabalho.

REFERÊNCIAS

BLASS, Regina. **Relevance relations in discourse: a study with special reference to Sissala**. New York: Cambridge University Press, 1990.

CABRAL, Octávio. O que será que ele sabe? In: **Revista Veja**, edição 1907, ano 38, n. 22, 1º de junho de 2005, p. 48-54.

_____. O PT assombra o Planalto. In: **Revista Veja**, edição 1909, ano 38, n. 24, 15 de junho de 2005, p. 52-65.

CARSTON, Robyn. Implicature, explicature, and truth-theoretic semantics. In: KEMPSON, Ruth. **Mental representations: the interface between language and reality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

CORAL, Ruth de Farias. **Progressão temática em entrevista de Anthony Garotinho a Boris Casoy: análise com base na teoria da relevância**, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

FODOR, Jerry. **The modularity of mind**. Cambridge: The MIT Press, 1983.

GEDRAT, Dóris Cristina. **Relevância na comunicação**. Verso & Reverso, v. 10, n. 20, 1996/1.

GODOI, Jaqueline Marcos Garcia de. **Influência de implicaturas na elaboração de resumo sem consulta ao texto de base: estudo de caso com base na teoria da relevância**, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo. **Fundamentos metodológicos da lingüística**. Campinas: Unicamp, 1982. V.4: Pragmática – problemas, críticas, perspectivas da lingüística – bibliografia.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MATIOLLA, José Antonio. **Aulas de Filosofia com alunos de sétima série do Ensino Fundamental**: análise de processos interacionais com base na teoria da relevância, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

MOURA, Heronides M. **Significação e contexto**: uma introdução a questões de semântica e pragmática. Florianópolis: Insular, 1999.

PACHECO, Agnelo de Carvalho. **A dissertação**: teoria e prática. São Paulo: Atual, 1988.

PAVEI, Maria de Fátima Silveira. **Influência do título na interpretação de charge**: estudo de caso com base na teoria da relevância, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão: Ed. da Unisul, 2002.

_____. Inferências em resumo com consulta ao texto de base: estudo de caso com base na Teoria da Relevância. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. esp., p. 33-57, 2005.

SANTA CATARINA – SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTOS, Mauro Bittencourt dos. Contrato de cooperação e implicaturas. In: MEURER, José Luiz, MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). **Parâmetros de textualização**. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.

SANTOS, Scheyla Damian Preve dos. **Interação jogos instrucionais, docente e estudantes em aulas de matemática sobre números inteiros**: análise com base na teoria da relevância, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

SILVA, Célia Maria da. **Processos ostensivo-inferenciais do filme *Neve sobre os cedros de Scott Hicks***, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

SILVA, Francisco de Assis. **História geral: história antiga e medieval**. 3. ed. rev. e atual., São Paulo: Moderna, 1994.

SILVEIRA, Jane Rita C. da. **Teoria da Relevância: uma resposta pragmático-cognitiva à comunicação inferencial humana**. Tese de Doutorado. PUCRS, 1996.

_____, FELTES, Heloísa P. M. **Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância**. 2. ed. Caxias do Sul: Edupucrs / Educus, 1999.

SPERBER, Dan, WILSON, Deirdre. Posfácio da edição de 1995 de “Relevância: comunicação & cognição”. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. esp., p. 171-219, 2005.

_____. Teoria da Relevância. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. esp., p. 221-268, 2005.

_____. **Relevância: comunicação e cognição**. Tradução de Helena Santos Alves. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001[1995].

VANDRESEN, Ana Sueli Ribeiro. **Interpretações do poema ‘O barro’, de Paulo Leminski, por docentes do Ensino Fundamental: análise com base na teoria da relevância**, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

WILSON, Deirdre. **Pragmatic theory**. Tradução livre de Fábio José Rauen. Original em inglês disponível em < <http://www.phon.uol.ac.uk/home/pragtheory> >. acesso em 20 dez de 2004.

ZAPELINI, Clésia da Silva Mendes. **Produção de texto oral e escrito a partir da interpretação de história em quadrinhos: análise com base na teoria da relevância**, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

ANEXO A – PRODUÇÕES TEXTUAIS

Produções textuais '01'

Aluno 0201

A democracia já existe há anos, logo a corrupção também deve ser uma herança, como já dizia um filósofo “o poder corrompe”. Homens como Lula que se dizem honestos, que “lutam” pelo povo, existem aos montes, mas quando se vêem poderosos acabam tendo recaídas, afinal “errar é humano”. O quadro que se encontra no nosso país, já se repetiu em outras presidências. A novidade talvez seria o aumento da mídia de hoje, que adora fantasiar algumas histórias para torná-las mais excitantes. A imagem que estão passando de Lula é que ele não sabia de nada, o que é meio difícil. Apesar de tudo, a população brasileira se mostrou responsável e participou de várias formas na democracia assistindo as CPIs, fazendo passeata e tudo mais.

Aluno 0301

Tudo está na cabeça de todos. Levar uma vida correta sem desvios de conduta hoje em dia é muito difícil. Todos querem tirar proveito de todos. É muito fácil fazer o que é difícil de se consertar, e é muito difícil de se consertar o que está estragado. Será que é tão difícil tomarmos atitudes dignas de seres não acéfalos? Enquanto o ‘este’ for ‘deste’ a democracia será ditadura.

Aluno 0401

Em nosso cotidiano obtemos realidades nítidas em relação aos abusos que o poder traz para o ser que tem este na mão, sendo tentado e assim cometendo fraudes onde se observa que quanto maior a instituição, mais funcionários é mais fácil de ocorrer abusos, pois cada setor tem um responsável e assim as pessoas responsáveis por outros setores só cuida deste e não se mete nos outros, assumindo assim um índice alto de responsabilidade no cargo. Muitas vezes esta responsabilidade que passa a ser poder por aquele setor, acaba se sentido superior, dono daquela área, e assim começa a vir aquele ditado que o poder sobe para cabeça e acaba ocorrendo maiores abusos. O abuso também vem ocorrer se o patrão tratar os funcionários mais como amigos do que funcionários, pois assim estes acham que podem se aproveitar por ser “amigo” do patrão e começa a desprezar ordens expostas pela firma devido a este fato. Podemos então assim observar que cargo, responsabilidade demais sobre uma pessoa ou a um grupo apenas, acaba corrompendo à pessoa/grupo que lidera este e que tem que existir a relação entre patrão e funcionário mais com prudência para não deixar que este se torne uma amizade abusiva.

Aluno 0501

Hoje a democracia sofre grandes abusos. Políticos corruptos, falta de honestidade dos eleitores e principalmente falta de consciência. A democracia que foi adquirida com tanto esforço passa hoje por um momento de crise, onde pessoas abusam de seu poder deixando de lado a opinião do povo. O direito de ter sua própria opinião, de poder expressá-la leva as pessoas a não saber usá-lo, onde a falta de consciência predomina, pensando que se pode retirar benefícios a si próprio sem pensar em seu país ou cidade, sendo que elas mesmas acabam se privando deste direito. A democracia é um direito de todos, mas por não saber usá-la as pessoas acabam prejudicando a si mesmas, pondo pessoas corruptas para expressar suas idéias. Exercemos democracia?

Aluno 0601

Politicamente falando, o Brasil atravessa uma séria crise, que pode inclusive, tirar o atual presidente do Brasil, Lula. Há pessoas que não crêem nesta possibilidade. Esta crise tem mostrado o grau de corrupção dos políticos brasileiros, o que para algumas pessoas, põe em cheque o valor da democracia. Não é só aqui no Brasil. Em quase todos os países de terceiro mundo isto acontece – mas não é só nestes. Nos Estados Unidos, por mais que seja escondido, sempre deixa vestígios, com “trambicagens” gigantescas, que de tão grandes, chegaria a ser ridículo desconfiar, como por exemplo, o ataque terrorista às torres gêmeas, em Nova York. Será que ninguém juntou os fatos de: Bush sonhar com o petróleo do ocidente; a falta de desculpas para atacar alguns produtos de petróleo e a enorme demora da força aérea americana em abater as aeronaves seqüestradas. Há muitos fatos em evidência que não são investigados pelo poder que o presidente Bush tem nas mãos. Qualquer instituição está sujeita a falhas, roubos e quaisquer “trambicagem”. Mesmo existindo os poderes legislativo, executivo e o judiciário, um país democrático pode ser folho. Cabe aos seus governantes fazer o certo, sendo honestos e inteligentes, todas as nações podem se desenvolver, inclusive de maneira “sustentável”.

Aluno 0701

Desde o princípio sabemos que a democracia é um modo de governo adotado na atualidade pelos países. Nosso país viveu muitos anos sob regime militar ditatorial, toda e qualquer manifestação que discordasse das idéias do governo era simplesmente proibida. Hoje, ao contrário daquela época, as pessoas conquistaram a liberdade de expressão e o país vive o auge da democracia e isso fez com que o Brasil evoluísse, porém atravessamos um período de crises econômicas e dos escândalos que teve este governo. Talvez o mundo no futuro, mostre que o problema da democracia passa pela influência que países, empresas e meios de comunicação venham a exercer sobre a opinião pública. Os adolescentes, como eu, não se interessam muito com a política, mas nós pensamos e queremos o bem para o país e que se desenvolva igual aos países do hemisfério Norte, mas para isso nós temos que mudar, nosso país deve ter uma geração mais interessada com a política porque senão a democracia não adianta de nada. O mundo é uma evolução e conforme o tempo vai passando as coisas vão mudando e tudo tem o seu lado bom e ruim.

Aluno 0801

Vivemos em um mundo extremamente materialista, onde o dinheiro e o poder predominam nas vidas de milhões de pessoas, onde encontram na corrupção uma forma mais fácil de obter poder econômico. Através da política, podemos expressar nossas opiniões e nossos direitos de cidadão, mas, infelizmente esses direitos não estão sendo valorizados e respeitados hoje em dia, as pessoas são influenciadas de maneira fácil, sem muitos esforços, e essa forma de poder vem trazendo grandes consequências não só em nosso país, mas em todo o mundo. Muitos se revoltam com o abuso do poder, e com a crescente corrupção e ganância que vem tomando conta de nosso país e invade nossas casas todos os dias através de reportagens mostrando declaradamente o crescente número de corruptos em nosso país, pessoas que usam nossos dinheiros em favor próprio, ao invés de utilizá-los em favor da população necessitada, pobre, sem recursos econômicos. A diferença social é um grande problema que vivenciamos gerando assim um grande descontentamento da maioria das pessoas, pois essa grande maioria sofre, devido essas diferenças, e essas ocorrem justamente pelo fato do grande aumento da corrupção onde é originada da ganância do ser humano.

Aluno 0901

Em todas as instituições como escolas, universidades ou local de trabalho existe uma democracia, um respeito com o próximo não abusar do poder, saber seu direito e o seu dever e devemos cumprir com todos os dois. Respeitar principalmente os nossos direitos não podemos abusar e nem desrespeitar quem tem mais direitos que nós, pois se eles tem este cargo é porque tem qualidades para seguir este “poder”, este di-

reito. Já os deveres também porque temos que ser auxiliados e até ajudados porque se não tivermos deveres ficará muito complicado de viver com outras pessoas porque não teremos limites, nossa vida ficará uma bagunça. Por isso todos merecem respeito e compreensão para vivermos em harmonia na sociedade, respeitando direitos e deveres, em todas as instituições no país e no mundo.

Aluno 1001

“Desordem e Regresso!”, esse deveria ser o slogan da nossa bandeira, pois analisando a situação do sistema soberano do qual somos submetidos. Temos todo o orgulho em dizer que o nosso é um dos países latino americanos mais desenvolvidos. Nosso PIB não fica entre os piores, mas podemos sim melhorar. Somos dotados de um potencial naturalmente rico, investimentos surgem de todos os lados e não vemos nem a cor do dinheiro. Não que queremos se aproveitar e capitalizar esse patrimônio. O que, nós brasileiros nos preocupamos é que o estrangeiro vem tomando conta do que é nosso e só nos resta defesa. Mas o papel das autoridades nesse momento, onde fica? Bem, acho que ficarão assistindo de camarote à essa lástima, pois eles andam preocupados demais com a questão político-financeira que aliás rouba toda a cena. É uma vergonha chegar até onde chegamos, passar por toda colonização que passamos, submeter os povos nativos à pior forma de escravidão e hoje, nós, resultado dessa miscigenação, acabamos com tudo que construímos. O Brasil é lindo e só precisamos acabar com essa lama que a gente vive pisando. E o pior é que ainda somos modernos e fazemos parte de ma democracia, escolhemos nossos governantes que nos fascinam com palavras intelectualmente e popularmente belas e com propostas de um mundo melhor que nos encham de esperança. Chegando ao poder se tornam estáticos com relação às suas dívidas. E eu me pergunto... onde foi que eu errei?

Aluno 1101

Cada pessoa tem seus direitos e por ele deve reivindicar e lutar. Um bom cidadão é aquele que usa de seus direitos para fazer o melhor a si e ao próximo, fazendo isso, nos tornamos bons e generosos. Sempre buscamos nossos direitos, mas muitas vezes ao lutarmos por eles esquecemos que também temos deveres a cumprir, sendo individualistas e até mesmo mesquinhas. Ter direitos não significa aproveitar-se deste, muito menos abusar, mais sim ter seus direitos alcançados sem usar deste para si mais sim para todos. Esses abusos que ocorrem são devido as chances que aparecem, pois se impossibilitamos essas chances, certamente menor será o abuso sobre todos. Devemos saber até onde reivindicarmos os nossos direitos, lutarmos por estes mesmos; devemos sempre aplicar os nossos deveres e principalmente impedir os abusos sobre nós.

Aluno 1201

Hoje em dia os abusos contar a democracia é enorme. Ninguém tem mais respeito, fazem tudo para todos verem e sabem que não serão punidos pois a lei falha nesse fator. Roubam o dinheiro da população, que soa para pagar os impostos e esperando melhores condições de vidas, mas em vez disso só vem impunição e trapaças. Mas só nós é que podemos mudar essa situação, pois nós somos os jovens, o futuro da nação, a esperança de mudança.

Aluno 1301

A democracia não é tão culpada assim pelos problemas sociais no Brasil. Ela apesar de não funcionar não é a culpada pois o único motivo de isso acontecer é a falta de mentalidade coletiva e social de nossa população. Não há uma real necessidade de mudarmos de regime político pois em primeiro lugar é necessário uma grande mudança de caráter de nossos governantes. Para que realmente haja um progresso no Brasil tem que haver uma união de nossa população e uma interação entre governantes e eleitores. Com isso qualquer regime pode funcionar no Brasil.

Aluno 1401

A sociedade atualmente se torna cada vez mais abusiva, em seu geral, o desrespeito tem tomado o lugar da sensatez dos seres, em fato, as instituições não propõe um limite para os seus membros e funcionários, pois a organização da própria já está ficando fora do alcance das mãos de quem realmente deveria se importar com esta. acredito que talvez este fato seja decorrente da centralização do poder em poucas pessoas, uma consequência da grande ambição de pessoas, que apesar de viverem em uma democracia, não a interpretam no seu sentido verdadeiro. Porém, somente a consciência de percepção dos erros dos próprios, fará com que esta sociedade caia na real de que as consequências abusivas nas instituições atuais, terá reflexo significativo no futuro do país.

Aluno 1501

A idéia inicial seria proteger e preservar o que nos sobrou da natureza, mas como geralmente acontece o poder corrompe e a idéia inicial é facilmente esquecida. Mas se as pessoas que sempre lutaram e vivenciaram isto como uma meta ao conseguirem o que sempre quiseram acabam se debandando para o outro lado, o que nós pobres jovens estudantes podemos fazer? Ficar parado é o que não vai adiantar, não temos muito o que fazer mais o pouco que fizermos poderá com certeza mudar muita coisa, pode acontecer de não surtir efeito imediatamente, mas a nossa luta obviamente terá lido a pena, não por nós, mas sim para as gerações futuras. Sonhar, lutar e persistir, é o melhor que podemos fazer e será muito bom tirar um pouco da corrupção em que o nosso mundo vive.

Aluno 1601

Democracia, um belo nome para um belo ideal, o povo “mandar” escolhendo e decidindo as coisas a partir da maioria, mas o poder corrompe e não existe uma forma de governo que seja completamente livre de corrupção, a mente humana não permite isso, e além do mais, nada é perfeito apenas podemos se aproximar dela assim como nas formas de governo. E nem sempre a democracia funciona, sempre existem aquelas pessoas de mente fraca que são manipuladas de alguma forma pelos políticos, mas é melhor do que uma ditadura sem a mínima liberdade.

Aluno 1701

A democracia está sim sujeita a erros, mas há uma maior facilidade de errar quando pensa-se que exercer a democracia consiste apenas em votar em um candidato. Enquanto essa for a consciência do povo, os abusos serão constantes. Fazer parte de uma democracia não apenas votar e “estufar o peito” achando que exerceu o seu papel de cidadão. Passada as eleições muitos se sentem no direito de reclamar. Para que a democracia não seja tão fácil de errar, não podemos esperar providências apenas dos governantes. O povo tem o dever de cobrar as promessas feitas pelos candidatos. Só assim podemos diminuir os abusos cometidos.

Aluno 1801

As instituições que trabalham com o público sofrem muito com os abusos sofridos frequentemente feita pelos administradores, que sem escrúpulos retiram dinheiro público que deveria ser utilizado em obras para a população que está cada vez mais pobre e seus direitos sempre desrespeitados pelos seus líderes, sem querer generalizar é claro, mas como se pode ver nestes últimos meses como está o caso do Mensalão e muitos outros que já tivemos envolvendo o dinheiro público. O problema e a solução são difíceis de resolver e de se propor uma melhoria, um exemplo seria diminuir o número de pessoas que mexem com esse dinheiro, e colocar um grupo de segurança, pessoas que possam ser confiáveis e estejam sempre alertas com esses abusos. Para essas pessoas que nos proporcionam um grande sofrimento de não ter o

que precisamos, e merecemos é fácil viver, pois eles não sofrem com os problemas e abusos que causam a humanidade.

Aluno 1901

A democracia existe porque o ser humano não é confiável, principalmente quando é uma democracia abusiva. Se se tornou algo abusivo é porque abriram portas para isso. O abuso da democracia não existiu desde sempre, foi existindo aos poucos, com os picaretas aparecendo com os roubos constantes, etc. Ou seja, esse abuso nem sempre existiu, nasceu quando o ser humano foi se tornando errado. A democracia é necessária, é um modo de ser mantido uma ordem, muitas vezes claro, exagerada, mas é exagerada por culpas de uns que não souberam ter limites. É óbvio que quanto maior o lugar, maior será o abuso da democracia, afinal mais famílias terão e mais picaretas estarão ali no meio. Como não ter democracia num mundo com tantos problemas, tantos roubos, malandragem, etc. Nem tudo que é demais é ruim. A democracia é chata, é cansativa, mas não errada. A democracia na política sim é abusada, os políticos secam até não dar mais, nos tiram até os últimos, não nos deixam nada porém a democracia do povo é diferente da democracia da política, a política nos exige coisas absurdas e nós cobraremos coisas um dos outros de forma abusiva também. Nós temos a necessidade de uma democracia, é uma forma de mantermos o equilíbrio, nós arrancamos dos outros o que a política nos arranca. É ação, é reação, entendeu? É a pura necessidade... E na minha opinião não existe democracia abusiva se é democracia já é abusada.

Aluno 2001

É de certa forma comum vermos, hoje em dia, anarco-punks, neocomunistas, etc. criticando o capitalismo, e as multinacionais e concentração de renda vindos com ele. O que poucos percebem é que, qualquer que seja a política econômica adotada, o que traz desigualdade e insatisfações é o constante abuso do poder por parte dos governantes, estes que – muito ironicamente – foram escolhidos pela maioria do povo, que tanto reclama. Por mais irônico que isso soe, o povo não tem culpa pela escolha infeliz. Infelizmente não há a inscrição “corrupto” na testa dos políticos com os quais tal título é condizente (quase todos, diga-se de passagem). Infelizmente (modo invariável), cada mandato tem sido uma decepção (no mínimo). Eles fazem aqueles que – ingenuamente – os escolheram de palhaços, e sequer financiam os narizes vermelhos. Aumenta desigualdade, aumenta a insatisfação e - de forma diretamente proporcional – aumenta a revolta dos anarco-punks, neocomunistas... que preferem lutar por utopias a se conformar com a dura realidade, ou encarar o fato de que, não importa a política adotada, sempre haverão pessoas inclinadas ao abuso do poder. Então, por enquanto, o jeito é cruzar os dedos e torcer para que, da próxima vez, dê certo, ou que apareçam as tais inscrições, ao menos na ficha policial.

Transcrição da intervenção oral docente ‘02’

Aluno 0202

D - Quando escreves que o poder corrompe e errar é humano, por que essa relação?
E – Tipo é que eu dei o exemplo que eu tava querendo falar de governo, que no caso como, tipo o presidente, quando ele sai da pobreza ali no discurso dele tá falando que errou que tal. E é para influenciar o povo, e daí quando ele chega lá em cima e vê aquele dinheiro todo na mão dele, daí tipo, passa, se corrompe, ele erra, tipo, começa a pegar dinheiro para usar pra ele, pra fim tipo, lazer, e daí se corrompe, sei lá...

D – No enunciado: A imagem que estão passando de Lula é de que ele não sabia de nada, o que é meio difícil. Por quê? E – É porque eu acho que a imagem que ele não ia tipo não saber de nada. É... Como é só o PT que tá sendo beneficiado com isso logo ele tinha que ter algum, alguma forma de tar mandando esse dinheiro, ou então saber né, ah não sei direito desse funcionamento de política. Mas acho que ele como governante administra e não tem como não saber.

Aluno 0302

D – Quando escrevestes ‘levar uma vida correta sem desvios de conduta hoje em dia é muito difícil’. Por que é muito difícil? E – Porque há vários caminhos menores que a pessoa pode seguir pra obter o mesmo resultado. Ou seja, tem muita gente que trabalha, faz um trabalho braçal, trabalha o dia inteiro pra conseguir é, o salário final do mês. E tem gente que trabalha bem pouco e consegue bem mais do que essa pessoa que trabalha o dia inteiro fazendo bastante esforço físico.

D – Todos querem tirar proveito de todos. Que tipo de proveito todos querem tirar de todos? E – Todo proveito que uma pessoa quer tirar sobre a outra é o lucro. Lucro desde o esforço físico. Da [...]. A pessoa que vai pagar quer que a pessoa que trabalhe, trabalhe mais, pra essa pessoa pagar menos, até trapacear, fazer uma trapaça de negócios. Todo mundo quer tirar proveito nas costas, à custa dos outros.

D – No seu texto quando citas que ‘é muito fácil fazer o que é difícil de se consertar, e é muito difícil de se consertar o que está estragado’. Você poderia citar um exemplo para esclarecer melhor? E – Tudo começa na própria escola, quando a gente riscar a carteira. É muito fácil de riscar todas as carteiras, agora pra servente ter que limpar todas, ela tem que limpar uma por uma, ou seja, pra ela ter que arrumar o que a gente estragou é muito mais difícil do que a gente estragar pra ela limpar.

D – Enquanto o este for deste a democracia será ditadura. Por quê? Por que será que isto pode acontecer? Quem é este? Deste? E – Enquanto o... tá... a cadeira tá aqui. Tem uma cadeira aqui na minha frente. Enquanto a cadeira tá aqui ela é essa cadeira, no caso que faz uma democracia, no caso ela é livre, mas depois que eu pego essa cadeira ela passa a ser minha, ou seja, deste, então a ditadura. Quando eu tenho a cadeira nas minhas mãos eu posso fazer o que eu quiser com ela, é, e isso faz relação com a ditadura. Que quando eu tenho o poder na minha mão qualquer coisa eu posso fazer com... o meu poder.

Aluno 0402

D – Que realidades nítidas são as que você se refere no primeiro enunciado? E o que os abusos trazem de consequência para o ser? E – É que nós conseguimos ver que nas organizações de nossa sociedade tem muita diferença no tratamento das pessoas e tem aquele que sai ganhando mais e outros menos. Geralmente quem tem poder abusa do outro que não tem, ou às vezes chantageia com dinheiro, e vira um ciclo vicioso para todos.

D – Que relação pode ser feita entre o ditado ‘o poder sobe pra cabeça’ e as suas considerações no texto? Explique melhor. E – Bom, tem gente que quando sobe de cargo ou é promovida, ou aumenta o salário já se acha, e pensa que pode mandar em tudo. Tem gente que não sabe lidar com este tipo de status e acaba se prejudicando e também prejudicam muitos outros.

D – Como solucionar os problemas que você menciona no texto no quarto enunciado? E – Começar a escolher pessoas adequadas para estar em lugares de chefia, ou então oferecer melhores condições para todos, sem beneficiar a um grupinho. Enquanto a desigualdade for muito grande haverá um pisando no outro.

Aluno 0502

D – Hoje a democracia sofre grandes abusos. Quais seriam esses abusos? E – A falta de respeito com o cidadão, também a compra de votos, a venda né, seria.

D – Que tipo de crise é essa que a democracia vem passando? Que momento de crise é esse? E – Principalmente a falta de consciência né, do cidadão, que acha que colocar uma pessoa para governar o país é uma coisa simples e não é, é uma coisa bem complexa, porque é nossa política, nossa economia que está em jogo.

D – Por que será que os políticos agem dessa forma? E – Pelo próprio cidadão de certa forma abrir mão dos seus direitos, ele mesmo se priva de ter o direito de escolher as pessoas para botar no poder, ter a sua própria opinião.

D – Quando você menciona ‘A democracia é um direito de todos, mas por não saber usá-la as pessoas acabam prejudicando a si mesmas, pondo pessoas corruptas para expressar suas idéias’, o que poderia ser feito? Por que acontece isso de colocar gente corrupta no poder? E – Pelo fato de as pessoas estarem querendo se beneficiar no momento, de período das eleições. Só que depois vem quatro anos, e essas pessoas acabam ficando no poder, e elas não pensam no bem do país, e só pensam no bem próprio, em adquirir pra si mesma. E não beneficiam a população e só adquirem pra si próprio.

Aluno 0602

D – Por que muitas pessoas não acreditam na possibilidade de o presidente sair? E – Porque muitos acham que ele tem o poder para tudo, mas não é bem assim, neste caso se o povo se une e começa a se envolver, tudo pode mudar. Como foi na época com o Collor.

D – Que valor da democracia você está se referindo no terceiro enunciado? E – A democracia é a melhor forma de governo que existe, sem ela muita coisa não estaria tão evoluída. Graças a ela o povo tem participação. Mas com toda esta corrupção, que mostrou o abuso marcante na democracia, ela decaiu, parece não condizer com a sua teoria. Pois um sistema democrático, deveria ser melhor praticado sem chegar a tal ponto.

D – Que falhas qualquer instituição está sujeita a cometer? Por quê? E – A falha de não conduzir como deveria, o desvio pela falta de segurança, de compromisso, de fiscalização e organização, muitos não se comprometem e não cumprem com as normas estabelecidas. Violam as leis, tudo por um bocado de dinheiro.

D - ‘Cabe aos governantes fazer o que é certo’, para você o que é certo fazer? E – Administrar a vida daquele país, cidade ou estado que ficou responsável. E não administrar primeiro a sua vida, como muitos fazem. E só no último ano que já está perto de uma outra eleição eles fazem uma ou duas obras públicas. Política não é cabide de emprego e nem de ascensão, deve ser um compromisso para com um dos órgãos mais importantes do país.

Aluno 0702

D – Quais países você quis expressar no primeiro enunciado do texto? E – Os países capitalistas, a maioria deles é democrático, tanto faz se é de primeiro mundo ou de terceiro mundo.

D – Que tipo de crises econômicas e escândalos o país vivenciou? E – As crises que nós tivemos e ainda estamos tendo que é a corrupção política que sempre existiu, só que agora estourou. E isso acaba atingindo a nossa economia, o que não é bom para nós.

D – Por que adolescentes não se interessam muito com a política? Isso tem consequência? E – Bom falando por mim que sou jovem, a política em si já é uma coisa chata. O jovem ao votar ainda não tem consciência plena do que faz, do seu papel. Mas isso pode ser mudado, se as gerações desde cedo trabalhar isso com as crianças e os adolescentes. Para que a gente não tenha problemas como este que o Brasil está tendo.

D – Quando você menciona ‘O mundo é uma evolução, e conforme o tempo vai passando as coisas vão mudando e tudo tem o seu lado bom e ruim’. O que é bom e ruim? E – Bom seria o fato de poder colocar os podres destes políticos para o público, pois quem não conhecia este lado deles agora já sabe, e o ruim é o fato de que isto nem sempre acaba bem e traz muito atraso para o país, gera crises e desentenen-

dimentos, mas como evoluímos, isto é só mais uma fase, como foi a ditadura, e tantas outras.

Aluno 0802

D – Por que é através da corrupção que as pessoas encontram facilidades de poder econômico? E – Pelo fato de que elas procuram o caminho mais fácil e rápido. Principalmente os políticos que convivem com milhões de reais, eles têm nas mãos o poder de desviar e tirar lucro nisso tudo. Como aconteceu no nosso país este ano.

D – Que conseqüências a forma de poder vem trazendo não só para o país e em todo o mundo? E – O fato de que as coisas são conseguidas facilmente e daí começam a se acharem e acabam cometendo até corrupção e abusam do poder e da autoridade que eles têm.

D – Quem se revolta com o abuso do poder e o que justifica esta revolta? E – As pessoas é que se revoltam, eu me revolto, acho que todos os que votaram neste governo estão inconformados. É como uma mãe que educa bem o seu filho e depois ele se desvia pra outro caminho. E mais revoltados ficamos quando se vê que enquanto muitos nadam no dinheiro, bilhões nem vêem sombra dele.

Aluno 0902

D – Por que você acha que em todas as instituições se deve cumprir com os dois ‘direitos e deveres’? E – Ah, porque se a gente esquecer de um e não fizer o outro vai sempre acontecer o que a gente já costuma ver. Um querendo ser melhor que o outro, um explorando o outro, não respeitando, e abusando do poder.

D – No que poderá ser esta bagunça que você descreve no texto? E – Seria a desordem que existe se a gente não cumprir com o nosso dever. Tipo eu sou aluno, tenho meus direitos, isso eu conheço de cor. Mas no dia-a-dia acabo esquecendo do dever, e não faço. Aí eu ultrapasso do meu limite e me acho no poder de fazer o que bem entendo. É isso que os políticos e grandes poderes fazem.

D – De que forma conseguir harmonia, respeito dos direitos e deveres nas instituições de nosso país? E – Bah, isso é complicado. Agora eu acho que o melhor que se tem a fazer é garantir o essencial, que é boa educação, saúde, saneamento básico, e salário, se o povo tiver isso, a gente vai poder viver melhor. E por outro lado, ficar de olho grande nos poderes políticos, para não abusar demais dos direitos.

Aluno 1002

D – Que associação você faz entre o sentido ‘Desordem e regresso’ e o sistema soberano para o Brasil? E – É pelo fato de que nosso país tem tudo pra ser uma grande nação, e, no entanto, a gente só vê soberania, autoritarismo, que não conseguem chegar perto da frase de nossa bandeira que é ordem e progresso.

D - Por que existe tanto investimento e ao mesmo tempo nem se vê a cor do dinheiro? E – Porque no Brasil o repasse para o povo não acontece, são bilhões e bilhões sendo jogados em besteiras, até avião para o presidente, conta no exterior, aplicação em imóveis lá fora, e aqui, gente passando fome, sem água, sem casa, sem estudo, sem salário digno.

D – Que lama é esta que precisamos acabar? O que é tão vergonhoso para o nosso país? E – Estes políticos que se fazem de cordeiros para só depois das eleições se revelarem como lobos. Isso é ser muito corrupto, a corrupção maior está na cara de cada político, de cada promessa que eles fazem, em cada eleição. Isso é vergonhoso pra um povo que se diz evoluído, que está em pleno século XXI.

D – Nos dois últimos enunciados do texto você descreve sobre as propostas e como é a situação da política e, no final se questiona ‘onde foi que eu errei’? Por que esta dúvida? Por que existe essa sensação de culpa? E – Ah, é porque a gente vê tanto discurso, tanta coisa que parece que vai dar certo, acaba se deixando influenciar,

mas depois a ilusão vem. Não é culpa do povo, mas a gente de certa forma colocou os políticos, só que a gente também pode tirar. De certa forma está em nossas mãos esta decisão.

Aluno 1102

D – Por que você descreve que cada pessoa deve reivindicar por seus direitos? E – É, cada um de nós tem direitos, e podemos lutar, por exemplo, o caso das mulheres, elas foram a luta pelo direito do voto e hoje tem. Já está mudando, as pessoas estão indo em busca dos seus direitos.

D – Quando você menciona sobre abusos dos direitos, aproveitarem-se deles, quem seriam os indivíduos que abusam? Por quê? E – Bom seria os governantes, eles estão abusando do poder que receberam, eles até têm direitos, mas em muitos casos eles se acham no direito de fazer o que bem entendem.

D – ‘Os abusos que ocorrem são devido as chances que aparecem’.quais abusos e quais chances você está se referindo? E – Ao abuso do direito, tem sempre aquele que passa do limite, abuso de quem tem poder e cargo elevado. Pois eles têm a chance de melhorar financeiramente, roubam, pois o dinheiro passa pela mão deles.

Aluno 1202

D – Quais abusos você está se referindo propriamente no texto? E – Ao abuso do político, do poder que ele tem, abuso na sua profissão, passa do limite.

D – Mas por que você acha que estes abusos são enormes? E – Pela falta de ética, de compromisso e de corrupção.

D – Quem são as pessoas que você está se referindo na atribuição de ‘fazem’? E – Aos políticos que estão no governo, aos ministros, deputados, esta gente toda do colarinho.

D – De que forma você acha que esta situação poderia ser mudada? E – Eu acho que é o jovem que tem que ser consciente na hora de votar e também o povo tem que exigir seus direitos. Na minha opinião, a gente precisa ter voz e vez.

D – Mas, então você acha que não temos voz e vez? E – Mais ou menos, a democracia é muito bonita quando a gente estuda ela e na prática é outra bem diferente.

D – Que mudanças propriamente você está se referindo no final do texto? E - Mudança na administração do país, que deveria ser para melhor e não andar para trás.

Aluno 1302

D – Por que você descreve que a democracia não é tão culpada assim? E – Porque ela não é só feita de políticos. Nós todos somos responsáveis.

D – Por que não funciona a democracia? E – Devido ao regime mesmo, pois os políticos vivem pensando no seu bem estar próprio, falta caráter.

D – Com relação a falta de mentalidade coletiva e social de nossa população, explique melhor o que você quis dizer? E – As pessoas são egoístas. Não pensam num todo. Tanto é que em época de eleição vendem o voto. Não tem caráter, cidadania, compromisso.

D – Em que sentido deve haver uma união de nossa população? E – Na própria conscientização da população, elas devem ter mais responsabilidade na hora de votar, e assumir uma nova postura, ou seja, impor uma nova postura dos governantes.

D – Como seria essa interação entre governantes e eleitores? E por que qualquer regime pode funcionar no Brasil? E – É pelo fato de que no Brasil não há cobrança, a pessoa vota e depois se afasta da política, colocando toda a responsabilidade na mão de quem governa. Com isso o direito de cada cidadão não é cumprido nem respeitado e vemos um monte de corrupção acontecendo. O povo precisa estar mais presen-

te, por isso interação, e assim, acho que qualquer regime funcionaria bem, desde que os governantes e o povo tivessem nova postura.

Aluno 1402

D – Em que sentido a sociedade se torna cada vez mais abusiva? E – Eu acho que é porque ela tá abusando dos poderes, pelo fato de ela ter muito poder, concentrado na mão dela, abusando desse poder em cima de quem não tem tanto.

D – Quais as instituições que você se refere e que tem, que sofrem abuso? E – Eu acho que são as instituições do governo, prefeito, deputado, tudo isso tá abusando do poder.

D – Qual seria o sentido verdadeiro da democracia que você cita no segundo enunciado? E – Eu acho que a democracia é tipo, todo mundo dando uma opinião, todo mundo falando, e pelo abuso do poder, as pessoas acabam não vivendo numa democracia, eles impõem e a gente obedece, e é uma consequência...

D – No final quando você escreve que as consequências abusivas terão reflexo significativo no futuro do país. Esse reflexo é positivo ou negativo? E – A gente já está vendo que é um reflexo negativo. E a tendência é cada vez ficar pior, porque o povo tá só esperando, enquanto todo mundo faz o que bem entende.

Aluno 1502

D – A idéia inicial que seria proteger e preservar o que nos sobrou da natureza. O que você está querendo dizer com o que sobrou da natureza? Do que se trata esse sobrou? E – Bem é que antes né, tinha muito mais da natureza e agora tá acabando, e o que sobrou tem tanta gente querendo proteger e ao mesmo tempo quando eles chegam no poder eles não cumprem o que é... O... que... A... o... principal.... a idéia do começo.

D – A idéia inicial que você está se referindo aqui no texto e depois cita que o poder corrompe e a idéia inicial é esquecida. Que idéia inicial é esta? E – Ah, a idéia que as pessoas, os políticos tem do começo, de proteger a natureza.

D – Por que você acha que há este debando das pessoas pro outro lado e que lado seria este? E – Ah, seria o lado do dinheiro que eles acabam indo, começam a ganhar dinheiro e acabam esquecendo o que seria na verdade.

D – Você poderia citar um exemplo do que podemos fazer para mudar muita coisa, quando no seu texto você escreve estas questões? E – É que seria a educação, que dando exemplo quem sabe isso tudo, as crianças, os jovens consigam não se debandar pro outro lado, consigam preservar a natureza. São poucas coisas, gestos pequenos.

D – Você finaliza a idéia dizendo que existe muita corrupção no nosso mundo e então qual é a relação de corrupção com natureza? E – Seria porque tem bastante dinheiro nisso tudo envolvido né, e tem bastante corrupção nisso também porque tudo que envolve dinheiro tem um pouco de corrupção também.

Aluno 1602

D – Por que você considera a democracia como um ideal? Que motivo e fator levam a considerar que não existe forma de governo livre de corrupção?

E - Porque a gente sabe que a democracia na teoria é uma coisa e na prática ela tem uma outra postura. Ditadura, socialismo, militarismo, monarquia e democracia, em todos estes tipos de governo encontramos corrupção, abuso do poder. Pois são grandes entidades e é difícil de ter controle sobre tudo.

D – Por que você escreve que a mente humana não permite isso? O que é isso no texto? E – É que o ser humano tem instintos bons e também ruins. A mente humana

não permite que não se tenha corrupção, só se todos os seres fossem anjos e não existissem os bens materiais.

D – Nem sempre a democracia funciona. Como assim? E – É que a democracia como eu já tinha dito não acontece como deveria e funciona do jeito que quem está no poder quer, e isso nós sabemos que os políticos deixam e muito a desejar.

Aluno 1702

D – Quais erros a democracia está sujeita, e por que é mais provável errar quando se exerce democracia na eleição pelo voto em candidatos? E – Pelo fato de a democracia ter liberdade de expressar e decidir, ela tem a tendência de errar, pois é uma sociedade toda envolvida, muita gente com idéias e ações diferentes. Um dos erros maiores é o das eleições, pois elas ainda acontecem pela manipulação, pelo jogo sujo, pelo dinheiro.

D – O que você acha que poderia ser feito para que o povo tenha mais consciência e a situação de erro possa amenizar e até se estagnar? E – Investir em educação de qualidade, o povo é mal instruído, e a parcela pobre não tem uma consciência da necessidade de escolher certo. Enquanto a política estiver voltada para o interesse do lucro e de quem entra lá quer primeiro encher o bolso, a gente não vai conseguir nada, o erro continuará.

Aluno 1802

D – As instituições que trabalham com o público sofrem muitos abusos. Quais seriam estas instituições? E – Ah, programas como o bolsa escola, amigos da escola, estes que são ligados ao governo.

D – Quais abusos estas instituições sofrem? E – Problemas de desvios de verbas, quem precisa fica sem auxílio e os que comandam e administram estes programas acabam se beneficiando e se corrompendo, atuando na corrupção.

D – Quando você escreve que ‘o problema e a solução são difíceis de se resolver’. Como assim? Que problema? Que solução? E – Ah, o problema que é a corrupção, roubo, ladroagem. E a solução que não tem, não vai parar nunca a corrupção, principalmente neste mundo mesquinho e ganancioso que é o nosso.

Aluno 1902

D – Quando que nós temos uma democracia abusiva? Como ela seria? E – Quando começa a ter muita corrupção, ladroagem e os políticos voltam a ser sujos como sempre, quando ela começa a se desviar. Seria a democracia que a gente vive hoje, passou dos limites e é difícil consertar agora.

D – O que propiciou o aparecimento e a crescente demanda de picaretas e abusos na democracia? E – O fato de crescer muito os poderes, as chances de enriquecer, a facilidade em ser político, não precisa fazer muito esforço, nem estudo, você precisa ter um bom discurso e pronto.

D – ‘A democracia é chata, é cansativa mas não errada’, o que você quis dizer com isso? E – Que a democracia em si não é ruim, quando eu digo que é chata e cansativa, é porque pra mim ela enquanto sistema político não me interessa, principalmente quando tem eleições, acho que muita gente não gosta, não sei se isso é porque não fomos ensinados para isto. Mas eu tenho consciência de que se soubermos leva-la no caminho certo, é um ótimo sistema.

D – Por que não existe para você democracia abusiva, já que é a democracia abusada? Em que sentido ela é abusada? O que fazer para não ser tão abusada? E - Quando eu falo que é abusada, tem dois sentidos, abusada de chata, uma coisa que a população não liga muito, diferente de futebol que é a paixão nacional e abusada de pessoas que abusam dela, que usam do poder para se beneficiar e cometer façanhas. Para que ela não seja tão abusada nos dois sentidos, deve ser mais bem trabalhada

nas eleições, e deveria ter alguns critérios para ser político, para que nem todos, ou qualquer um pudesse se candidatar. Fazem leis para tanta coisa, e esquecem disso tão importante.

Aluno 2002

D – Em que sentido cada mandato tem sido uma decepção? E – No sentido de voltarmos em políticos péssimos, totalmente fora do padrão, diga-se. Eles não têm ética suficiente para administrarem e escolherem bons administradores. De certa forma nós temos uma parcela de culpa nisso.

D – Por que lutamos por utopias ao invés de nos concentrarmos na realidade? O que você se refere nestas colocações? E – Porque achamos mais cômodo sonhar com uma realidade quase impossível, ao passo que poderíamos estar planejando medidas para a realidade na qual estamos, precisamos ter os pés mais firmes, e deixar de lado esta coisa de ‘se um dia’.

D – Como fazer para que da próxima vez as eleições dêem certo? Que medidas podem ser tomadas? E – A elaboração de determinadas regras para que não tivéssemos candidatos tão ruins ao ponto de anular o voto, isso pode ser melhorado, com critérios para ser político, o que precisa ter ou não ter, ser, resgatar o passado, para quem sabe amenizar futuros casos de corrupção e abusos nítidos e enormes.

Produção textual (reescrita) ‘03’

Aluno 0203

A democracia já existe há anos, logo a corrupção também deve ser herança, como já dizia um filósofo “o poder corrompe”. Homens como Lula que se dizem honestos, que prometem igualdade, emprego para os desempregados, existem aos montes, mas quando eles vêem todo o poder que um presidente tem em suas mãos, acabam se corrompendo, afinal ‘errar é humano’. O quadro político que se encontra no Brasil, já se repetiu em outras presidências. A novidade talvez seria o aumento da mídia sensacionalista de hoje, que adora fantasiar os casos a fim de torná-los mais interessantes. Porém na hora de falar do presidente eles dizem que ele não tem nada com crise pois não tinha conhecimento, o que eu acho muito difícil, já que o partido com maior envolvimento é o PT. Apesar de tudo, a população brasileira se mostrou mais consciente e exerceram seus deveres de cidadão de várias formas assistindo as CPIs, fazendo passeatas e muito mais.

Aluno 0303

Levar uma vida correta sem desvios de conduta hoje em dia é muito difícil. Pois existem pessoas que procuram tirar proveito da situação e até mesmo dos outros. E geralmente esse proveito é o lucro. Isso acaba trazendo desigualdade, rivalidade, desonestidade e até corrupção, como aconteceu com os nossos políticos. A esta altura em que se encontra o nosso país, pode-se dizer que estamos na grande dificuldade de se consertar aquilo que já está estragado. Mas o que não pode é ficar mais estragado ainda. Infelizmente, os políticos tomam proveito da situação e buscam justificar seus atos e o povo tem que engolir a qualquer custo. Que abuso! Será isto uma democracia? Ou ditadura disfarçada?

Aluno 0403

Podemos perceber em nossa sociedade a diferença que existem nos diferentes ramos de organizações, o que nos leva a verificar que, muitas pessoas são bem mais beneficiadas do que outras, algumas conseguem com mais facilidade, outras são massacradas e humilhadas. Muitos abusos de poder ocorrem quando uma pessoa sobe de cargo ou é beneficiado com um bom emprego e salário, e aí acha que pode pisar nos

outros e sair dando ordem em tudo. É por isso que quando se trata de política e cargos que se assume nela, temos que escolher bem quem serão os nossos representantes, e quem eles colocarão nos outros setores, pois senão os prejuízos serão muitos, e a chance de abuso é bem maior.

Aluno 0503

Hoje a democracia sofre grandes abusos. Ocorre muita falta de respeito com o cidadão, políticos corruptos estão crescendo a cada dia, e a consciência do voto nas eleições ainda é trabalhada de forma tradicional, na compra e venda de voto. Isso na verdade, não é democracia, por muito que se queira dizer. Infelizmente, passamos por um grande momento de crise, no nosso país, que teve como consequência os escândalos do governo de Lula. Mas isto é devido a falta de conscientização do povo, às vezes não exigimos nossos direitos e os políticos têm a chance de fazer o que quiserem, não cobramos deles aquilo que prometeram. A democracia é um direito de todos, mas parece que o povo só vê este direito no momento das eleições, quando quer se beneficiar, e depois faz questão de deixar que o político governar do jeito que bem entender, pois ele já recebeu o dinheiro pelo seu voto, e agora não cobra mais nada, aí está o grande erro da democracia.

Aluno 0603

A política brasileira atravessa uma série de crises, que está até sujeita a acontecer como na história já vivida pelo país na época do Collor, que foi afastado do cargo de presidente. Isso pode ser uma consequência desta fase crítica. Só que esta fase não é só realidade do Brasil, como também de países desenvolvidos, como os Estados Unidos, por exemplo. As crises políticas e econômicas são muitas e estão presentes na maior parte dos países, principalmente os democráticos. Esta falha da democracia pode ser de certa forma corrigida, se houver melhor compreensão do povo, mais crítico ao eleger candidatos, e que haja um sistema mais seguro na fiscalização, para não ocorrer desvios de montantes como estes que vimos no Brasil. Os governantes precisam saber que ao assumir uma administração de um país eles devem dar prioridade as questões sociais, e não as questões individuais, como administrar sua vida com os bens públicos, utilizando recursos públicos. Ele já ganha mais do que o suficiente para exercer esta profissão. As nações de terceiro mundo, como o Brasil, podem se desenvolver, cabe eleger políticos honestos e inteligentes, que caminhem de maneira sustentável e trabalhem coletivamente.

Aluno 0703

A democracia foi uma das formas de governo encontrada pelos países para que se desenvolvesse melhor a política, a economia e a sociedade. Ela deu abertura para que todos pudessem participar e serem beneficiados. No entanto, não foi só nos regimes militares e ditatoriais que as crises forma intensas e o governo manipulava as pessoas. Em pleno regime democrático vemos cenas expostas a este tipo de crise, e de certa forma, bem problemática, pois mostra o lado da corrupção, da lavagem de dinheiro, do roubo e dos desvios para as mãos das camadas poderosas da sociedade. Os adolescentes costumam não se interessar por assuntos da política, embora se preocupem com o bem para o país e que atinja desenvolvimento para se comparar a país de primeiro mundo. Como estamos constantemente evoluindo, cremos que a evolução política do nosso país pode melhorar, pois podemos encarar esta crise como um fator positivo, pois abriu os olhos para muita gente, foi uma escola para que na eleição próxima para presidente, não se possa eleger gente corrupta.

Aluno 0803

Nosso mundo hoje convive com uma realidade bem problemática. O dinheiro e o poder são os instrumentos que as pessoas mais buscam para a sua vida, a qualquer custo, pagando pelo preço de suas vidas muitas vezes. Aqueles que estão no poder e tem oportunidade de desviar dinheiro não pensam duas vezes, na democracia de países como o Brasil, as chances de abusos são grandes, pois não se tem uma fiscaliza-

ção eficiente. Toda instituição humana tem os seus perigos, até cada pessoa pode estar sujeita a cometer abusos contra outra, em coisas pequenas, imagine tratando de casos maiores. A diferença social é um grande problema que infelizmente enfrentamos no Brasil, isso devido as formas com que as pessoas são tratadas, aos diferentes tipos de vida, o que indica mais facilidade e menos punição para aquele que possui poder aquisitivo, se ele roubar, não vai ser preso, o dinheiro compra a sua liberdade. Por isso é que na política vem aumentando os casos de corrupção, ganância e injustiças, devido à superexploração e interesse financeiro.

Aluno 0903

Nas diferentes instituições de nossa sociedade, seja ela a família, a escola, o governo, existe uma democracia, ou seja, as pessoas têm que ter direitos e deveres, elas precisando respeitar este espaço e os limites de cada um. Devemos respeitar os direitos de todas as pessoas, não podemos abusar e nem desprezar o direito de quem tem, mas ao mesmo tempo, cada um é obrigado a praticar os seus deveres, e não esquecê-los, pois senão, tudo vira bagunça. E esta bagunça, é o caso do nosso país que está vivendo na política pelo fato de quem tem poder achar que pode tudo, e usa demais do direito a ponto de cometer abusos. Não que teremos uma sociedade onde os direitos e deveres serão cumpridos todos eles corretamente, mas a gente pode evitar muita coisa se houver conscientização, e uma educação que privilegie estes valores nas pessoas. Uma sociedade que não tem distinção e conhecimento de direitos e deveres não conseguirá viver democraticamente.

Aluno 1003

Ao analisarmos o slogan de nossa bandeira 'Ordem e Progresso', vemos uma oposição ao que vem ocorrendo em nosso país no que diz respeito a área da política, pois está sendo uma verdadeira 'Desordem e Regresso'. É isso mesmo, parece estarmos regredindo no tempo em que os governos manipulavam, em que o dinheiro era concentrado nas mãos de uma minoria, em que o abuso de autoridade era marca característica. Nosso país tem tudo para ser uma grande nação, nosso PIB não fica entre os piores, temos uma potencial de recursos naturais, e no entanto, o dinheiro fica sendo aplicado em contas no exterior para tal deputado, paraísos fiscais no Caribe, compra de imóveis no exterior, aplicação para benefício próprio, dinheiro e mais dinheiro, e as dívidas aumentando, a pobreza se multiplicando, somada aos baixos salários e ao desemprego em massa. Que país é este? Que autoridades são estas que ficam discutindo leis e mais leis no congresso? Que poder judiciário é este que não interroga os verdadeiros culpados e não age? É por isso que a corrupção chegou ao extremo, e só faltou dizer que o Lula está por trás de tudo isso. Infelizmente escolhemos nossos governantes que nos fascinam com palavras intelectuais, popularmente belas e com propostas de um mundo melhor, o que já é uma grande corrupção, chantagear as pessoas e ainda manipular pela compra do voto, de um emprego. Assim, nós temos que diminuir estes erros eleitorais, e conscientizarmos que um voto vale mais que qualquer emprego, dinheiro, vale a dignidade, a boa saúde e educação para cada pessoa, o direito a saneamento, atendimento, a bons salários, à vida justa e digna.

Aluno 1103

Cada pessoa tem seus direitos e por ele deve reivindicar, um exemplo disso são as mulheres que conseguiram o direito do voto e tantos outros. Cidadãos bons são aqueles que usam dos seus direitos para fazer o melhor, a si e ao próximo. E não é isso que os políticos de hoje fazem. Eles passam do limite e abusam dos direitos. Ter direitos não significa aproveitar-se deste, mas saber usá-lo, de forma correta sem agredir. A nossa atual política brasileira está mostrando o contrário disso, abuso demais dos direitos e os deveres não cumpridos, pois se fossem a justiça já deveria julgá-los. A melhor maneira de impedir esses abusos é através do voto consciente e justo, afinal, a nossa eleição não deixa de ser um tanto abusiva, até o voto se compra e se vende.

Aluno 1203

Hoje em dia está se cometendo muito abuso por parte dos políticos na democracia, eles se acham donos do mundo e só porque chegaram num lugar de destaque, pensam que são os poderosos. É por isso que o abuso é cada vez mais enorme, pois eles não têm ética, e acabam sendo corruptos e roubando o dinheiro que seria para melhorar a vida da população. Enquanto o pobre trabalha sol a sol, o rico carrega um montão de grana, até na cueca, como passou nos jornais. Pena que a lei no nosso país também é injusta, pois é muito difícil ver um rico ser preso e condenado. Mas só nós podemos mudar essa situação, a começar pelo nosso voto e pelos direitos que temos, exigir mais justiça e segurança. Pois nós jovens temos que lutar, é de nós que vem a esperança de mudança.

Aluno 1303

A democracia em nosso país precisa ser mais bem entendida para não ser julgada como um problema sem saída. Se formos analisar o funcionamento deste regime, ele está sendo desviado de seu padrão normal, o que justifica dizer que não é mudando o sistema democrático para outro que as coisas vão mudar. Pois temos que resolver os problemas atuais, porque senão eles acompanharão outros regimes. Governantes e eleitores são peças principais na constituição de um sistema democrático, para não ocorrer falhas, cada um tem que procurar desempenhar o seu papel, e cobrar que o outro faça o seu também. Os dois precisam assumir novas posturas, capaz de renovar a cara da política brasileira que passa por crises, que a meu ver, podem ser um passo para estas mudanças.

Aluno 1403

Parece que a cada dia a sociedade está se tornando cada vez mais abusiva, principalmente abusos cometidos pelas pessoas que concentram poder em suas mãos, no caso do Brasil, temos o abuso do poder político. O abuso é consequência da grande ambição das pessoas e das facilidades que elas encontram para cometer estes abusos, no caso de políticos, de grandes empresários, que tem acesso a praticarem abusos, cabe a eles discernir entre os atos que forem tomar. Esses abusos automaticamente terão reflexos negativos, porém somente a consciência de percepção dos erros dos próprios fará com que a sociedade caia na real, o que é muito complicado. Os eleitores é que devem cair na real em votar conscientes e não deixarem se conduzir pela manipulação dos grandes.

Aluno 1503

Um país é uma instituição e para essa instituição funcionar bem, tem que haver pessoas de bem, honestas e para atender as necessidades do povo. No nosso caso esse dirigente é o presidente, e a nossa instituição “democrática” é o Brasil. Brasil esse que têm fé de melhorar, de evoluir, de dar ao seu povo o que é merecido: dignidade. O importante é cada um saber o seu limite, até onde você pode chegar sem prejudicar outras pessoas. Até mesmo o fato de proteger e preservar o que nos sobrou da natureza está sendo difícil de conseguir. Sabemos que, muitos só pensam em enriquecer através da exploração, mas a nossa luta e persistência tem que continuar. As gerações futuras não podem sofrer diante da falta de caráter que tem nossa população. Administrar uma grande instituição é uma tarefa muito complicada, pois são pessoas com idéias diferentes, mas, os administradores se corromperam e esqueceram de bem administrar e é uma grave consequência para todos nós.

Aluno 1603

A democracia como uma forma de governo em que o povo tem grande participação nas decisões e praticamente é livre para escolher, nem sempre é um ideal. Esta frase tão bonita às vezes fica só no papel. Sabe-se que é difícil você ter um sistema político onde as coisas caminhem corretamente, já que neles existem relações de poder, atribuições diferentes. E então teremos manipulação, abuso de autoridade, corrup-

ção, desvios de verbas, irregularidades, má aplicação e distribuição de renda, que prejudicam a camada pobre da sociedade. A vantagem é que o povo tem a chance de quando tiver pessoas deste nível no poder, a cada quatro anos decidir se continua ou não. Neste ponto a democracia é muito melhor que uma ditadura.

Aluno 1703

A democracia está sim sujeita a cometer erros, assim como nós seres humanos. Pelo fato de ser uma instituição humana, as chances de errar são grandes. Estes erros são os possíveis abusos que ele pode sofrer por parte das pessoas que fazem parte dela. Um dos grandes erros da democracia está na forma como é conduzida as eleições. Existe a participação do povo, a decisão, mas infelizmente o jogo sujo que existe por trás é que é um erro. Compra de voto, manipulação de idéias, políticos falsos, interesseiros, sem caráter. Para que a democracia não seja tão facilmente errada, não podemos esperar apenas providências dos governantes. Tudo começa pelo voto, pelo nosso dever de cobrar as promessas feitas pelos candidatos. Só assim podemos tentar diminuir os abusos cometidos pelos políticos.

Aluno 1803

Grande parcela das instituições que trabalham com o público, como os desvios de verbas que acontecem com estes programas do governo, os amigos da escola, bolsa escola, etc., são freqüentemente abusados pelos seus administradores. E quem precisa desse dinheiro fica sem auxílio. O dinheiro público infelizmente neste país não vai para os bolsões de pobreza, e sim, para os bolsões dos grandes políticos, que se fartam às custas daquilo que seria para todos. Haverá prosperidade, progresso e desenvolvimento num país que busca na individualidade o crescimento? Problemas são muitos, soluções quase nada. Que saída, que rumo nós podemos encontrar. Uma melhor distribuição dos poderes, uma vista grossa em cima dessa gente, e um país onde o policiamento, as leis, o poder judiciário funcione, porque prender um pobre que rouba comida para matar a fome dos filhos, é muito fácil, agora um rico que ganha Mensalão, mesada, verbas, dinheiro fácil, que não é seu, portanto roubou, é difícil de prender. Que diferença social grande. Por isto estamos numa situação caótica como esta.

Aluno 1903

Vivenciamos um momento da história da política brasileira em que a democracia vem se tornando abusiva. O jogo do interesse, da lavagem de dinheiro, dos rombos dos ministérios e das organizações tem se tornado ainda mais problemático. Por um lado isso serve para desmascarar esses que se dizem os melhores e sabidos. Mas fica-se muito triste ao saber que nada acontece com estas pessoas, o que deixa a entender que isso é normal e pode até continuar a ocorrer porque não teve justiça e punição. O aumento de picaretas, de políticos sem vergonha está crescendo, o que deveria diminuir, mas penso que seja devido as chances de crescer e enriquecer com facilidade, ao comodismo das pessoas em querer tudo de mão beijada. A democracia está sendo abusada pelas pessoas que cometem façanhas para se dar bem, e exageram na quantidade a ponto de ocasionar graves crises. Se isso continuar acontecendo as pessoas vão ficar muito chateadas e se interessar cada vez menos por estas coisas da democracia e da política, já que não vemos atitudes corretas e que deveriam trazer desenvolvimento e pleno direito de cidadania para a população. A hora de mudar não é só nas eleições e depois esquecer, temos que ficar em cima direto, pois o abandono do povo leva a quem está no poder a fazer o que vem à sua cabeça.

Aluno 2003

É de certa forma comum vermos, hoje em dia, anarco-punks, neocomunistas, etc. criticando o capitalismo, e as multinacionais e concentração de renda vindos com ele. O que poucos percebem é que, qualquer que seja a política econômica adotada,

o que traz desigualdade e insatisfações é o constante abuso do poder por parte dos governantes, estes que – muito ironicamente – foram escolhidos pela maioria do povo, que tanto reclama. Qualquer pessoa que tenha o poder tende a abusar dele, seja de forma mais direta ou indireta, com muita ou pouca intensidade. Assim, há que se pensar democraticamente na hora de escolhermos os administradores políticos e na hora de participar das propostas e cobrá-las. Infelizmente não há a inscrição “corrupto” na testa dos políticos com os quais tal título é condizente (quase todos, diga-se de passagem). Cada mandato ultimamente, tem sido uma decepção. O que leva a perceber se somos nós que não tivemos discernimento político e não votamos no candidato certo, ou nos passaram uma ideologia muito boa de proposta política a ponto de nos convencer. Aumenta desigualdade, aumenta a insatisfação e - de forma diretamente proporcional – aumenta a revolta dos anarco-punks, neocomunistas... que preferem lutar por utopias a se conformar com a dura realidade, ou encarar o fato de que, não importa a política adotada, sempre haverá pessoas inclinadas ao abuso do poder. Então, por enquanto, o jeito parece ser cruzar os dedos e começar a pensar na próxima eleição, para que dê certo, que a realidade vivida sirva de um grande exemplo e escola para não cometermos futuros erros ao escolhermos candidatos indevidos, pena que cada candidato não traz sua ficha pessoal escrita para ser lida antes das eleições, senão nosso susto iria ser grande.

ANEXO B – INSTRUMENTO DE PESQUISA

Este trabalho foi digitado conforme o Modelo:
“Dissertação”
do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem
da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL
desenvolvido pelo Prof. Dr. Fábio José Rauen.